

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Sociologia  
Programa de Pós Graduação em Sociologia

**Bruno Lobato Bonzanini**

**A constelação da barbárie**

**Teoria Crítica, psicanálise e autoritarismo.**

São Paulo  
2023

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.  
Departamento de Sociologia  
Programa de Pós Graduação em Sociologia

**Bruno Lobato Bonzanini**

**A constelação da barbárie**

**Teoria Crítica, psicanálise e autoritarismo.**

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação  
em Sociologia do Departamento de Sociologia da  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de  
mestre em Sociologia sob a orientação do Professor Dr.  
Ricardo Musse.

São Paulo  
2023

## Banca Examinadora

Professor. Dr. Ricardo Musse - orientador

Instituição: Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Professora. Dr.<sup>a</sup> Monica Muniz Pinto de Carvalho

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Professor Dr. Gustavo José de Toledo Pedroso

Instituição – UNESP – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Campus de Franca

Professor Dr. Afrânio Mendes Catani

Instituição: Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação.

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE****Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

**Nome do (a) aluno (a):** Bruno Lobato Bonzanini

**Data da defesa:** 26/04/2023

**Nome do Prof. (a) orientador (a):** Ricardo Musse

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 28/08/2023



*(Assinatura do (a) orientador (a))*

## Agradecimentos

Escrever de forma acadêmica ou acompanhar com mais profundidade as discussões realizadas no âmbito acadêmico é algo complicado para alguém como eu que sempre me acho lendo e escrevendo o que não deveria. Tal tarefa sempre exigiu um enorme esforço para que fosse possível apenas um resultado simples.

Agradeço a Gustavo Pedroso pela paciência nos primeiros passos quando eu ainda reproduzia (e muito) o esclarecimento dentro da Teoria Crítica. Além da dedicação extrema ao passar os sábados à tarde trabalhando em seu ciclo de estudos, tendo ainda mais paciência com meus comentários improdutivos. Tudo isso na fria cidade de Franca dentro do campus da Universidade Estadual Paulista. Como eu sinto saudades daquele período. Acredito que Gustavo não tenha dimensão de como era (e ainda é) admirado pelos meus colegas de turma e todos que o cercam.

Uma pessoa muito humana e que de fato reproduzia em ações aquilo que defendia. Após horas no ciclo de estudos, visivelmente cansado, toda a turma acompanhava o mestre até a saída do campus. E obviamente no caminho sempre íamos alugando ainda mais o professor, pois mesmo apesar de nos sentirmos pequenos em torno de sua figura, todos sabiam quem ele era e que ao contrário de muitos professores, seríamos tratados com todo o respeito por ele. Após essa caminhada, Gustavo ainda utilizava o demorado

transporte público do interior paulista. Os estudantes iam ao delírio com o novo professor de Filosofia.

Muitas vezes me lembrei de sua postura e seu exemplo, afinal fui professor por alguns anos e senti a responsabilidade ao perceber que me tornei referência. No ofício todos os professores se inspiram e reproduzem seus antigos mestres. Quando quase perdia a paciência com um de meus estudantes sempre me lembrei de Gustavo e enfim entendi a importância do exemplo e de como carregamos isso.

Agradecimentos também não devem faltar à querida professora Mônica Carvalho que leciona na renomada Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e que aceitou o convite de meu orientador Ricardo Musse para atuar em minha banca de mestrado. Analisando de forma muito produtiva minha qualificação que mais parecia um profundo fichamento cheio de referências. Agradeço a ela pela postura séria e sincera. Mesmo trocando poucas palavras foi perceptível a sua dedicação e humanidade. Não gosto nem de pensar que profissionais como ela pararam tudo o que fizeram para ler um texto simples e bagunçado como o meu. Mas sua postura foi muito respeitosa, mesmo diante de alguém que como eu não leva jeito para esse ofício. Mas ainda há tempo, tomarei outro caminho levando os exemplos que tive.

Agradeço obviamente ao meu professor e orientador Ricardo Musse. Uma grande pessoa que me recebeu muito bem. Lembro que havia desistido de me inscrever na seleção para o mestrado depois de pensar muito, mas ele não desistiu de mim e me pediu para que me inscrevesse. Lembro ainda de um detalhe sobre a nossa conversa no e-mail, pois acabei sendo indelicado e grosso sem querer, ao escrever cansado após chegar do trabalho. Além disso,

Ricardo teve uma postura absolutamente compreensiva com problemas de saúde que venho enfrentando.

Acreditei que as portas se fechariam para mim, no entanto sua postura foi de preocupação e demonstrou estar ao meu lado ao mesmo tempo em que propôs soluções. São nesses momentos quando tive certeza que as portas se fechariam que com toda a serenidade que ele transmite me fez lembrar quem ele realmente é. Tive muita sorte de ter bons mestres ao longo dessa breve trajetória e isso sempre me deu forças. Todos me ensinaram nos mínimos detalhes a ser uma pessoa melhor não importa o caminho que seguir no futuro.

Agradeço ainda ao professor Afrânio M. Catani pela crítica rígida e construtiva com relação ao meu trabalho. Observações indispensáveis foram realizadas por ele. Sou grato por sua postura que contribuiu muito na melhoria deste trabalho, um profissional incrível.

# A constelação da barbárie; teoria crítica, psicanálise e autoritarismo.

## Resumo

Este trabalho analisa as estruturas e raízes sociais do surgimento e defesas de discursos antidemocráticos nos estudos de Adorno sobre o autoritarismo, entre elas: A Técnica Psicológica das Palestras Radiofônicas de Martin Luther Thomas. Discutindo o que leva a defesa de movimentos antidemocráticos que contrariam os interesses de seus próprios apoiadores. Abordando além dos trabalhos empíricos, elementos menos discutidos no pensamento do autor, como a psicanálise freudiana e a postura de Adorno ao se posicionar diante da ideologia e valores burgueses inseridos nas concepções do pai da psicanálise. Além das influências de Horkheimer, ainda se analisa a presença de outros membros do Instituto e os trabalhos empíricos anteriores do grupo que do mesmo modo exerceram, devido a sua relevância e competência, grande influência sobre o frankfurtiano e suas concepções. Ao realizar uma crítica imanente da ciência burguesa, da psicanálise e das estruturas sociais, Adorno desnuda a sociedade que vive sob a sombra da barbárie.

**Palavras chave:** Adorno, psicanálise, Teoria Crítica, fascismo, autoritarismo.



# The constellation of barbarism; critical theory, psychoanalysis and authoritarianism.

## Abstract

This work analyzes the structures and social roots of the emergence and defense of anti-democratic discourses in Adorno's studies on authoritarianism, including: The Psychological Technique of Martin Luther Thomas' Radiophonic Lectures. Discussing what leads to the defense of anti-democratic movements that go against the interests of their own supporters. Approaching, in addition to empirical works, less discussed elements in the author's thought, such as Freudian psychoanalysis and Adorno's posture when taking a stand on the ideology and bourgeois values inserted in the conceptions of the father of psychoanalysis. In addition to Horkheimer's influences, the presence of other members of the Institute and the group's previous empirical works are also analyzed, which also exerted, due to their relevance and competence, a great influence on the Frankfurtian and his conceptions. By carrying out an immanent critique of bourgeois science, psychoanalysis and social structures, Adorno lays bare the society that lives under the shadow of barbarism.

**Key words:** Adorno, psychoanalysis, Critical Theory, fascism, authoritarianism.

# Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
• Fromm, Adorno e a crítica à psicanálise.....	15
• Nova sociedade, novos indivíduos e o esmagamento da subjetividade .....	18
• Pollock, Capitalismo de Estado e o esmagamento do liberalismo .....	22
• O Esmagamento da família e da autoridade paterna .....	25
• Benjamin, Adorno e o anjo da História .....	35
• Fromm e os trabalhos empíricos do Instituto .....	40
• A conturbada década de 1930 .....	47
<b>Teoria Freudiana, propaganda e fórmula da barbárie.....</b>	<b>53</b>
• Uniformidade e identificação.....	54
• Naturalização da autoridade.....	65
• Idealização da autoridade.....	74
• Agressão legitimada.....	76
• Liberação emocional.....	86
<b>A execução da Barbárie .....</b>	<b>91</b>
• O Mensageiro.....	92
• Pequeno Grande Homem.....	94
• Pânico Moral.....	97
• Esmagamento da reflexão.....	102
• Autoridade e verdade.....	111
• Inversão do cristianismo.....	120
• A criação do inimigo.....	130
• Constelações Administradas.....	140
• O fim do indivíduo.....	150



Music generates an indestructible minimum of morality that will prove its worth even in these times.

Theodor W. Adorno

Why mankind instead of entering into a truly human condition, is sinking into a new kind of barbarism?

Theodor W. Adorno

## Introdução

“It would be advisable to think of progress in the crudest, most basic terms: that no one should go hungry anymore, that there should be no more torture, no more Auschwitz. Only then will the idea of progress be free from lies.”

Theodor W. Adorno

As tentativas de se expor e compreender o surgimento e a ascensão de movimentos antidemocráticos no século XX gerou um enorme esforço e uma vasta literatura acerca de tais fenômenos. No conturbado contexto em que o radicalismo entra em ascensão no começo do século XX, ainda durante o início do processo que posteriormente podemos narrar como o aparecimento e a proliferação do Nazismo na Alemanha, o Instituto para Pesquisa Social, conhecido externamente e posteriormente como a ‘Escola de Frankfurt’, formada por diversos intelectuais de origem judaica com um claro estranhamento político com o radicalismo crescente fora perseguido e impactado desde o início do processo de emergência da barbárie. Conforme a perseguição e a intolerância adentram a esfera do Estado e a barbárie gradativamente se torna a norma e avança sobre minorias e opositores, o exílio torna-se a única saída para muitos diante do avanço nazista. O próprio Instituto teve suas atividades suspensas ainda durante o processo de ascensão do fascismo na Alemanha.

O exílio, no entanto, não significou o fim das atividades do Instituto e de seus membros. Mesmo enfrentando graves problemas, os trabalhos e a

atuação de seus colaboradores continuam durante esse período. Horkheimer que se tornara o segundo diretor do Instituto em 1931, posição que ocuparia por um longo período, instala-se inicialmente em Nova Iorque, antes de se estabilizar na costa leste seguido de Adorno e outros colaboradores.

Adorno por sua vez participou ativamente dos trabalhos do Instituto, não apenas nos trabalhos filosóficos e ainda sobre a Indústria Cultural, o qual ficou mais conhecido, mas de muitos trabalhos empíricos. Atuando no projeto sobre o rádio, ainda nos anos de 1930, analisando os discursos de um pastor dono de sua própria rádio e igreja, além de atuar em um grande projeto do Instituto que fora intitulado: A Personalidade Autoritária, em adição a Dialética do Esclarecimento, obra escrita junto a Horkheimer, apenas para citar algumas de suas principais colaborações relevante para este trabalho. Influenciado principalmente por Hegel e ainda por Marx, a presença da psicanálise e suas colaborações empíricas em seu pensamento não recebem a devida atenção como as obras e seus trabalhos ligados à filosofia. As influências de Adorno são diversas e abordaremos suas prováveis raízes ao longo de outras discussões mais adiante, além de Horkheimer obviamente, Fromm, Benjamin e Pollock inspiram concepções de Adorno.

Horkheimer ainda em seu discurso inaugural em janeiro de 1931, quando assume oficialmente a direção do Instituto, deixa evidente que mudanças fundamentais para o que se entende sobre Teoria Crítica hoje estavam em andamento. Em seu discurso o novo diretor deixa claro a sua visão de conhecimento e filosofia social. Para ele seria necessário um enorme esforço ligado a uma maior interdisciplinaridade. A ciência produzida pelo Instituto não poderia ser como a ciência burguesa tradicional que procura e

produz uma verdade imutável. Muito mais do que isso a Teoria Crítica iria ser complexa, diversificada, dialética e auxiliada pelo conhecimento empírico: “[...] Rather, it was to be understood as a materialist theory enriched and supplemented by empirical work<sup>1</sup>”.

### Fromm, Adorno e a crítica à psicanálise.

Contudo essa presença da psicanálise não é um mero uso de conceitos da teoria freudiana ou um reducionismo ao explicar fenômenos sociais recorrendo a argumentos que se sustentam exclusivamente no nível psíquico dos sujeitos. Tais fenômenos sociais são complexos sendo difícil apontar um agente sendo mais relevante do que outros ao seu lado. Hierarquizar e matematizar o mundo é tarefa da ciência burguesa, Adorno tem plena consciência dos padrões normativos contidos em práticas sociais e valores que estruturam a própria ciência que se apresenta como universal. A moral burguesa permeia a ciência e apenas uma postura que priorize uma crítica imanente, ou seja, uma crítica que desnude e exponha os pressupostos contidos na psicanálise freudiana poderia dialeticamente demonstrar aquilo que pertence ao campo da moral burguesa e aquilo que de fato possa iluminar o objeto e contribuir na construção de uma emancipação efetiva. Dessa forma a presença da psicanálise no pensamento de Adorno corresponde não apenas a uma interpretação da teoria freudiana, mas também como um instrumento livre da dominação e da balança burguesa que torna tudo igual. Erich Fromm e sua

---

<sup>1</sup> Jay, Martin. *The dialectical imagination: a history of the Frankfurt School and the Institute of Social Research, 1923-1950*. Berkeley and Los Angeles, California. University of California Press. 1996. Página 37.

postura crítica diante da psicanálise e todo seu cuidadoso revisionismo influenciam as concepções e o comportamento cauteloso de Adorno diante de Freud. Apesar de Fromm se afastar do Instituto por diferentes razões, suas contribuições são inegáveis para as discussões ligadas a psicanálise para os frankfurtianos.

Ao mesmo tempo em que há um debate entre os frankfurtianos sobre temas mais específicos. É perceptível que há um estranhamento em diversos aspectos entre Adorno e Freud, não apenas concepções teóricas, mas um nítido estranhamento político pode ser observado entre o frankfurtiano e o psicanalista. Apesar de isso ser óbvio essa aproximação tem de ser elucidada em seus mínimos detalhes.

Essa crítica imanente da psicanálise é abordada aqui, pois ela é um relevante instrumento nos trabalhos de Adorno ao refletir sobre o autoritarismo vigente na Europa durante o contexto e principalmente quanto aos movimentos antidemocráticos e todas as tensões que pairavam sobre a democracia estadunidense que já vivia sob a sombra do autoritarismo. Seja a análise de indivíduos como os agitadores (de um ponto de vista social, histórico e psicanalítico) ou dessa conjuntura que produz indivíduos que são mais suscetíveis à adesão e acolhimento da propaganda antidemocrática e toda a complexidade que ela carrega. Toda essa presença da psicanálise em Adorno e sua minuciosa aproximação da teoria freudiana são discutidas por Bruno Carvalho em *Psicanálise e Crítica Social em Adorno*, onde fica perceptível não apenas os debates de Adorno e Fromm quanto a moral e a razão burguesa que a teoria freudiana carregava, mas ainda o cuidado do frankfurtiano ao demonstrar a presença da psicanálise em seu pensamento. Desde reflexões



ligadas a música, passando pelo ensaio sobre o antissemitismo ou ainda acerca da própria “gênese” do indivíduo burguês na figura de Ulisses junto à noção do eu e a renúncia ao canto das sereias. Freitas, no entanto destaca como Adorno aplica a psicanálise não apenas para os problemas ligados ao fascismo e todas as tensões políticas, mas ele desloca a discussão abordando até mesmo a aplicação prática da teoria freudiana já como um instrumento de dominação sutil do esclarecimento: “considerações de cunho sociológico que apontam para o lugar social da psicanálise, a função social que vinha exercendo – deliberadamente ou não – de adequar os comportamentos dos pacientes aos padrões sociais vigentes”<sup>2</sup>.

De qualquer forma a influência da psicanálise aparece ainda muito cedo nos trabalhos de Adorno. Mas a presença que se dá principalmente nos trabalhos sobre o autoritarismo latente na sociedade administrada possui uma maior relevância para esse estudo. Não apenas os trabalhos empíricos, mas até mesmo em obras de discussão teórica, a teoria freudiana expressa sua importância, da análise da música sob a Indústria Cultural, passando pela ideologia burguesa chegando até a simpatia pelo autoritarismo e a derrocada no fascismo, a psicanálise é observada e interpretada minuciosamente por Adorno.

---

<sup>2</sup> FREITAS, Bruno Carvalho Rodrigues de. *Psicanálise e crítica social em Adorno*. 2016. Dissertação de mestrado. 2016. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. Página 36.

## Nova sociedade, novos indivíduos e o esmagamento da subjetividade.

No que se relacionam as análises do autor sobre o autoritarismo ou o próprio fato de movimentos e grupos autoritários emergirem dentro de democracias consolidadas ou como tais grupos são partes constitutivos da sociedade, a psicanálise seria um dos pilares para se sondar tal fenômeno no pensamento de Adorno. Para tanto, Virginia H.Ferreira da Costa em sua tese: *“A Personalidade Autoritária” Antropologia Crítica e Psicanálise* sustenta que Adorno se fundamenta em princípios metapsicológicos freudianos para delinear um conceito antropológico de um novo tipo autoritário, ou seja, o sujeito característico do capitalismo tardio seria potencialmente um simpatizante do autoritarismo, mesmo que (obviamente) tal postura contrarie todo o conjunto de seus direitos e garantias conquistadas enquanto um cidadão frente ao Estado e todo o histórico relacionado às relações de trabalho.

A primeira indagação que surge é a de que a autora então desloca toda a discussão tendo um ponto de vista “ahistórico” do fenômeno e processos que levam a ele, bem como uma visão substancialista de ser humano parece surgir, mas a própria autora afirma que apenas faz uso de tais conceitos como o de “natureza” e “história” para evitar esse substancialismo imutável de ser humano, tendo como finalidade realizar um diagnóstico sócio econômico. Contudo o sucesso de tais autoritarismos está na própria estrutura social imposta aos indivíduos e não apenas em sua “natureza”. Essa ideia de natureza não é permanente, a sociedade produz toda uma “nova natureza” nos sujeitos, sejam eles pertencentes ao “novo tipo antropológico” ou não. Ela

explora conceitos como o de História Natural em Adorno e principalmente o significado e a concepção de Indústria Cultural, nessa mediação dos sujeitos. Para ela há um clima cultural autoritário que produz tais indivíduos que seriam influenciados pela Indústria.

Sobre esse último aspecto a autora acaba por atribuir uma considerável importância a Indústria Cultural na formação desses indivíduos e grupos: “Afiml, se o tipo antropológico aceita e segue ideologias autoritárias, é mediante a condição industrial da cultura que tais ideologias são formuladas, veiculadas e reproduzidas”<sup>3</sup>

Não tento realizar aqui uma análise tradicional, hierarquizando fatores sociais ou até mesmo construir uma visão “simplista” e reducionista do processo ao restringir a explanação apenas a causas econômicas, psicanalíticas ou culturais. Costa se refere neste momento aos agitadores e o poder do rádio, mas seus seguidores e seu público já possuem uma predisposição aos seus discursos reacionários. A Indústria sob diversas perspectivas tende a girar em seu próprio eixo, ela reproduz o existente incessantemente, se submete a repetição de uma forma exaustiva, pouco lhe interessa a menor das mudanças. Adorno não parece atribuir tal amplitude a esse fenômeno. Virginia H.F Costa não atribui um poder hipnótico para sua interpretação da Indústria Cultural, mas autoritarismo e preconceitos não são fatores sociais ligados exclusivamente a esse fenômeno observado por Adorno. O lucro ligado a uma experiência simplificada e altamente repetitiva é um dos interesses da Indústria, reproduzir o existente incansavelmente sob novas roupagens. Não há preocupação com mudanças positivas ou a produção de

---

<sup>3</sup> COSTA, Virginia Helena Ferreira. “A Personalidade Autoritária”: Antropologia Crítica e Psicanálise. 2019. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2019.Página 169.

algo efetivamente crítico: “A novidade do estágio da cultura de massa em face do liberalismo tardio está na exclusão do novo. A máquina gira em torno de seu próprio eixo.<sup>4</sup>”.

A Indústria Cultural reproduz a lógica da estrutura econômica e com muita segurança podemos discutir seu poder sobre o público, porém ele possui suas limitações. Ao mesmo tempo, a autora esclarece seus argumentos, pois construindo narrativas simplistas e repetitivas, a Indústria, recorrendo ao sempre idêntico, cria ou no mínimo cultiva preconceitos nessa esquematização e limitação da experiência.

Pouco lhe importa a sua responsabilidade social nesse quesito, qualquer ameaça ao lucro deve ser eliminada reproduzindo incessantemente esse processo se revela a lógica burguesa que planifica qualquer elemento na lógica da troca, a qual invade outras esferas. A experiência já vem pronta e definida de antemão aos indivíduos. Essa violência da sociedade industrial, toda sua uniformidade na sua reprodutibilidade se desloca para a cultura. Ela não apenas reproduz o que está estabelecido como também se baseia na estrutura social e na divisão do trabalho que ordena a sociedade.

Ao mesmo tempo cabe esclarecer que Virginia H. Ferreira da Costa não superestima o poder da Indústria, pois é evidente que Adorno não minimiza o que o aparato de comunicação do capitalismo tardio pode ser capaz de incentivar e produzir nos indivíduos, seja ainda na sua formação ou identidade. Mas como dissemos o seu próprio funcionamento é possível através apenas da estrutura econômica existente. Adorno demonstra como se produz na Indústria,

---

<sup>4</sup> ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade; seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida; traduzido por Julia Elisabeth Levy...[et al.]. – 10ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2016. Página 27.

discorrendo sobre a toda a dependência criada com outros setores e instituições, principalmente na dependência econômica existente já no início do processo de produção do modelo vigente da sociedade administrada, ou seja, o frankfurtiano não aponta um agente, pois não se resume a um setor ou esfera da sociedade, a um produtor ou a uma grande empresa do ramo. Há uma profunda dependência de todo o aparato financeiro, sejam os bancos ou outras instituições. Adorno expõe a estrutura que já define de antemão o que é produzido sendo mais feroz do que qualquer aparelho de censura governamental, configurando-se como um fator muito acima de qualquer agente social. Nesse ciclo voltado ao lucro, o novo é um risco e a repetição exaustiva prevalece afetando a experiência dos sujeitos, que consomem o sempre idêntico sob uma nova roupagem.

O ponto que quero chegar nessa discussão sobre a cultura, já alongada no início de nosso trabalho é que a Indústria Cultural é mais um fenômeno que esmaga os sujeitos e sua percepção mecanizando a sua experiência e consequentemente sua alteridade e percepção com relação ao “outro” incentivando a manutenção de estereótipos e a discriminação. Esse novo momento em que se muda a forma como nos relacionamos com a arte e tudo aquilo que é produzido, produz também um novo indivíduo sob essa nova forma de relação danificada perante o real. O que Adorno quer expressar é que há uma forma de violência em tal processo, não uma simples violência de classe, mas uma ferocidade da própria sociedade industrial. A experiência dos indivíduos é esmagada contribuindo para uma uniformização ainda mais acentuada dos indivíduos, a estrutura econômica e social não difere quanto a este esmagamento e o sofrimento causado por ela. Não é apenas na cultura

que esse esmagamento e perda da autonomia ocorrem. Porém a razão de ser da Indústria Cultural e seus pilares estão intimamente ligados ao sistema econômico e a ordem social vigente.

Nesse momento além dos debates com Fromm e a questão da cultura, cabe aqui ressaltar outras bases de nosso trabalho que constituem nada mais do que a resolução e a postura interna de membros do Instituto, incluindo obviamente Adorno.

## Pollock, Capitalismo de Estado e o esmagamento do liberalismo.

Importante membro do Instituto, Pollock, ao abordar as mudanças econômicas e políticas de seu contexto em: *State Capitalism: its possibilities and limitations* reflete sobre os impactos de mudanças econômicas na organização do Estado, seu papel e a consolidação dos monopólios. De forma sucinta, Pollock demonstra como o capitalismo entra em uma nova fase onde a competição efetiva entre grandes grupos sai de cena. Dessa forma surgem sociedades completamente administradas. Toda a dualidade entre indivíduo e sociedade, público e privado, economia e política é liquidada, dando lugar a um controle direto, as velhas formas liberais priorizando a liberdade e suas instituições dão lugar a uma sociedade autoritária, que chegou até esse destino pela concentração telúrica de renda e a solidificação dos monopólios junto ao Estado. Um detalhe que devemos destacar antes de seguir com nossa discussão é o fato de que Pollock ainda parece não estabelecer distinções significativas entre nações com diferentes regimes políticos, para ele o

Nacional Socialismo seria o exemplo que teria uma “aproximação mais totalitária” quando comparado a outros regimes, no entanto percebe-se que Pollock claramente não busca estabelecer grandes distinções entre a estrutura econômica do liberalismo quando comparada ao fascismo.

No entanto ele destaca já no início de sua exposição como o capitalismo de estado não seria um modelo exclusivo de regimes totalitários, sendo perfeitamente possível em sociedades “democráticas”, porém sua instauração é muito mais fácil sob o totalitarismo, evidenciando a sua natureza de esmagamento econômico dos indivíduos: “Theoretically the totalitarian form of state capitalism is not the only possible result of the present process of transformation. It is easier, however, to construct a model for it than for the democratic form”<sup>5</sup>

O Estado e os monopólios formados passam a gerenciar os poucos interesses em disputa. Uma administração acentuada, alienação, subordinação e uma forte despersonalização tornam-se a norma, lançando as bases de uma sociedade totalmente administrada e intensamente estratificada. Mais uma vez o capitalismo tardio esmaga os indivíduos já sufocando as instituições de outrora. Isso resulta não apenas no enfraquecimento de qualquer uma dessas instituições que resguardavam certa autonomia aos sujeitos, formadas ainda no período da economia liberal, mas representa o próprio fim do indivíduo em uma sociedade onde o futuro do sujeito depende cada vez menos de si.

Essa liquidação e esmagamento dos sujeitos não apenas na cultura e na experiência mecanizada do tempo livre, ocorre concomitantemente e se reflete ferozmente na economia, indo muito além de uma desigualdade extrema na

---

<sup>5</sup> POLLOCK, Friedrich. State Capitalism its possibilities and limitations. In: Arato. Andrew and Gebhardt.Eike. The Essential Frankfurt School Reader. New York. Urizen Books. 1978. Página 72

renda e na ilusão da meritocracia burguesa. Nasce uma nova forma de dominação que supera qualquer forma anterior a ela. Auxiliada pelo constante aperfeiçoamento da aplicação da ciência burguesa prioritariamente para esse propósito. Para Pollock, sobretudo todo esse processo corresponde ao *fim de uma era econômica dando início a uma era essencialmente política*. Na morte do livre mercado o sistema econômico é moldado pela administração absoluta e a estratificação das classes. A contínua violência econômica das classes altas e esse novo papel do Estado não parte de uma necessidade econômica imediata, mas de um projeto político.

Adorno e Horkheimer concordam com Pollock que ao refletir sobre tais mudanças junto ao fascismo em plena ascensão no contexto, afirma que surge uma nova forma de dominação. Apesar de surgir um pertinente debate devido as diferentes visões de outros membros do Instituto, como o pensamento de Franz Neumann e Otto Kirchheimer, que se opõem parcialmente a Pollock, argumentando acerca de mudanças econômicas que ocorrem em países com diferentes regimes políticos teriam no fascismo apenas distinções quanto ao regime em si. Para eles seria essencialmente uma forma de capitalismo originária do liberalismo que simplesmente se tornou monopolista. A partir disso o fenômeno não é visto como um novo momento ou uma nova forma de dominação, conforme debatem Adorno, Horkheimer e o próprio Pollock evidentemente. Não entraremos mais a fundo nesse debate por enquanto, mesmo que exista um dissenso, o debate gira em torno de outros temas. Não há muita divergência quanto aos problemas e consequências práticas da emergência de tal fenômeno.



De qualquer forma em meio a essas discussões os membros do Instituto não discordam de que nesse novo momento econômico e político os indivíduos e suas ações são cada vez mais anulados diante da estrutura. Uma crescente invisibilidade do poder e a mudança da percepção dos sujeitos diante das classes dominantes resultam em uma nova forma de relação entre as diferentes camadas sociais. O anonimato de classes dirigentes cresce com a persistência da ideia do mérito burguês e as dificuldades de se enxergar como se organiza e se distribui os frutos do trabalho, além do ódio irracional contra minorias, por vezes responsabilizadas ou associadas aos mais diversos problemas, resultam em posturas irracionais diante da vida econômica e política em que se inserem. Em meio a esse contexto de incertezas econômicas, não apenas os indivíduos sofrem enquanto trabalhadores com difíceis perspectivas e a dificuldade de inserção na ordem estabelecida em meio ao constante receio do desemprego na contemporaneidade, mas a própria instituição da família é atingida e enfraquecida pelas velozes mudanças na sociedade administrada. A figura paterna que pode assegurar o bem estar e desenvolvimento de toda sua família, também é esmagada concomitantemente ao esmagamento do indivíduo nesse momento, sendo duas faces de uma mesma moeda.

### O Esmagamento da família e da autoridade paterna.

A autonomia da família e conseqüentemente seu papel de formar, efetivamente indivíduos entra em declínio. Ao mesmo tempo em que o

desemprego avança e é naturalizado tornando-se um fantasma sempre a espreita para quem trabalha e um difícil peso para aqueles que são descartados pela velocidade do sistema econômico. A influência singular da família e a importância de seu papel na mentalidade e toda a formação dos indivíduos paulatinamente perde sua importância e fica reservado a detalhes, inicia-se assim mais um processo de esmagamento do indivíduo na contemporaneidade.

Quando Horkheimer reflete sobre esse processo de declínio da família, o que fica evidente é a relação entre a família e a estrutura social e econômica de seu contexto, seja a sua criação ou as condições para sua devida continuidade. Apesar de Horkheimer abordar a questão de uma maneira mais convencional no que toca o seu materialismo, ele mantém uma postura ambígua diante da instituição e tais mudanças, não se limitando a uma análise marxista tradicional. Para ele a cultura e o próprio Estado desempenham da mesma forma um importante papel nesse processo. Dessa maneira os indivíduos e suas ações não podem ser resumidos apenas a fatores econômicos imediatos ou recentes: “[...] can not be explained solely by economic events which have transpired in the immediate past.<sup>6</sup>”.

O declínio da família possui suas razões econômicas, o processo se constitui como essencialmente econômico, mas não se limita apenas a esse aspecto, pois esse enfraquecimento da família é o próprio enfraquecimento dos indivíduos e a figura paterna inserida na cultura e organização da família burguesa. Desemprego em massa, crescente custo de vida onde os trabalhadores perdem cada vez mais espaço e renda para classes dirigentes

---

<sup>6</sup> HORKHEIMER, Max. Selected Essays. Translated by Matthew J. O'Connell and others. New York. The Continuum Publishing Company. 2002. Página 53.

em meio a uma sociedade que ganha traços cada vez mais autoritários, impõem a destruição gradativa de um arranjo social que permitia a existência de um único agente provedor de sua família com relativa estabilidade.

Com a queda dessa autoridade paterna e conseqüentemente da família em si, o vácuo passa a ser preenchido não apenas pela Indústria cultural, mas por instituições da sociedade, seja a escola da socialização e obediência burguesa, seja pelo rádio e todo o aparato de comunicação de massas em pleno desenvolvimento no período. A família que outrora possibilitou o surgimento do indivíduo já não realiza interposição alguma entre ele e o todo: “Enquanto persiste o sistema, desapareceu com a família não apenas a agência mais eficaz da burguesia como também a resistência, que, embora reprimida pelo indivíduo, o fortalecia quando não o criava de fato.<sup>7</sup>”.

Tratamos rapidamente do tema aqui, pois além do contato de Adorno com os escritos, esses estudos influenciam análises e trabalhos empíricos posteriores, além de ser um fenômeno de significativa importância no contexto que se relaciona profundamente as discussões de Pollock, Fromm e outros membros do Instituto, sendo um fator que é discutido em seus “pormenores” (que não possuem necessariamente uma menor relevância para se compreender o processo).

Não apenas a postura de Horkheimer e as contribuições de Fromm nesse trabalho são relevantes, mas enfatizamos aqui mais um agente ligado ao esmagamento dos indivíduos e os danos a sua formação e identidade. O ambiente cultural criado sobre esse contexto é de extrema conformidade e irracionalidade diante de tendências e mudanças socioeconômicas as quais

---

<sup>7</sup> ADORNO, Theodor. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida lesada*. Tradução Gabriel Cohn. Rio de Janeiro. Beco do Azougue Editorial Ltda. 2008. Página 19.

muitos não conseguem capturar com exatidão, sejam quais são as forças que agem sobre eles ou a razão do que efetivamente direciona o todo para esse sentido, aceitando e buscando se adaptar as condições impostas pelas forças as quais não identificam com clareza. Agora cabe aos indivíduos se adaptarem a formas de autoridade cada vez menos palpáveis e imediatas.

Ao mesmo tempo em que com a família e a figura paterna enfraquecida, uma grande mudança na cultura e moral patriarcal burguesa gera reações conservadoras diante de tais transformações, abrindo um vácuo nas referências de “autoridade” dos sujeitos em meio a essa crise da figura paterna e da família. A postura mais conservadora desses homens que não conseguem cumprir seu papel em uma sociedade que tende a criar formas totalitárias de dominação resulta em uma crescente insatisfação com essa ordem estabelecida e que não culminou em uma tendência de rompimento de tal ordem, mas de sua radicalização.

Conforme discutimos de forma breve anteriormente, Adorno é cuidadoso diante de Freud e submete o pensamento do pai da psicanálise a uma crítica que desnuda uma ciência que se apresenta como absoluta. Ao analisar essa queda da autoridade paterna rapidamente substituída, o que se evidencia aos frankfurtianos é o ego frágil desse novo indivíduo que Virginia F. da Costa destaca na contemporaneidade. Pois a partir desse momento o sujeito já não rivaliza com a figura paterna em crise e declínio. O “complexo de Édipo” contemporâneo, sob a sombra da imagem da família de outrora e seu papel na formação da identidade se dá não pela oposição a imagem do pai, mas a elementos externos ao círculo familiar. O desenvolvimento do eu se compromete nessa fraca oposição aos pais em geral. Os indivíduos se tornam

suscetíveis a patologias narcisistas em sua formação e caráter. Surgem indivíduos com um eu debilitado diante daquilo que o super eu, seu vigia interno e a civilização lhe exigem e ainda simultaneamente não consegue lidar com os impulsos e reações de seu id. Surge um narcisismo social.

Uma sociedade formada por sujeitos que tendem ao narcisismo leva a construção de relações de solidariedade regressivas, não distantes do próprio nazismo. Ao se deparar com uma economia estratificada e em constante “crise”, ao ponto de fazer com que os sujeitos fiquem anestesiados diante do uso constante de tais termos acerca da vida política ou econômica da sociedade administrada, leva a muitos a se portarem de uma forma absolutamente submissa diante de tal estrutura. Com tamanha estratificação os indivíduos buscam se identificar com o que é estabelecido e naturalizado. Em outras palavras a ordem estabelecida produz um modelo irracional de integração ao produzir uma sociedade com diversos indivíduos que realizam sua identificação de uma forma narcisista com a estrutura que lhes é apresentada.

Antes de prosseguirmos é oportuno um esclarecimento sobre o conceito de narcisismo abordado nesse trabalho, pois ele se constitui de forma mais direta, sendo uma concepção essencialmente freudiana. A ideia de narcisismo que temos em mente aqui corresponde às formulações que Freud realizou ao discutir sobre a natureza e o processo em si de identificação dos sujeitos ainda em 1914, quando muitos de seus conceitos ainda não tinham formulações mais amadurecidas. Em Introdução ao Narcisismo de forma esquemática (grosso modo), o pai da psicanálise distingue a natureza de escolha do objeto. Isto é, baseando-se em si ou sua personalidade, o que se aspira ser ou ter ou ainda

aquilo que reflete sua própria imagem (acredita ser) o sujeito realiza o processo de escolha de objeto. Os sujeitos “amam” conforme seu tipo narcísico e suas necessidades: “Então a pessoa ama, em conformidade com o tipo de escolha narcísica de objeto, aquilo que já foi e que perdeu, ou o que possui os méritos que jamais teve<sup>8</sup>”.

Ao longo de toda a discussão que Freud realiza, fica clara a associação do fenômeno (em determinado grau como via de regra na psicanálise) a neuroses de transferência como a paranoia. Ele indaga sobre qual seria a necessidade do eu para investir a libido em objetos externos e simultaneamente busca discutir a natureza ou o grau que torna o narcisismo uma “patologia”.

De qualquer forma não cabe em uma mera introdução discutir um conceito altamente complexo no pensamento freudiano. Essa concepção tem múltiplas facetas. O que podemos adiantar aqui é uma de suas faces, a qual nos interessa, é a da identificação dos indivíduos com aquilo que eles aspiram ou acreditam ser, um objeto que emane poder ou que seja idealizado pelo sujeito através de um processo de identificação onde o sujeito ao investir a libido que deveria destinar ao seu próprio eu, acaba por envolver um objeto externo, o qual é tido pelo eu como parte de si através dessa identificação narcísica frente ao complexo de instáveis fronteiras do eu. Ou seja, a libido mesmo que colocada em um objeto externo pertence inconscientemente ao eu e este se estende aquele objeto. Assim como na paranoia todo o processo é na verdade uma “tentativa de cura” do sujeito, uma defesa do seu eu frente o real,

---

<sup>8</sup> FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras. 2010. Página 49.

distorcendo o objeto externo e a realidade de modo a se adaptar ou agradar as necessidades internalizadas pelo sujeito.

O narcisismo é um fator relevante na interpretação social da psicanálise freudiana realizada não apenas por Adorno, mas até mesmo por Horkheimer. Pois, quando ambos escrevem a Dialética do Esclarecimento no exílio, enfim sob o clima ameno da costa leste dos Estados Unidos, o narcisismo corresponde a um fator expressivo na discussão sobre o antissemitismo realizada na obra. Tal discussão presente no capítulo Os Elementos do Antissemitismo: Limites do Esclarecimento, onde se expõem os principais fatores que contribuem para a existência de tal fenômeno, que sintetiza muito daquilo que fora trabalhado anteriormente em diversos estudos empíricos e discussões teóricas sobre as mudanças que ocorriam na ordem vigente. Os elementos do antissemitismo reconstituem todo esse longo esforço na compreensão do autoritarismo que se expressa muitas vezes no ódio aos judeus. A vingança contra a dominação se sintetiza na imagem delirante e projetiva da comunidade judaica criada pelos sujeitos anulados pela ordem. A identificação perversa da mimese ou a projeção patológica, dois elementos do antissemitismo com papel significativo nas reflexões presentes na obra, tem suas relações com o narcisismo. O indivíduo narcísico e com um eu frágil na sociedade administrada que o esmagou, se relaciona com o mundo externo de uma forma danificada. Identificando-se e defendendo aquilo que o anulou na fogueira moderna de um sistema estratificado que se legitima na exceção.

Esses novos indivíduos são formados em meio a uma sociedade que empreende a sua anulação, seja pela estratificação social ou cultural do sempre idêntico da fórmula “religiosa” pertencente à Indústria Cultural e o

enfraquecimento da família que por sua vez já não consegue cumprir seu papel de outrora resulta simultaneamente em uma anulação cada vez maior dos indivíduos, que é radicalizada pela maior crise econômica do liberalismo no século XX em 1929, ainda no difícil período conhecido posteriormente como entre guerras. Suspensos e imóveis sob essa sociedade completamente administrada, esmagados sob as mais diversas formas, a reação destes sujeitos ao se defenderem na busca pela sobrevivência é a fuga da realidade com uma identificação narcísica com o poder. É por essa razão que nesse novo momento não só a descrença com o liberalismo tradicional explica ascensão de figuras autoritárias e ao mesmo tempo carismáticas, mas com um apelo a elementos irracionais seja sob a roupagem de um nacionalismo exacerbado, seja contra o “comunismo” ou sob o messianismo religioso. De qualquer forma a reconciliação prometida nesse contexto em muitos casos encanta os sujeitos na imagem de um homem com poderes absolutos para empreender a vingança que tanto aspiram. Nessa resposta diante do esmagamento que sofrem, a irracionalidade impera sobre a percepção dos sujeitos acompanhada na maioria das vezes de graves tensões antidemocráticas.

Esse novo indivíduo contemporâneo formado pela sociedade administrada parece se rebelar apenas contra aquilo que considera uma ameaça a estrutura que o radicalizou, submetendo-se sem críticas ao que lhe é imposto por um líder ou um movimento. Toda a sua inquietação se mantém dentro da ordem econômica e social, a sua “revolução” ocorre dentro da ordem e toda composição do sistema econômico vigente. Sem perspectiva ou projetando uma ascensão social (ou sua mera sobrevivência) em futuro turvo que nunca



se realiza. A defesa, daquilo que o colocou em uma direção a qual ele não escolhe ou tampouco possui consciência exata do que ele realiza, ocorre a partir dessa postura narcísica de se identificar ao objeto, seja com a estrutura imposta seja com um eventual agitador que explora estes novos sujeitos esmagados por uma nova forma de dominação que não para de se aperfeiçoar sob a ilusão e a vaga esperança do progresso técnico.

Essa forma que radicaliza ainda mais a exploração e as formas de dominação anteriores graças à subserviência da ciência que se apresenta como absoluta e neutra culmina não em um desejo de ruptura plena da ordem imposta por parte destes indivíduos, mas de seu inquietante excesso e sua completa radicalização com a anulação ainda maior de suas liberdades. A barbárie ressurgiu sobre a civilização, se é que um dia o projeto de civilização burguesa se livrou daquela e os “limites do Esclarecimento” burguês se refletem no aparecimento deste “novo” indivíduo no século XX.

As tensões com o modelo liberal democrata se revelam ser um fenômeno que passa a ter sua presença em diversas sociedades ocidentais. Apenas para citarmos um rápido exemplo aqui, Gramsci, ainda em maio de 1925, no seu discurso ao Parlamento Italiano, debatendo com Mussolini, (que viria a perseguir e encarcerar Gramsci posteriormente) expressa claramente que esse autoritarismo latente era uma presença em diversas nações, não se constituindo apenas como um fenômeno exclusivamente italiano. Muito além de um fenômeno social em áreas rurais italianas, a inclinação ao autoritarismo se revela como um problema muito mais amplo, não se limitando a uma determinada nação ou classe social. Fica evidente que Gramsci observava atenciosamente a pulverização do partido liberal na Inglaterra e movimentos

em outros países europeus, passando por França e Alemanha. Os votos de alemães e até mesmo de ingleses demonstravam os rumos que o continente tomava. O que surpreende Gramsci é o apoio ao discurso e promessas irracionais tomadas por movimentos antidemocráticos em plena ascensão. Não apenas na Itália rural, mas em uma escala internacional. Ele chega a dizer que há um “phenomenon of historical regression<sup>9</sup>”. Para ele haviam chances reais do autoritarismo atingir e destruir movimentos trabalhistas, lançando as bases de um processo que colocaria os partidos fascistas, a terceira via no poder. Esse fenômeno que se convertia em um regresso histórico é a própria sombra do autoritarismo que se espalhava até mesmo pelas classes trabalhadoras observadas por Gramsci.

Ao citarmos rapidamente esse exemplo fica claro o clima cultural e político do contexto. Apesar de Gramsci ser um dos primeiros a captar com exatidão a dimensão dos problemas que as sociedades enfrentariam naquele momento, a crise de 1929 seria um fator que posteriormente agravaria ainda mais a conjuntura, favorecendo forças antidemocráticas. Sendo um fator de peso no crescimento da ameaça fascista que pairava sobre as nações em crise.

Tal fenômeno, no entanto, não surpreende os membros do Instituto com a mesma intensidade. As diferentes concepções de história distintas de Gramsci e estudos empíricos realizados ainda na Alemanha antes da ascensão do fascismo e do exílio nos Estados Unidos, também já captavam a barbárie latente sobre a Europa, especificamente na República de Weimar. Cabe aqui citarmos dois fatores que influenciam Adorno em seus trabalhos e concepções.

---

<sup>9</sup> GRAMSCI, Antonio. *Contro la legge sulle associazioni segrete*, 1997, Manifestolibri; Translated: by Michael Carley for marxists.org 2006. Speech to the italian parliament on 16 May 1925. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/gramsci/1925/05/speech.htm>. Acesso em: 18 de novembro de 2022.

O primeiro seria a presença de Benjamin que se converte mais em uma afinidade de concepções entre os frankfurtianos e o conceito de história que ambos compartilham, além obviamente dos trabalhos de Walter Benjamin em si, porém neste primeiro momento abordaremos brevemente o conceito de história e a crítica do ideal de progresso do esclarecimento. O segundo ponto que discutimos rapidamente corresponde ao importante estudo de Fromm sobre os trabalhadores alemães do período. Neste trabalho fica evidente o potencial apoio da classe trabalhadora alemã ao autoritarismo.

### Benjamin, Adorno e o anjo da História.

O conceito de história que Adorno carrega tem uma íntima ligação com a ideia que Walter Benjamin possui ao discorrer sobre a sua própria concepção. Em *Sobre o Conceito de História*, Benjamin deixa claro sua concepção não linear acerca do passado, onde não há a ideia de acúmulo do que o esclarecimento chama de “progresso”. Benjamin tem uma concepção de momentos históricos que constantemente lançam ao passado o seu olhar cego pelo seu contexto com a intenção de construir uma narrativa interessante ao presente. “A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia de progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha<sup>10</sup>”.

---

<sup>10</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.* Obras escolhidas volume 1.3ª edição. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo. Editora Braziliense. 1987. Página 229.

Há apenas constelações momentâneas que correspondem somente a momentos históricos regidos pela exceção que constitui a regra geral do processo histórico. A exceção é permanente e o progresso burguês que se apresenta como universal ofuscam a ausência de sentido e o suposto “acúmulo” do progresso. A teleologia burguesa que cria esse “fim da História” cai por terra.

Benjamin é crítico do progresso e sua suposta universalidade, além da sua dimensão dogmática no pensamento contemporâneo. Esse ideal burguês que se apoia em mudanças técnicas tenta retratar o passado como algo inferior, dando sentido a toda a marcha do progresso técnico da dominação. O progresso é um dos pilares dessa exceção permanente produzindo a ilusão que a ideologia atribui ao progresso. O presente histórico para Benjamin concentra séculos, milênios de problemas e processos que se arrastam sem resolução. A divisão tradicional da História ocidental não possui espaço nessa concepção. Fica claro que para Adorno e Benjamin confunde-se o progresso técnico com o progresso do todo, ou seja, não se trata de negar o progresso.

No entanto, essa discussão e crítica do progresso já não é um elemento novo na cultura alemã. O Romantismo realizara uma crítica mais limitada, mas construtiva contra a razão da Modernidade. O que a Teoria Crítica realiza não é uma negação simplista ou uma crítica burguesa sem abordar os pilares desse ideal. O avanço técnico serve a interesses os quais não correspondem a nenhuma resolução real de problemas ou promova os interesses do bem comum. Mas Benjamin deixa claro que a ideia de progresso se constituindo enquanto um elemento de legitimidade da ideologia deve ser superado. O ideal do progresso e sua ilusão devem ser desnudados, afinal para ele uma

verdadeira revolução não se liga ao progresso em si e sua lógica, essa ruptura só ocorreria com a sua superação.

Essa visão “caótica” da História, onde não se atribui sentido a posteriori a processo algum, pois nunca houve um sentido, é muito próxima da visão de Adorno acerca do mesmo conceito. O Anjo da História de Benjamin ao se referir ao quadro *Angelus Novus* de Klee, sintetiza muito bem essa visão de catástrofe e ruína ao analisar o passado em contraste com o que a ideologia busca construir como narrativa ao se esconder atrás do progresso técnico. Por isso Benjamin afirma que todo monumento da cultura é um monumento da barbárie, o esclarecimento nunca a superou. É através da crença plena no progresso sob uma linearidade histórica ilusória que a barbárie consegue esconder-se em plena vista.

A anulação do indivíduo empreendida sobre as mais diferentes formas, seja pela via econômica, na era dos monopólios e da concentração absoluta de renda ou as mudanças na produção da cultura, com a mecanização e violência da sociedade industrial sobre o tempo livre e a experiência e subjetividade individual ou ainda com o declínio da família e a concomitante queda da autoridade paterna em uma sociedade que alterou radicalmente a relação dos indivíduos entre si ou até o próprio esclarecimento que universalizando a lógica mercantil da troca que danifica as relações humanas aplicando sua matematização do mundo que impera com a lógica da equivalência onde tudo se resume a troca refletindo a relação de dominação cega empreendida sobre a natureza e toda a planificação realizada sobre ela, não é nada mais do que o grito do “progresso” possibilitado pela técnica que retorna cada vez mais nociva aos indivíduos na contemporaneidade. Não tendo como prioridade o bem estar

dos indivíduos, avanços reais e mudanças na estrutura social, mas a garantia cada vez maior do controle e direcionamento da ordem estabelecida. O progresso empreendido pelo esclarecimento já tem sua direção e limites estabelecidos. Aprimora-se o poder e o controle sobre a natureza para dominar e petrificar com mais perfeição a persistente conjuntura social.

Adorno e Benjamin concordam que em meio a esse caos histórico sem rumo, o que os indivíduos chamam de progresso é confundido com o progresso do todo. O aumento colossal da produtividade dos trabalhadores da sociedade administrada sob o progresso da técnica não permite que eles possuam mais tempo livre ou que ocorra uma melhora proporcional em sua qualidade de vida ou aumento equivalente de sua renda, pois a estrutura social se mantém e o avanço técnico aplicado já tem sua função e impacto social definido de antemão, expandindo e melhorando a produção, mas não a renda dos que produzem e muito menos suas condições. Pelo contrário, apesar de se produzir muito mais nem mesmo um devido descanso é permitido aos indivíduos na contemporaneidade. Um camponês medieval poderia ter em muitos casos uma melhor conjuntura quanto essas condições quando se realiza uma complicada comparação ao que enfrenta o trabalhador das “avançadas” indústrias da modernidade.

Apesar da afinidade entre Adorno e Benjamin, o primeiro é mais cuidadoso devido seu esforço em se manter longe de uma conceituação abstrata mais tradicional sobre os conceitos. Não é possível apreender a realidade através de conceitos totalizantes como faz a ciência burguesa

tradicional. Dessa forma Adorno “[...] fiel à sua profunda desconfiança da conceituação abstrata, recusa um conceito totalizante do progresso<sup>11</sup>”.

A inviabilidade do petrificado e imóvel conceito arcaico da razão instrumental é fruto da mesma ideologia do progresso. O projeto do esclarecimento se expressa na própria estrutura dos conceitos, assim como a lógica da dominação adentra a racionalidade que funda a conceituação da ciência burguesa que já define o objeto de antemão, distorcendo e projetando-se sobre o que se deveria conhecer.

Benjamin, no entanto, é até mais incisivo, pois o anjo do progresso que não permite a permanência no paraíso sequer admite que se olhe para trás, para que não percebam que vivem sobre a mesma condenação que Zeus impôs a Sísifo. A concepção de História do esclarecimento associa o progresso de uma forma vaga a elementos como a técnica (apresentada principalmente com relação a esse ideal como neutra e universal na conjuntura social) sob um obscuro olhar em direção ao passado, construindo uma narrativa onde o presente sempre é retratado como algo inferior, tendo como pano de fundo os próprios “avanços” técnicos recentes. Conforme foi discutido, não se trata de uma mera negação do progresso, mas a ênfase em uma dualidade e complexidade do conceito. O que Adorno e Benjamin debatem não é excluir e negar o progresso, mas expor essa dupla natureza de um ideal quimérico que se sustenta nessa imagem de constante melhora ligada a uma visão linear do processo histórico que produz socialmente a ideia de que o “futuro” por si só será superior devido à esperança que a ideologia cria e deposita na técnica,

---

<sup>11</sup> LOWY, Michael. VARIKAS, Eleni. A crítica do progresso em Adorno. **Lua Nova**. Nº27 – 92. 201/215. 1992. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/CWwhHNknyrMyb78fn5XsRwF/?format=pdf&lang=pt> . Página 206. Acesso em 20 de novembro de 2022.

quando é a própria técnica que é aplicada na medida em que sirva a interesses e na manutenção ainda mais aperfeiçoada do status quo. Essa dualidade também reside no fato de que concomitantemente esses mesmos avanços abrem cada vez mais a possibilidade real de uma emancipação efetiva e superação da permanente catástrofe do progresso e seu ilusório movimento histórico produzido pela ideologia. O mais irônico é que progresso é a negação da dialética, ele é absolutamente o contrário do que a ideologia produz socialmente.

### Fromm e os trabalhos empíricos do Instituto.

O segundo fator de significativa relevância não apenas para Adorno, mas para diversos membros do Instituto que participaram de trabalhos empíricos posteriormente corresponde a um importante estudo voltado para a compreensão dos fenômenos que ocorriam ainda antes do processo mais agudo de ascensão do fascismo, mas já vivendo sob um clima cultural marcado por tensões e conflitos. Em *The Working Class in Weimar Germany: A Psychological and Social Study*, Erich Fromm busca analisar os trabalhadores dividindo-os primeiramente em dois grandes grupos: trabalhadores manuais e trabalhadores de colarinho branco. Mas Fromm não se limita apenas a estruturar sua análise levando em consideração uma divisão tradicional de classes. Ao longo do trabalho se evidencia que o estudo ainda relevou as opções políticas e os traços culturais dos indivíduos em questão. Porém o que



mais nos interessa aqui é o fato de que o estudo rapidamente revela que não apenas membros da classe trabalhadora viriam a apoiar políticas contrárias a seus interesses, mas que até mesmo indivíduos identificados como progressistas em um primeiro momento viriam a concordar com as propostas contidas no programa do partido nazista em ascensão já naquele momento: “Their unreliability finally came into the open at the point when a programme such as that of the National Socialists was offered to them<sup>12</sup>”.

Mas não apenas esse apoio irracional da classe trabalhadora torna esse estudo relevante, constituindo-se como um precursor para outros estudos empíricos, mas o fato de que Fromm através de seu uso minucioso da psicanálise freudiana conseguiu captar ainda muito cedo a íntima relação entre os tipos de personalidade dos indivíduos e as suas preferências políticas. O que deixa essa relação ainda mais clara são os resultados dos dados coletados em indivíduos de diferentes classes, mas que possuíam uma personalidade com a mesma estrutura e que se encaixavam nos mesmos grupos quando se analisavam o respaldo a determinadas políticas.

Fromm é um dos primeiros a submeter teoria freudiana e a psicanálise como um todo a uma análise mais severa, realizando assim como Adorno uma crítica imanente e cuidadosa. Uma postura rígida é necessária diante da ideologia dominante na ciência burguesa. Porém, no pensamento de Erich Fromm a teoria freudiana é um fator de maior relevância ao mesmo tempo em que em sua trajetória o cuidado e um maior distanciamento de alguns pontos e fundamentos da psicanálise podem ser claramente observados posteriormente. Esse estudo considerado o precursor de outros grandes projetos de pesquisa

---

<sup>12</sup> FROMM, Erich. *The Working class in Weimar Germany. A psychological and Sociological Study.* Translated by Barbara Weinberger. Royal Leamington Spa Warwickshire. 1984. Página 43.

empírica do Instituto se baseava em dados coletados a partir do uso de questionários.

Com uma perspectiva interdisciplinar o estudo analisa dados em diferentes níveis sociais, organizando os dados coletados nos mais diferentes critérios. Para posteriormente entrelaçar e organizar com mais exatidão as informações coletadas, principalmente no que tocam as ligações observadas entre a estrutura da personalidade dos indivíduos analisados e suas preferências políticas, muitas vezes absolutamente contrárias a seus interesses enquanto a classe que pertencem na sociedade. Esse importante fator observado e recurso de análise ao realizar uma maior reflexão e entrelaçamento dos dados coletados nas entrevistas se refletem diretamente no estudo: A Personalidade Autoritária, onde Adorno atuou ativamente, mas já posteriormente durante o exílio nos Estados Unidos.

Conforme já se torna evidente os estudos empíricos não possuíam uma menor importância para o Instituto. Ao lado dos ensaios e reflexões produzidos pelos membros do Instituto os trabalhos de campo e coleta de dados se mostraram tão relevantes e presentes quanto os trabalhos teóricos. Porém a visão que ainda se sustenta sobre o Instituto e seus membros foi sempre uma imagem de teóricos. Adorno, Horkheimer, Fromm e tantos outros são vistos por muitos estudiosos como meros críticos da cultura, da ciência e da civilização. De fato muitos fatores contribuem para isso, mas essa análise não faz justiça ao que de fato o Instituto empreendeu em sua difícil e sinuosa jornada.

A postura que Adorno adotou ao evitar esboçar conceitos mais tradicionais e petrificados ou sua crítica ao modelo de produção da cultura em plena ascensão em seu contexto ou sobre outras questões que constituem parte de

sua obra sem propor soluções mais claras, imediatas e simplistas, contribuiu para que leituras equivocadas orbitem em torno da obra não apenas de Adorno, mas de tantos outros colaboradores do Instituto. A própria compreensão de importantes trabalhos teóricos torna-se parcial e limitada ao se minimizar a presença dos trabalhos empíricos na trajetória do Instituto.

É com o objetivo de demonstrar a devida relevância e presença da pesquisa empírica nos trabalhos do Instituto que Deborah Antunes em sua tese de doutorado *Por um conhecimento sincero no mundo falso*, reconstitui e expõe todo o peso da pesquisa empírica e sua relação com a Teoria Crítica, tendo como um de seus maiores instrumentos a própria pesquisa *The Authoritarian Personality*. Muito do que se considera exclusivamente teórico possui suas bases e fora influenciado pelos estudos empíricos que muitas vezes são deixados de lado na leitura e interpretação das bases da Teoria Crítica.

Os trabalhos empíricos do Instituto ajudam a compreender como uma nova conjuntura social está em formação, um novo momento que altera toda a formação de indivíduos e promove toda uma corrosão das instituições de outrora resultando em toda uma constelação social que demonstra claros sintomas de uma barbárie latente sobre as sociedades em crise. Assim abordar tais pesquisas com a mesma relevância que se atribui aos trabalhos teóricos do Instituto seria um dos pilares deste breve trabalho sobre essa nova conjuntura e como ela produz incessantemente aquilo que nega. Deborah Antunes deixa evidente que a forma como Adorno e tantos outros se posicionavam acerca das pesquisas empíricas era cuidadosa e não necessariamente significa que esses esforços ligavam-se ao positivismo. O

Instituto e seus membros sabem obviamente dos limites de um trabalho empírico, independente de sua magnitude. A autora destaca uma série de fatores que denotam essas limitações impostas às contribuições empíricas produzidas pelos frankfurtianos. Até mesmo um número menor de traduções quando se compara a trabalhos teóricos ou até mesmo as ausências de traduções em alguns casos expõem como se realizou uma leitura que sempre iluminou apenas um lado do objeto em questão, buscando construir uma imagem que promova uma narrativa definida previamente sobre as intenções e a trajetória de seus membros, bem como a própria relevância dos trabalhos empíricos.

Deborah Antunes destaca que com a saída de Grünberg da direção do Instituto e a entrada de Horkheimer se evidencia uma nova orientação teórica e metodológica a ser instaurada. O próprio discurso inaugural de Horkheimer já deixava evidente o novo direcionamento em curso. Essa nova orientação foi fundamental para o estudo de Fromm sobre os trabalhadores alemães e a estrutura de suas personalidades com o auxílio cauteloso da teoria freudiana. Se a ambição de Horkheimer era produzir uma teoria sobre a sociedade, não seria viável medir esforços com relação a qualquer forma de conhecimento: “[...] uma teoria da sociedade era criticamente dependente de um crescimento geral do conhecimento empírico, em especial, aquele que diz respeito às atitudes de grupos específicos e à estrutura de personalidade dos indivíduos<sup>13</sup>”. Nesse momento *The Working Class in Weimar Germany*, um estudo influente e precursor para futuros trabalhos do Instituto, é viabilizado.

---

<sup>13</sup> ANTUNES, Deborah Christina. Por um conhecimento sincero no mundo falso: teoria crítica, pesquisa social empírica e *The Authoritarian Personality*. 2012. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2012. Página 67

Para nosso trabalho mesmo que teórico não cabe hierarquizar as formas de conhecimento ou ainda reproduzir as mesmas leituras realizadas até então, principalmente devido ao tema abordado. Ou até mesmo o cultivo de uma postura infantil ao se opor ou hierarquizar o teórico e o empírico, os ensaios e os trabalhos de campo. Analisamos fatores sociais e em seguida o surgimento de agitadores e sua propaganda, voltada para a criação de um clima cultural autoritário, marcado pela instabilidade política e seus extremos. A contribuição das pesquisas empíricas do Instituto foi fundamental na compreensão do fenômeno em questão, bem como sua verificação através de um contato direto com agentes sociais inseridos no contexto do processo analisado. Mas, ainda é inegável a influência que estes estudos exerceram nos esforços teóricos dos frankfurtianos.

Mas ao mesmo tempo a própria forma de apreensão e coleta de dados em um estudo empírico também possui suas bases teóricas, o que se busca, o que se pergunta e a forma como se capta aquilo que se investiga não se sustenta no vazio. O teórico e o empírico não se separaram no processo em que se apreende o objeto. Ao mesmo tempo é perceptível e compreensível a postura minuciosa de Adorno, devido o seu pensamento ser pautado pela dialética hegeliana e a sua emancipação da ciência burguesa. A relação entre sujeito e objeto é muito distinta da razão direcionada pelo esclarecimento. Não é uma simples negação ou desprezo pelo conhecimento empírico, não é essa a postura de Adorno. Mas todo esse cuidado liga-se intimamente aos conceitos que podemos encontrar ao longo de sua trajetória. O conceito de verdade não é algo estático, no pensamento dialético o frágil conceito de verdade reside não em uma estatística congelada ou um conceito petrificado, mas no movimento,

de forma que é a própria natureza e estrutura da ciência tradicional que exerce violência sobre o objeto, definindo de antemão tudo aquilo que encontra na busca pelo aperfeiçoamento do existente.

O que Adorno busca entender é a natureza das mudanças e o funcionamento dessa nova (e velha) sociedade em ascensão. Para isso é necessário reconstituir as mediações sociais. Mas não há instrumentos na ciência burguesa que empreendem a matematização cega do mundo, uma ciência que perdeu sua autonomia para uma racionalidade técnica e a lógica da troca que torna tudo igual. Adorno e Horkheimer possuem consciência de que após os choques com a Escolástica, a postura progressista das ciências tradicionais foi sepultada. Em certa medida os fatos positivos das ciências tornam-se mediados socialmente, já servindo a um propósito definido previamente, reduzindo tudo ao cálculo. O olhar lançado para a natureza já está contaminado pelo projeto do esclarecimento e a imutabilidade que tenta se abrigar no ideal do progresso à vista de todos. Por essas razões Adorno é minucioso com os trabalhos empíricos, mas ainda ao mesmo tempo ele reconhece plenamente a importância e seu papel na construção do conhecimento.

Toda essa breve e superficial discussão que realizamos aqui pode ser neutralizada pelo simples fato de que o próprio Instituto e seus membros se empenharam e produziram grandes pesquisas empíricas que estão evidentemente presentes em suas reflexões teóricas. Deborah Antunes demonstra como foi produzida uma narrativa e toda uma conjuntura onde se colocou os trabalhos empíricos dos frankfurtianos em segundo plano. Esse cenário ilusório toma a realidade prejudicando até mesmo traduções e toda a

aproximação da trajetória e concepções defendidas pelos membros do Instituto. A contribuição de Antunes reside em discutir a própria narrativa criada em torno dos membros e do Instituto como um todo ao privilegiar os trabalhos teóricos em detrimento dos estudos de campo, chegando até mesmo a direcionar o próprio acesso a esses trabalhos através de um reduzido número de traduções conforme enfatizamos anteriormente. Essa conjuntura leva a uma leitura já definida previamente. Cabe aqui neste trabalho apenas entender o problema existente e produzir um breve ensaio teórico que aborde tanto as reflexões filosóficas quanto os trabalhos empíricos reconhecendo as contribuições específicas e singularidades de cada uma das formas do conhecimento produzidas pelos frankfurtianos.

Discutimos até aqui poucas contribuições (das inúmeras) presentes no trabalho de Deborah Antunes, mas acreditamos que a ideia central tenha se tornado evidente; é preciso dar a devida relevância e estrutura para um maior contato com as contribuições empíricas do Instituto, além da relevante e notável presença destes estudos de campo nas obras teóricas dos colaboradores do Instituto.

### A conturbada década de 1930.

A partir da exposição de fatores econômicos, políticos e culturais, se viabiliza uma análise mais minuciosa tanto sobre tais fatores sociais quanto a própria crítica de Adorno diante da propaganda antidemocrática nos Estados Unidos e sua fórmula. Porém cabe ainda uma discussão mais minuciosa do contexto. Apenas quero esclarecer e fazer com que o leitor tenha em mente a

dimensão catastrófica dos anos de 1930 tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. Mas cabe ainda tanto uma contextualização quanto uma breve retomada do que discutimos rapidamente. Tendo como instrumento de análise as observações do pensador acerca do pastor norte americano Martin Luther Thomas. Esse agitador da costa leste americana que promove todo um movimento antidemocrático através de sua rádio e igreja é um agente social que sintetiza o processo que tentamos esboçar aqui.

Conforme trabalharemos com mais detalhes em outro capítulo desta breve análise, Adorno afirma que tal fenômeno é essencialmente social, isto é, ao se analisar um agitador é possível extrair toda uma estrutura, toda uma fórmula destes movimentos, tornando todos os outros agitadores e líderes autoritários similares aos olhos bem treinados e conscientes deste fenômeno social que se espalhava pelo Ocidente, supostamente esclarecido e que teria se libertado do mito. Tais indivíduos e discursos são produzidos socialmente de antemão, a propaganda é produto dessa sociedade em crise. Com a influência e uma interpretação cuidadosa da teoria freudiana, Adorno utiliza seus conceitos através de uma aproximação delicada, expondo a fórmula da propaganda antidemocrática demonstrando como esse processo é fruto de uma “psicanálise perversa”, produto do projeto do esclarecimento que já transformava as descobertas e avanços da teoria da psique humana e as aplicava a serviço da dominação.

Em linhas gerais há toda uma fórmula que reside nas entrelinhas dos discursos dessas figuras reacionárias. O discurso aparentemente emotivo e conseqüentemente irracional da propaganda antidemocrática é muito mais atraente do que os discursos e campanhas de políticos tradicionais, mas ele



não é fruto do acaso e do “calor do momento” em que o agitador levanta a sua voz, grita e até mesmo chora (elemento muito comum nessas figuras).

A técnica possibilita novas formas de controle, afinal é essa sua função no projeto do esclarecimento. A popularidade do rádio, a sua invasão da vida privada das famílias e a passividade do ouvinte constituem uma combinação fértil para agitadores nesse contexto. A violação da esfera privada denota a atmosfera totalitária que o rádio cria. Fenômeno não somente na Europa, mas ainda mais presente nos Estados Unidos, o rádio se torna um popular meio de comunicação de massas. O “avanço” técnico possibilita concomitantemente novos horizontes e formas de dominação.

Com o enfraquecimento da figura paterna e o concomitante declínio da família em meio a um novo momento econômico de extrema desigualdade onde entram em cenas as longas consequências de dois conflitos de uma escala global sem precedente algum em meio a maior crise econômica do período tornam as primeiras décadas do século XX um momento de velozes mudanças, graves crises e muita instabilidade política.

Em meio a esse difícil contexto social e econômico, figuras como o pastor Martin Luther Thomas se espalham pelos rádios ainda ao longo dos anos de 1930, anos difíceis de crise, inflação, desemprego e dificuldades econômicas. Figuras conservadoras e reacionárias fazem parte do cenário político, todavia com as consequências devastadoras da crise de 1929 fazem com que esses agitadores políticos ganhem cada vez mais seguidores em meio as seus calorosos discursos que se diferenciavam da fria propaganda de políticos tradicionais e liberais. A grave crise econômica funciona como um catalisador para tais movimentos levando a um quadro político instável que teve sérias

consequências para muitas nações na Europa. A crise piora ainda mais a instabilidade política principalmente em países europeus.

Nos Estados Unidos a situação não era tão distinta. Apesar da aparente consolidada democracia norte-americana e o fato de que não houve uma perigosa ruptura como ocorreu em muitos países europeus não significava que ameaças contra minorias ou contra o próprio sistema democrático eram inexistentes ali. Os ataques contra a democracia eram mais diretos e abertos em países com todo um histórico muito distinto como era o caso da Alemanha, que possui uma propaganda muito mais agressiva e direta com relação ao regime democrático da República de Weimar, regime este imposto pelos Estados Unidos após a derrota na Primeira Guerra Mundial estava de fato mais exposto e poderia ser atacado abertamente em um país onde não havia tradição política ligada a essa forma de governo, somando-se ainda ao fato de que a democracia se constitui como um modelo fruto das imposições instauradas pelos países vencedores, o que viria a torna-la um alvo ainda maior para a propaganda antidemocrática.

De qualquer forma os Estados Unidos possuíam uma conjuntura histórica muito distinta. Esse importante fator levou os movimentos autoritários a adotar diferentes roupagens em solo norte americano. Em meio ao fenômeno do rádio, a direita cristã cresce e ganha significativo espaço no país, principalmente com os efeitos da crise de 1929 que tornou os anos de 1930 nos Estados Unidos, sinônimo de graves conflitos de classe, desemprego em massa em meio a longas greves de larga escala compostas por milhares de trabalhadores sem outra saída ou instrumento em mãos. Uma crise sem

precedentes e o sinuoso caminho até o início de outro conflito armado de escala global pode sintetizar como fora essa difícil década.

Nesse contexto, agitadores e polos mais extremos da política tendem a ganhar espaço em meio a uma completa ausência de perspectiva e compreensão das reais causas do sofrimento a que estão submetidos sem aparente razão imediata. Os ataques a minorias e a tradicional democracia liberal norte americana são mais indiretos e velados. Normalmente com a roupagem cristã se entende que não cristãos não possam exercer direitos básicos, de qualquer forma o que predomina são as aspirações pelo autoritarismo como uma via de resolução dos graves problemas enfrentados em meio à ebulição social dos anos de 1930.

O que desperta a atenção de Adorno e outros membros do Instituto é o fato de que muitos desses agitadores e líderes de movimentos antidemocráticos nos Estados Unidos e outras nações expressam abertamente apoio e admiração por líderes como Mussolini e até mesmo por Hitler. Além de partilhar claramente do ódio gratuito contra minorias. Isso fica claro tanto nas análises de Adorno sobre o pastor Martin quanto em *Prophets of Deceit: a study of the techniques of the american agitator* de Leo Lowenthal e Norbert Guterman que será abordado mais adiante. Lowenthal e Guterman deixam claro essa atmosfera de admiração pelo autoritarismo que se espalhava. Normalmente é comum que nesse momento, narrado posteriormente como o Período Entreguerras, apenas as nações europeias são retratadas como um caldeirão de instabilidade política e simpatia pelo autoritarismo, enquanto os Estados Unidos são deixados de lado. Porém há um significativo apoio explícito ao fascismo em solo americano, seja de agitadores ou de seus apoiadores que

se reúnem em praças públicas para interagir em meio aos discursos ou notícias de Hitler. Evidenciando a dimensão desse fenômeno em meio a esse contexto onde as sociedades produzem um “novo” indivíduo esmagado socialmente sob as mais diversas formas a sua rebelião surge quase como uma compensação pelo esmagamento sofrido, depositando sua vingança na figura antropomórfica de um líder poderoso, que viria a radicalizar ainda mais a ordem que produz incessantemente tanto sofrimento.

A fórmula da barbárie.

## Uniformidade e identificação

Nosso objeto de análise e constantes referências será a figura do Pastor Martin Luther Thomas, analisado minuciosamente por Adorno em *The Psychological Technique of Martin Luther Thomas' Radio addresses*. A figura do pastor sintetiza o grave problema da agitação política antidemocrática presente no contexto. Sintetiza não apenas os problemas enfrentados por minorias, mas a própria estrutura da propaganda e dos discursos, de forma que para Adorno, ao conhecer e analisar Thomas pode minimamente se familiarizar com os discursos de todos aqueles que são agentes sociais frutos do mesmo contexto e fenômeno.

A escolha de Thomas como objeto aqui se dá por diversas razões, além de sua importância na obra de Adorno, há um fator que o próprio autor em questão destaca. Thomas assim como diversos outros agitadores políticos também são produto de seu contexto histórico, seus discursos, suas técnicas possuem uma estrutura muito parecida. A homogeneidade dessas figuras que orbitam em torno do cenário político é significativa para Adorno. A similitude da estrutura da propaganda destes agitadores é tão significativa que para Adorno basta analisar apenas um desses agentes sociais e sua propaganda para se familiarizar com todos os outros agitadores. O que muda é a 'roupagem' que cada um deles se utiliza. O pastor Martin Luther Thomas é um agitador que atua nos Estados Unidos, que pela tradição democrática de seu país evita atacar diretamente a democracia liberal, utilizando-se de um fundamento religioso que culmina em um discurso antidemocrático acima de tudo.

De forma sucinta essa estrutura e fórmula da barbárie presente nesses discursos possui um forte caráter projetivo. É recorrente a presença de uma projeção paranoica sobre os alvos de Thomas, pois há sempre inimigos que são responsabilizados e atacados o tempo todo. É constante o ataque e responsabilização de elementos antropomórficos, grupos, minorias étnicas, sexuais e religiosas. Um comportamento paranoico fica evidente nas projeções do pastor. Supostas ameaças comunistas, conspirações imaginárias de judeus e outras minorias habitam o imaginário delirante da propaganda. Muitos elementos são associados ao comunismo que por sua vez atrai tudo aquilo que o radicalismo de direita se opõe cegamente. Adorno em diversos momentos enfatiza a proximidade das técnicas de discurso de Thomas com diferentes agitadores, comparando o pastor a outros agitadores americanos, realizando ainda constantes comparações com, Hitler e sua máquina de propaganda. Não parece haver um contato efetivo com o real, a projeção paranoica se impõe sobre a realidade. A propaganda já define o objeto de antemão, o interior se impõe sobre o exterior utilizando-se de uma mimese perversa. O autoritarismo não se limita apenas a política, esses indivíduos possuem um amplo autoritarismo frente ao real, de tal forma que não há debate algum, o que a torna ainda mais nociva, afinal a propaganda ataca o que ela constrói, assim como o paranoico cria seu próprio delírio, os agitadores combatem fantasmas ou elementos criados ou distorcidos pela sua própria narrativa através de suas lentes obtusas.

A obra *Prophets of Deceit A Study of the Techniques of the American Agitator* de Lowenthal e Guterman também expressa a mesma estrutura e destaca as fantasias sobre inimigos, o ódio, a integração e todo o imaginário

criado pelo radicalismo ao atacar a democracia liberal exigindo na verdade a radicalização de sua essência. Porém a obra em questão possui muitos pontos que Adorno também destaca, devido essa similitude e padronização da fórmula aplicada nos discursos. No entanto Lowenthal e Guterman abordam com mais atenção os 'inimigos' combatidos por agitadores antidemocráticos. Thomas é um bom exemplo disso, atacando desde universidades, escolas, supostas e vagas ameaças comunistas e ainda minorias, tendo como principal alvo a comunidade judaica. Mas até mesmo Instituições tradicionais são atacadas pelo pastor e seu radicalismo.

Quando Adorno aborda a questão da propaganda antidemocrática e seu arquétipo também posteriormente as análises dos discursos de Thomas, muitos elementos se mostram presentes anos depois no texto intitulado: Teoria Freudiana e o padrão da propaganda fascista. Adorno ainda se mantém ligado a uma abordagem onde se enfatiza a uniformidade dos agitadores, que eram monótonos e limitados no que toca seus discursos e técnicas. Retomando ainda o fato de que a paranoia tem um enorme peso na estruturação da propaganda antidemocrática.

Mas nesse momento Adorno se distancia ainda mais de Freud. Nessa dupla análise da propaganda e da postura do pai da psicanálise, o frankfurtiano enfatiza o fato de que Freud não releva o papel dos fatores econômicos que se relacionam e poderiam até condicionar tais posturas irracionais e de fácil aceitação da propaganda. Freud ignora a irracionalidade da vida econômica na sociedade administrada e o crescente esmagamento do indivíduo junto a todo o sofrimento produzido pela contínua violência econômica empreendida nessa sociedade.



De acordo com Freud, o problema da psicologia de massas está intimamente relacionado ao novo tipo de sofrimento psicológico bastante característico da época que, por razões socioeconômicas, testemunha o declínio do indivíduo e seu conseqüente enfraquecimento. Enquanto o próprio Freud não se preocupou com as mudanças sociais, pode-se dizer que ele desenvolveu, no interior do confinamento monadológico do indivíduo, os traços de sua crise profunda e disposição para ceder inquestionavelmente às poderosas instancias coletivas externas<sup>14</sup>. (Adorno, 2015, p.157)

A propaganda representa mais uma forma de esmagamento do sujeito ao empreender a dominação através de sua “psicanálise perversa”, herdando esse caráter totalitário do esclarecimento que se interessa por um elemento na medida em que ele possa aperfeiçoar a dominação sobre a natureza, para exercer mais efetivamente o seu jugo sobre os próprios homens ao aperfeiçoar e potencializar a reprodução do existente ou dar condições e garantias para a continuidade desse processo e do status quo. Assim como no próprio esclarecimento a propaganda possui esse projeto que de um determinado ponto de vista se configura como a negação da existência de um projeto em si. Não há plano, não há mudança ou movimento na dominação do esclarecimento. O progresso é a própria negação da existência de um movimento, a propaganda é a própria negação da reconciliação que a psicanálise poderia produzir socialmente.

Adorno destaca que até a libido é transformada em obediência na propaganda. Nesse processo empreendido pelo radicalismo, a libido

---

<sup>14</sup> ADORNO, Theodor W. Ensaios sobre psicologia social e psicanálise; tradução Verlaïne Freitas. – 1ª. edição – São Paulo: Editora Unesp, 2015. Página 157.

desempenha um papel decisivo em meio a essa integração artificial e forçada frente à manutenção ou a piora das extremas desigualdades e ainda somado a uniformidade aspirada e perseguida pelo radicalismo.

Nesse doloroso processo de integração a libido possui uma função decisiva para a formação e continuidade desses grupos. Mas isso não significa que o “amor” reina no coletivo do radicalismo de direita ou em sua propaganda. O único espaço reservado a essa “fraqueza” é o amor cego ao ideal da nação e todos os interesses irracionais que os sujeitos defendem que se escondem atrás da bandeira de sua nação. Esse “amor” é uma forma de amor que não interage e que não passa de uma forma cega de obediência e supressão de conflitos internos. Toda essa obediência também se transfere ao líder que tanto fala de seu amor pela nação. Ele busca associar sua imagem e seu movimento as cores da bandeira ao mesmo tempo em que convida os sujeitos a realizar o sacrifício que ele realiza por ela. Thomas, nosso foco de análise possui uma roupagem mais religiosa, porém o nacionalismo exacerbado é perceptível nele.

Essa dolorosa integração pregada pela propaganda radical em meio a ferocidade do capital especialmente em contextos como o de uma crise econômica é sempre promovida como um fenômeno quase natural onde os indivíduos devem, sozinhos, lutar pela sobrevivência, também naturalizada. Em meio a essa dinâmica a integração por um caminho irracional, mas atraente para os sujeitos, explorando não apenas o nacionalismo, mas ainda necessidades sublimadas do Eu. O fato é que a integração precisa ser realizada por tais vias, pois seria necessário suprimir conflitos sociais e econômicos no seio da nação, principalmente em um momento em que estes

problemas se intensificam devido ao processo de extrema concentração de renda que é comum nesses momentos.

O apelo à integração é bem recebido entre os indivíduos que não enxergam o que há atrás da bandeira focada pelo movimento ou por um capricho do agitador. Essa integração suprime também o receio de um conflito que colocaria em risco a ordem vigente que produz constantemente e mantém esse abismo entre seus membros. Conforme vimos a dominação da propaganda é tamanha que se captura e se canaliza os impulsos por mudanças, resgatando sempre os valores burgueses que também podem ser questionados e ameaçados, assim ela segue naturalizando e legitimando esses mesmos valores entre seus diferentes membros ligados ao mérito burguês em uma sociedade cada vez mais estratificada.

É preciso naturalizar desigualdades, suprimir diferenças em nome da uniformidade almejada. Essa integração e uniformidade talvez represente para o radicalismo a reconciliação, diante do enorme problema de alteridade que surge em um grupo onde se promove esse narcisismo perverso e onde sempre os sujeitos exigem que o outro seja idêntico a ele e ao seu líder. Não há espaço para um questionamento efetivo ou um pensamento autônomo. Qualquer indagação está fora de questão, para que não se rompa a “harmonia e união” que o agitador sempre pede antes ou depois de incentivar a perseguição aos seus inimigos imaginários. Essa intensa integração não deixa espaço para dúvidas, desvios, construções, a obediência deve ser absoluta e a castração freudiana impera por toda a parte. Na propaganda a integração se mantém sob uma eterna vigilância paranoica, normalizada e incentivada continuamente. O desvio se torna uma traição e o sujeito deve ser punido como

um inimigo da nação ou um vilão que o imaginário paranoico produz incessantemente. A mesma uniformidade que satisfaz os olhos dos sujeitos na sociedade administrada que a maquinaria produz passa a ser aspirada também na sociedade.

Essa integração que exige de forma intensa essa uniformidade estrutura de fato a propaganda, anunciando seus alvos, deixando claro que a perseguição daqueles que são diferentes é uma das etapas da barbárie.

Durante a ascensão do nazismo era comum a repetição de um slogan racista que associava “sangue e solo” (Blut und Boden), o nazismo não enxergava distinção alguma entre nação e raça e conseqüentemente não tolerava a ausência de uma uniformidade racial entre seus membros. É comum não haver diferenciação entre raça e nação no radicalismo de direita e conseqüentemente no próprio grupo, o que já denuncia o problema e a rota de colisão com minorias e todos aqueles que não pertencem ao in group<sup>15</sup> conforme afirma Freud em Psicologia das Massas. Esse nacionalismo exacerbado dos radicais já carrega o ovo da serpente.

Aqueles que se encontram fora do grupo associado à identidade nacional terão de lidar com a hostilidade e perseguição. Essa hostilidade em direção a esse alvo escolhido funciona como um fator de integração entre os membros do radicalismo. Podemos arriscar afirmar que muitos indivíduos praticamente necessitam dessa hostilidade direcionada para aqueles que estão fora do seu grupo, integrando-se de uma melhor forma ao seu próprio coletivo e identificando-se mais facilmente com os outros membros. Não apenas esse

---

<sup>15</sup> Freud S. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. In: Psicologia das massas e análise do eu.

fator facilita a integração entre os mais radicais devido à existência desse suposto inimigo que atrai a atenção e a energia desses sujeitos como também diminui tensões entre classes sociais.

Adorno não discorda de Freud quanto à importância da figura do líder como fator decisivo para a integração. Freud ao discorrer sobre esse agente usa os exemplos de duas tradicionais instituições ocidentais; o exército e a Igreja, afirmando que a identificação comum com as autoridades de cada instituição é o pilar de integração e elemento fundamental desses grupos<sup>16</sup>. Essa autoridade quase absoluta é o que sustenta esses grupos altamente organizados. E é isso que interessa a Adorno, pois para ele essa figura do líder possui uma importância e função ainda mais complexa. Utilizando a psicanálise freudiana, Adorno retoma a imagem do pai da horda primitiva de Totem e Tabu. A temida figura paterna que exerce a dominação pela violência imediata e ilimitada. O mito científico de Freud interessa a Adorno, pois a propaganda é essencialmente irracional, fugindo do debate de problemas reais. Sua vocação é o irracional acima de tudo, transformando os sujeitos em meros instrumentos de seu sistema totalitário.

Despertar traços arcaicos que a civilização ainda carrega dentro de si é a especialidade da propaganda e do agitador. O temido pai primitivo ainda estaria presente na identificação e relação dos sujeitos com o líder. Essa figura

---

<sup>16</sup> Freud aqui discorre sobre a Igreja e o Exército enquanto exemplos de modelos de integração e organização. Ele destaca como a figura do líder e seu 'amor' pelos que os seguem seria o fator principal na integração e identificação entre seus membros. O maior exemplo é um romance onde surgem evidências que questionam a existência e fatos ligados a Cristo. Freud destaca que nesta história fictícia uma onda de violência se espalha e ela apenas acaba com a suposta comprovação de que as descobertas que questionavam a fé cristã seriam falsas. No romance escrito por um bispo; 'When it was dark' a desintegração completa da massa ocorre a partir da perda do 'amor' de Cristo. No caso supostamente encontram-se provas de que alguém havia retirado o corpo de Cristo de sua sepultura no terceiro dia. Freud ainda cita outro exemplo, mas desta vez com o exército ao descrever a completa desintegração dos soldados quando um deles ao perceber as atitudes do líder exclama: "o general perdeu a cabeça".

de autoridade age também como um fator de integração em grupo onde os sujeitos procuram uma figura para se submeter. Há uma predisposição a essa entrega e esmagamento dos indivíduos.

Essa submissão corresponde a quase um desejo nos sujeitos que ao se identificarem com o “poderoso líder” satisfazem esse desejo de se tornarem fortes e temidos como ele. No radicalismo é comum muitos indivíduos colocarem o poder em si como o centro de sua atenção. Há um fascínio pelo poder e de tudo aquilo que remete a ele. Desfiles militares, tanques de guerra sempre provocam uma espécie de prazer no indivíduo, pois ele se identifica com o poder, de forma alguma ele de fato se rebelaria contra essas forças, ele busca se unir ao poder que tanto lhe cause fascinação. O indivíduo não enxerga a possibilidade de que todo aquele aparato possa ser usado contra ele e seus interesses imediatos. A identificação que esse indivíduo busca já define de antemão a sua postura frente esses fatores.

A comunidade do povo fascista corresponde exatamente à definição por Freud de um grupo como sendo “um número de indivíduos que colocaram um e o mesmo objeto no lugar do seu ideal do eu e, conseqüentemente, se identificaram reciprocamente em seu eu.” (MPIA, p.128). A imagem do líder, por sua vez, toma de empréstimo, por assim dizer, da força coletiva sua onipotência primitiva paterna. (Adorno, 2015, p.169-170)

No caso de Thomas a identificação com o líder junto a outros elementos da propaganda resulta em todo um complexo narcisista com o agitador, mas ao mesmo tempo ele também é uma autoridade religiosa. Para Adorno esse narcisismo coletivo que se instaura no grupo tem uma relação direta a essa

herança arcaica. O líder idealizado só possui essa imagem contraditória, devido não apenas a identificação, mas a essa herança e ao narcisismo coletivo presente enquanto uma regressão, levando não a rebelião dos filhos e a morte do pai primitivo de Totem e Tabu e seu mito científico, mas sim a submissão efetiva a essa temida figura de autoridade.

Essa é a façanha da propaganda e a construção da imagem que o agitador realiza. Através desse narcisismo a postura dos sujeitos diante do agitador é contrária do que se espera no que toca os seus interesses. O narcisismo faz com que o objeto externo seja visto de uma forma diferente. O sujeito “se torna o pai primitivo”. O líder que os sujeitos buscam fortalecer e tornar absoluto “sempre estará ao seu lado”. Não apenas o próprio líder, mas tudo que emana poder e dominação são admirados e evocam o “progresso” do esclarecimento. O sujeito deseja o poder e se torna forte como o líder através da identificação perversa nesse processo.

Além disso, o aspecto primitivamente narcísico da identificação com o ato de devorar, de tornar o objeto amado uma parte de si mesmo, pode nos fornecer uma pista para o engrandecimento da personalidade do próprio sujeito, uma projeção coletiva de si mesmo, em vez da imagem do pai, cujo papel durante as últimas fases da infância do sujeito pode muito bem ter declinado na sociedade atual.  
(Adorno, 2015, p.168)

Assim chegamos a mais uma razão para que as minorias se tornem alvos e sejam até mesmo retratadas como ameaça. As minorias emanam a fraqueza na visão do radicalismo, dessa forma não há identificação com elas.

Por outro lado, para se legitimar a perseguição, a propaganda coloca essas mesmas frágeis minorias como uma espécie de ameaça, construindo uma narrativa onde se distorce e se inverte seu papel e importância na sociedade. Essa imagem desproporcional transforma grupos sem representação política e poder econômico em ameaça. Quando o sujeito pratica a violência contra esses grupos enfim realiza o que acredita ser quando se depara com seu líder. Enfim o poder ao qual depende sua felicidade se encontra ao seu alcance. Mas os alvos também são cambiáveis e novos “inimigos” serão escolhidos, construídos, distorcidos e até criados assim que essas minorias selecionadas inicialmente forem eliminadas pelo “bem da nação”.

O que importa é reproduzir a dominação sobre todos aqueles que são fracos ou que supostamente representam uma ameaça contra a ordem que os sujeitos tanto defendem. A figura desses “inimigos” é fundamental nessa integração. O ódio partilhado une a massa incendiada pela eterna repetição da propaganda antidemocrática. Há sempre o impulso em eliminar aqueles que estão fora do ‘in group’ representados pela propaganda. O agitador tem um forte poder ao definir também os que se encontram no ‘out group’, por si só aqueles que não integram o grupo são vistos como ameaça. A psicanálise tomada pelo esclarecimento serve a dominação e não ao bem estar e saúde dos sujeitos.

A propaganda quer reduzir o sujeito à natureza, a pura dominação de outrora no despertar da barbárie. Mas conforme afirma Adorno; o fascismo não é um fenômeno psicológico, portanto não se reduz tal fenômeno a vontade individual; “A propaganda fascista precisa apenas reproduzir a mentalidade



existente para seus próprios propósitos” (Adorno, 2015, p.184). A sociedade produz esse novo sujeito que não compactua com a democracia liberal, ele é o sintoma da dominação que o esmagou.

## Naturalização da autoridade

Em uma sociedade que produz constantemente um abismo entre seus integrantes, mas que se apresenta como democrática, onde o mérito burguês tenta ofuscar a sua estratificação aproveitando-se da porosidade insignificante dos poucos que conseguem quebrar as barreiras impostas. Onde a exceção é a regra, os raros casos de ascensão são usados repetidamente para responsabilizar os indivíduos por seus supostos “fracassos” e legitimar o todo. Frente essa sociedade estratificada, devido à frustração e angústia produzida em muitos, o agitador surge como uma solução se apresentando como o líder de um movimento supostamente novo e contrário ao establishment.

Construindo sua vaga imagem, a qual pode corresponder as mais variadas projeções de seus ouvintes. Seus simpatizantes por sua vez atraídos pela propaganda tornam-se até mais radicais que seu próprio salvador. Tratamos inicialmente de Martin Luther Thomas e as conclusões de Adorno quanto ao agitador da costa leste americana. Mas não sem motivos, pois suas conclusões se tornam pertinentes em sua análise assim como a própria ameaça da barbárie. Posteriormente, ao escrever Antissemitismo e Propaganda Fascista, fica evidente a permanência das características da propaganda para Adorno. Seja o seu caráter pessoal, seja o seu vago

conteúdo ou ainda a sua função que corresponde a uma espécie de realização de desejos.

Não apenas as falhas da sociedade são utilizadas pela propaganda, a concepção de natureza que reflete a projeção do próprio funcionamento dessa sociedade junto à naturalização da autoridade em si desempenha um papel na sua estrutura como vimos. Temos de ter em mente que Adorno enfatiza a forma como a propaganda opera em seu próprio terreno, isto é, ela não realiza debate algum.

A propaganda cria e atribui autoritariamente supostos problemas e culpados, promovendo um “debate” que já está decidido de antemão. A paranoia é um traço fundamental nessa mentalidade e estrutura essa verdadeira simulação. A combinação desta característica com a idealização e obediência absoluta a uma autoridade é uma fusão perigosa. Quando essa figura de autoridade se fortalece através de sua construção pela propaganda junto a esse debate paranoico, onde o grupo escolhe, cria e fantasia sobre o objeto escolhido, a postura do líder quanto a esse objeto passa a ser relevante, frente ao poder de sua autoridade.

No caso de Thomas, a vaga “vontade de deus” é explorada para agressões “justificadas” ou o desemprego e tantos outros elementos interessantes ao pastor. O uso de uma figura divina como um instrumento de dominação não seria algo novo, mas quando os agitadores e conseqüentemente sua propaganda promovem um fundamentalismo religioso, surge ainda mais um ataque supostamente justificado contra os mais variados grupos, além do líder se colocar ao lado dessa própria figura divina. Dessa forma se associa facilmente minorias ao que o sistema religioso em questão

condena através de oposições simplistas e infantis, evidenciando ainda mais a lógica totalitária e a ausência de qualquer abertura a debate, a realidade é definida de antemão, distorcida para agradar e se encaixar na narrativa criada pelo radicalismo.

A propaganda não realiza argumentação alguma, ela se opõe contra aquilo que ela mesma criou. Esse debate paranoico não promove uma discussão efetiva, a propaganda nunca adentra esse nível, seja o objeto de debate real ou não, se ataca o fantasma que ela criou. Não há uma lógica efetiva no discurso da propaganda antidemocrática, sua construção não se dá através de assuntos que possuem um nexo entre si, nas palavras de Adorno, ela compõe uma “corrente de palavras”.

Mas há uma razão e uma fórmula que é fruto de um planejamento que estrutura esse discurso. Ao retomar tais elementos, temos como objetivo chegar à discussão da relação entre líder e seguidor, indo além da identificação que tratamos anteriormente. O que se colocou aqui é que nesse debate paranoico o líder constantemente se fortalece, pois ele emerge “vitorioso” dos debates e ataques paranoicos contra os inimigos imaginários, frente aos problemas criados ou distorcidos pelo radicalismo. Mas essa corrente de palavras que bombardeia os indivíduos com os mais variados estímulos indo desde histórias distorcidas a falsos relatos escandalosos que exploram a visão limitada e a moral dos sujeitos não é um elemento aleatório. Em meio a esse turbilhão de estímulos, a propaganda incentiva simultaneamente os indivíduos a se render as “suas emoções”. Dessa forma o convite à barbárie é feito após todo esse processo que visa atrapalhar o julgamento racional dos indivíduos. É

nesse momento, após o intenso sensacionalismo promovido pela propaganda que a autoridade do líder é ainda mais revigorada.

A propaganda tenta fomentar o regresso do indivíduo a um estado onde seu Id se fortalece e inicia uma rebelião contra o seu frágil Eu que é esmagado diante de um exigente Super Eu. Assim, o destino é levar o indivíduo a se perder em meio ao seu Id. Se desperta a barbárie para que o sujeito descarregue todo seu ódio no alvo escolhido pelo líder e construído junto à propaganda ou pelo próprio indivíduo através da vacuidão dos discursos e ameaças fictícias.

Da mesma forma que grupos, indivíduos, elementos antropomórficos são responsabilizados por fatores tidos como negativos, a face humana do líder surge como a resposta contra esses grupos que seriam culpados pelos problemas reais ou fictícios abordados pela propaganda. Um elemento antropomórfico frequentemente emerge, sendo apontado como um agente. Seja como o responsável por um problema de origem social seja para a solução daquele mesmo problema. A projeção de tais elementos impera nessa mentalidade, por toda a parte o antropomorfismo é usado para explicar fenômenos sociais que se situam muito além do domínio e da vontade de qualquer indivíduo.

Apontar tal agente é simples, porém é complexo expor efetivamente a responsabilidade do mesmo, mas no delírio da propaganda se “demonstra”, sem grande esforço, a suposta responsabilidade atribuída a esses grupos. Não há noção daquilo que é social, de elementos e forças sociais que se encontram acima de qualquer indivíduo. Nessa mentalidade o sujeito é responsabilizado por tudo, inclusive por sua condição social em meio a graves crises. É nessa

lógica que se estrutura o fortalecimento da figura do líder com poderes absolutos.

O esmagamento sofrido pelos indivíduos gera cada vez mais o desejo pela autonomia e liberdade de escolha sobre o que efetivamente os sujeitos querem. Sem escolha eles se submetem a estrutura econômica, onde não possuem autonomia alguma, aonde não conduzem sua vida como desejam.

O sucesso da figura infantil do herói que tem o poder de mudança e o controle de sua liberdade, expressa o que é negado desde a infância. Essa ordem gera a associação entre poder e felicidade e a figura contraditória do líder construída pela propaganda se apresenta como esse modelo idealizado. Identificando-se com o líder através do narcisismo incentivado pelo agitador, ele se torna aquilo que aspira a ser, mas que a dominação o levou a renunciar. O truque desse fetiche da autoridade é que o indivíduo acredita estar em rebelião contra o sistema que ele tanto busca se vingar. Uma das tarefas da propaganda se cumpre nesse momento. O messias foi anunciado, apenas ele pode mudar a situação. Nessa visão muito se explica e se resume tomando a forma de elementos antropomórficos.

Fetiche e irracionalidade caminham juntos. Quando o fetiche adentra a autoridade em si, a naturalização de toda e qualquer forma de dominação tem início. Nessa relação líder e seguidor, o fio condutor passa não apenas pela identificação e o narcisismo, mas até mesmo por uma forma de gratificação, conforme abordamos rapidamente em outro momento. A gratificação que muitos nutrem com a propaganda também se liga a gratificação que os sujeitos sentem com os produtos da Indústria Cultural.

O escândalo da propaganda gera uma espécie de prazer nos indivíduos, assim como o abandono que o agitador se permite ao discursar. Em geral, esse ritual ao discursar espelha aquilo que o sujeito renunciou em razão das exigências da civilização e da dominação que o desfigurou. A linguagem corporal do líder ao discursar, o tom de voz, somado a sua entrega expressa todo o rompimento com a disciplina promovida e tão valorizada pelo radicalismo. O que se renuncia é a formalidade e não as impulsões. Isso torna a propaganda continuamente mais atrativa que o tradicional discurso dos políticos liberais.

Nesse ritual, a performance do agitador evidencia o que muitos não se permitem na civilização contemporânea. Esse abandono no ritual apenas reforça ainda mais a aspiração pela liberdade e autonomia dos sujeitos esmagados pela sociedade administrada. A propaganda instrumentaliza esse mal estar na civilização e o coloca a seu serviço nessa psicologia perversa.

O ritual e seus traços já expressam a irracionalidade que a autoridade passa a ter. Tudo aquilo que o líder se permite nessa transformação de seu discurso nesse ritual denota a identificação narcísica que os sujeitos realizam com as lideranças de movimentos radicais. Dessa forma o ritual gera uma espécie de prazer nos indivíduos que retribuem absorvendo o vago conteúdo do discurso realizado pelo líder. Com o narcisismo o abandono do líder também é o abandono de seu simpatizante, com a satisfação gerada pelo seu discurso surge uma forma de gratidão, uma necessidade em aceitar o conteúdo do discurso. No que toca a autoridade em si, a propaganda buscar naturalizar o existente em todos os aspectos. Os simpatizantes da propaganda muitas vezes já possuem tal visão quanto a esse aspecto, eles já tomam a autoridade como

algo natural e praticamente inquestionável, a obediência e disciplina já presente nesses sujeitos reforça ainda mais essa postura.

O que Adorno realiza ao abordar esse fetiche da autoridade é demonstrar que a naturalização vai muito além das tentativas de legitimar e naturalizar a dominação em si quando se recorre à natureza e se projeta sobre os animais os princípios burgueses, a competição e até mesmo a normalização da luta pela sobrevivência em nossa sociedade ou qualquer elemento que justifique a dominação.

O que impera é a naturalização e a glorificação da autoridade em si, indo muito além da idealização da autoridade de um determinado líder naquele contexto. O radicalismo que até então parecia não ter um projeto de longo prazo, pois com a morte do líder não haveria uma saída ideal para esse “projeto civilizacional”, passa a ter com este verdadeiro culto à autoridade em si um substituto que pode ser facilmente aceito pela barbárie.

A propaganda contribui para tornar o agitador e seu fortalecimento uma resposta aos problemas vividos pelos sujeitos. A sua face humana surge como a solução para muitos. Da mesma forma que a dominação sobre as relações de trabalho em meio ao crescente anonimato daqueles que exercem o seu domínio sobre os indivíduos é projetada e moldada pelo antropomorfismo, a exploração passa a ter as faces humanas mais próximas ao imaginário dos sujeitos. O sofrimento produzido pela estrutura econômica toma traços antropomórficos mais específicos em alguns casos. Judeus e diversas outras minorias são alvos constantes, além de comunistas e até os tradicionais políticos liberais. Disso partem as associações paranoicas e contraditórias

entre judeus ricos que conspiram em favor do comunismo (a definição de comunismo nessa mentalidade é algo vago e difícil conforme abordamos).

Independente dos alvos escolhidos, a estrutura paranoica da propaganda aponta aqueles que seriam responsáveis e devem ser punidos. O agitador emerge como uma “última esperança” para a nação enquanto ele anuncia os inimigos. Apesar dessa visão simplista, tal fator contribui para esse fetiche da autoridade em muitos sujeitos. Seja a sacralização do líder associando adversários políticos a tudo aquilo que se opõe ao que seria sagrado, sejam os ataques infundados aos adversários e inimigos imaginários.

Toda uma tensão surge quando a uniformidade aspirada pelo movimento não é encontrada em outros indivíduos. A identificação narcísica do líder gera essa tensão com aqueles que pensam diferente desses sujeitos ou encontram-se no ‘out group’. A intensa identificação com o líder e essa natureza totalitária do movimento que esmaga qualquer indivíduo que ouse desviar da doutrina fortalece continuamente o fetiche da autoridade.

Glorifica-se a liderança como tal, desprovida de qualquer ideia ou objetivo visível. Fetichizar a realidade e as relações de poder estabelecidas é o que tende, mais do que qualquer outra coisa, a induzir o indivíduo a abdicar de si mesmo e a entrar na suposta onda do futuro. (Adorno, 2015, p.149)

Na sociedade administrada assim como no radicalismo todos já possuem o seu “lugar” de antemão. O culto a toda forma de autoridade, a crescente verticalização econômica, a obediência e a disciplina cega do radicalismo não se diferenciam tanto da sociedade estratificada que produz



essa barbárie diante do inferno imposto a muitos de seus membros. Na ausência de qualquer perspectiva de uma condição digna e autônoma nem as estrelas escapam a lógica da sociedade que torna tudo igual.

Quando Adorno reflete sobre as colunas de astrologia do Los Angeles Times, na obra conhecida como *As Estrelas descem à Terra*, até mesmo os astros não deixam de expressar a dominação, a falta de perspectiva e o destino já reservado ao indivíduo de antemão. O olhar lançado em direção às estrelas, a projeção realizada sobre os astros contém a violência da sociedade administrada e toda a conformidade que ela gera nos indivíduos que naturaliza a dominação e o lugar social ocupado pelos indivíduos. A percepção dos sujeitos submete tudo a lógica do sempre igual, nem mesmo a luz dos astros se desprende dessa condição. Não importa se as estrelas encontram-se mortas ou não e sua luz ainda viaja e se mantém visível na Terra, isso só revela o atraso e a ilusão que temos diante de nossos olhos.

Seja essa ilusão promovida pela propaganda ou por estrelas mortas e seu suposto poder de definir de antemão o destino dos sujeitos na sociedade. Adorno quer demonstrar como há uma intensa irracionalidade nessa civilização que se diz esclarecida. Seja a projeção realizada sobre os astros, líderes ou minorias, o fato é que a irracionalidade da sociedade administrada é projetada por toda a parte.

## Idealização da autoridade

Na estrutura da propaganda, o processo de idealização e de construção da imagem do agitador/líder é o ponto de partida para a identificação que ele busca realizar com seu público. Através desse processo se abre caminho para a absorção e radicalização de seus receptores. Por isso a identificação e idealização da imagem do agitador são um dos pilares dos discursos. Esse processo culmina em uma imagem quase mítica do agitador.

São diversos mecanismos usados pelos agitadores. Não apenas por Thomas obviamente, tratamos aqui de uma estrutura. Diferenças entre esses radicalismos existem, os agitadores não são todos iguais, Adorno não busca realizar tal afirmação. Ele busca evidenciar que há uma série de elementos pertinentes em tais agitadores quando se analisa a propaganda de cada um. Adorno até mesmo afirma que desse ponto de vista é possível conhecer as técnicas de quase todos os agitadores quando se analisa apenas um deles. A construção de uma imagem idealizada e contraditória, um homem que se sacrifica pela nação, a existência de inimigos em meio à sociedade são características recorrentes.

No caso de Thomas, o processo de construção de sua imagem não é diferente. O pastor empreende a narrativa de que é perseguido justificando tal perseguição com motivos vagos, se colocando como um inocente perseguido. Thomas intencionalmente procura elaborar uma imagem vaga de si para seus ouvintes. O objetivo é basicamente o maior alcance da identificação e deliberadamente deixar espaço para as projeções de seus seguidores, para

que estes construam as mais contraditórias concepções de sua imagem, baseando-se em si mesmos obviamente.

O uso de termos vagos requer uma maior participação de seus ouvintes. O processo de identificação ocorre de uma forma mais efetiva. Thomas passa a ser idealizado, pois sua imagem é fruto de seu próprio público, um reflexo dos ideais de cada sujeito e suas projeções narcísicas. Recorrendo a um termo da psicanálise, Adorno afirma que o que os sujeitos acreditam apreciar no agitador é a própria imagem do ideal do Eu de cada um.

Nesse ideal o agitador consegue construir uma imagem vaga e contraditória, para assim corresponder às expectativas de todos os sujeitos e produzir a identificação do que cada um projeta em sua figura. O agitador tem que se apresentar como forte, colocando-se acima de todos, legitimando sua liderança e atraindo aqueles que não possuem autonomia ou conforme afirma Adorno, aqueles com sede de submissão. Ao mesmo tempo Thomas se apresenta como um homem comum, fraco e cansado de assistir aos problemas da sociedade.

Ele assim se apresenta como um cidadão como qualquer outro, impotente diante da sociedade semelhante a seus seguidores, mas que agora passa a enfrentar supostos problemas e que precisa de apoio absoluto, um apoio quase cego de seus ouvintes. Outra face da mesma técnica que corresponde a um importante fator na liderança totalitária é a satisfação de um desejo narcisista nos sujeitos, a construção de uma imagem de um líder autônomo e livre, dotados de traços que são negados aos seus seguidores. O indivíduo recebe a promessa de se tornar forte como o líder, se ele aceitar se submeter e se dissolver, desaparecer no movimento.

## Agressão legitimada

Os vagos objetivos do radicalismo de Thomas e sua vaga imagem, também dão lugar a elementos precisos e claros aos ouvintes. A repetição, outro pilar da estrutura da propaganda antidemocrática é aplicado juntamente a esse primeiro mecanismo que aqui analisamos. Essa imagem de um homem honesto que pensa o tempo todo nos outros e que por fazer o certo é perseguido por inimigos os quais ele não identifica com precisão todas as vezes. Essa constante tentativa de criar tal imagem é nomeada por Adorno como o mecanismo do “Inocente perseguido”. Para Adorno fica claro que essa estratégia serve para justificar agressões em momentos oportunos: “[...] interpret the danger to the leader as one to all and to rationalize aggressiveness under the guise of self-defence<sup>17</sup>”.

A razão para construir tal imagem e repetir essa técnica se relaciona primeiramente a uma mera aproximação de seus ouvintes. Não apenas a agressão passa a ser potencialmente justificada<sup>18</sup>, mas sua roupagem religiosa entra em cena neste momento. Thomas coloca isso em prática o tempo todo, passando a imagem de um homem que se importa com os outros mais do que

---

<sup>17</sup> ADORNO, T.W, The psychological technique of Martin Luther Thomas' Radio Addresses. *Gesammelte Schriften*, 9.II. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1975. Página 10.

<sup>18</sup> Freud, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913) — São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Página 84. Aqui Freud deixa claro que o delírio e o funcionamento do mecanismo da paranoia acabam por justificar as agressões a partir da existência de uma suposta perseguição por parte do alvo escolhido. Este por sua vez outrora pode ter exercido uma relevante função na vida psíquica do sujeito.

consigo mesmo, buscando repetidamente destacar seus sacrifícios e o trabalho incansável pela sua causa, assim ele se iguala a uma das figuras centrais de sua religião.

Deixando seus ouvintes em uma situação onde eles já não possuem um julgamento racional, apoiando o pastor sem um julgamento crítico. Quando Thomas pede o seu apoio ou aponta inimigos é como se exigisse que seus ouvintes se colocassem ao lado do próprio deus cristão, essa associação silencia a crítica de seu público. Thomas joga com essa figura como veremos mais a frente.

O sacrifício de Cristo para Freud impõe aos cristãos um peso, uma exigência de “amor” a qual não pode ser correspondida. Cristo já se sacrificou por eles e permitiu que continuassem a viver mesmo que com a mancha do pecado. O que Freud quer destacar é o peso de tal exigência e a forma como se torna impossível retribuir tal ato. O que resulta não só em um sentimento de culpa, mas também em uma postura de eterna prontidão para tentar retribuir ou minimamente compensar tal sacrifício. Thomas se aproveita deste mal estar na civilização, aplicando a associação de sua figura com a divindade da religião cristã.

Assim, quando o pastor relata que é atacado, perseguido por suas próprias qualidades, ele incendeia os ouvintes com tal técnica, uma vez que seria quase o próprio Cristo sendo atacado. Thomas relata que talvez seja envenenado, dizendo ter provas reais de que isso pode ocorrer ou até mesmo que sua igreja corre o risco de ser queimada a qualquer momento, novamente sem identificar especificamente quem faria tal ato. Produzir essa vaga

atmosfera de tensão e conflito é um elemento de peso na propaganda antidemocrática.

Adorno ainda destaca que esse discurso é originalmente empregado pela propaganda nazista. Esse mecanismo busca alterar o estado de espírito daqueles que atinge. Mas o que ele representa de fato é o início do processo de legitimação da violência. Adorno deixa claro que ele ainda se configura como uma espécie de racionalização da agressividade dos seus seguidores. Thomas busca a dominação de tais impulsos, para incendiá-los, através da propaganda e usá-los como instrumentos para atacar uma instituição ou um grupo, inimigos da sua cruzada cristã a hora que quiser. Ele os incendeia e os joga na direção de seus alvos quando julga ser necessário.

Esse mecanismo é um estímulo a violência em si. Mas uma violência supostamente justificada, a mesma violência do paranoico, que Freud desenvolve em O Caso Schreber. A violência paranoica é justificada pelo seu delírio, o qual o sujeito não tem consciência. Essa defesa do paranoico que se transforma nessa agressão justificada é sempre direcionada a um alvo que outrora desempenhou um papel de relativa importância para o paranoico. Mas aqui Adorno não está analisando o indivíduo e sim a sociedade. A propaganda torna a exceção a nova regra, transformando o comportamento paranoico na norma e não no desvio. Aquilo tido como patológico é invertido e incitado por Thomas, vindo a ser colocado em prática como algo moralmente aceitável pelos sujeitos.

Mas Thomas segue continuamente se fortalecendo nas falhas do capitalismo tardio. Ele conhece muito bem seus ouvintes. Muitos deles são pessoas de meia idade, idosos de classe média ou baixa, religiosos e

principalmente: solitários. Nessa constante busca por construir sua imagem explorar tais fatores é inevitável. Contudo, Thomas ainda precisa da identificação constante com seus ouvintes. Por isso ele afirma estar sozinho. O pastor afirma estar completamente sozinho na condução de seu movimento e que mesmo enfrentando dificuldades, não possui relação alguma com políticos e grandes jornais, algo que ele reitera em seus discursos.

Além da identificação, esse mecanismo chamado por Adorno de Lobo Solitário, desperta nos sujeitos a exigência de apoiar o pobre pastor, que se dedica tanto a sua causa, que renuncia a si mesmo e se dedica aos outros. Thomas encarna essa imagem idealizada que muitos sujeitos projetam e sondam na contemporaneidade, os ouvintes tem a impressão de que “há alguém fazendo algo”. Esse mecanismo pode ser associado a outros obviamente, a solidão é usada por Thomas nas apenas para a identificação com seus ouvintes, mas ainda com a própria perseguição imaginária sofrida por Thomas.

Mas a essência de tal técnica da estrutura de sua propaganda, apenas explora as falhas da sociedade. Adorno segue estabelecendo uma análise que identifica as raízes sociais de cada uma das falhas da sociedade administrada. A razão que leva Thomas a repetir tais afirmações é a receptividade que essa imagem possui nos sujeitos. O pastor se aproveita do comportamento de desconfiança e pessimismo que os indivíduos possuem com os grandes meios de comunicação. Pois com o monopólio de poucos grupos sobre tais meios, os sujeitos temem a manipulação e dominação que provém destes.

Assim Thomas se beneficia dessa desconfiança, desinteresse e ceticismo que muitos possuem frente aos grandes jornais, que se assemelham

cada vez mais as máquinas de propaganda, expressando nas palavras de Adorno “as verdadeiras relações de poder”. O frankfurtiano não subestima os sujeitos e suas posturas, não é sem motivo que eles passem a buscar outras fontes de notícias. Thomas se fortalece nessa imagem negativa que predomina na contemporaneidade. Ele se aproveita disso de uma forma ambígua ao construir a imagem do Lobo Solitário. Os indivíduos se abrem para suas ideias, pois esse é o anseio de muitos que não possuem autonomia alguma e nutrem, não sem razões, uma persistente desconfiança de toda a narrativa pronta e uniforme que lhes é entregue constantemente pelos poucos, centralizados e monopolizados canais de comunicação, profundamente ligados a estrutura econômica vigente.

A ambiguidade ainda reside na postura de Martin que ao explorar as falhas de uma sociedade que se diz democrática em todos os âmbitos realiza, na verdade, não uma crítica ao que a torna cada vez mais hierarquizada e desigual, o ódio que os sujeitos nutrem contra a dominação é explorado de uma forma perversa pela propaganda, pois Thomas direciona impulsos e satisfações que poderiam resultar em mudanças, para se promover e encaixá-los no caminho do Totalitarismo.

Assim como o primeiro mecanismo exposto, o Lobo Solitário, também foi empregado pelo nazismo, conforme Adorno destaca. No caso alemão, Hitler se referia aos “sete heróis” que começaram o movimento antidemocrático e ainda destacavam incessantemente o fato de não ter jornais, rádios ou políticos ao seu lado.

Ao se apresentar como esse Lobo, Thomas joga com o enfraquecimento da família enquanto instituição. Esse enfraquecimento da família e do indivíduo,



em meio a uma sociedade que possui uma concentração de renda telúrica, nunca antes imaginada, muda o processo de formação e constituição dos indivíduos, seu modo de pensar e agir. Os sujeitos são esmagados de diversas formas, seja economicamente pelos monopólios seja pela fórmula e o sempre igual da indústria cultural que não permite o pleno desenvolvimento de sua subjetividade, onde enfim a violência da sociedade industrial se instaura também na cultura. Thomas tem consciência de que vive em uma sociedade repleta de problemas que produz incessantemente famílias desestruturadas, processo este que se intensifica em meio a maior crise econômica do século XX após a quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929. Thomas sabe o que seus ouvintes estão enfrentando durante os anos 30 e como se encontra a situação da grande maioria das famílias, além de ter conhecimento sobre a solidão de muitos idosos e mulheres. Mais uma vez o agitador instrumentaliza e domina um problema para se promover e se beneficiar.

O sentimento de solidão em uma sociedade fria, cada vez mais impessoal sob uma comunidade (e o próprio sentimento de pertencimento a uma) fragmentada pelo individualismo, é um terreno fértil para Thomas e qualquer outro agitador preencher tal vazio. O ressentimento que os sujeitos possuem contra essa sociedade, se torna um ódio contra a própria civilização e suas continuas exigências<sup>19</sup>.

Esse mal estar freudiano é utilizado por Thomas. Em uma sociedade onde predomina apenas o progresso técnico junto a crescente velocidade da violência econômica, o indivíduo e a família perde sua autonomia, talvez a

---

<sup>19</sup> Freud, S. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936), São Paulo, Companhia das Letras, 2010. In ; O mal estar na Civilização.

instituição que produziria os indivíduos autônomos, fora enfim esmagada, perdendo parte de sua singularidade e função. Famílias cada vez mais frágeis e desestruturadas em uma economia que já não permite sua existência plena resultam em uma reação muitas vezes reacionária dos sujeitos, que não apreendem a devida natureza e causas de tais mudanças, eles possuem uma visão infantil do funcionamento do social.

Explorar o precário quadro sócio econômico de seu contexto é a especialidade de diversas técnicas da propaganda antidemocrática, entre elas a que Adorno classifica como o Mecanismo do interesse humano. Na verdade, um falso interesse de Thomas por problemas pessoais e financeiros enfrentados pelas pessoas que lhe seguem. Nessa técnica de construção de sua imagem, Thomas busca se vender novamente e repetidamente como aquele que pensa mais nos outros do que em si, além de criar aqui uma falsa proximidade e intimidade com os seguidores. Ele busca transmitir a imagem de um homem com um “coração de ouro”, mesmo que supostamente ele não possua o suficiente nem para seu sustento, ele se “importa” com os outros, buscando sempre ajuda-los. Novamente termos vagos surgem, histórias de doenças que acometem familiares e pessoas próximas são aplicadas, o pastor sofre e se preocupa com seus ouvintes. Repetidamente ele procura deixar claro sua simpatia por aqueles que sofrem, não tratando de suas raízes, mas dizendo a eles que devem ser fortes e que ele reza por todos. O tempo todo, crises econômicas, desemprego e miséria são tratados de uma forma natural, sendo apresentada quase como uma catástrofe ligada a um fenômeno da natureza, onde os indivíduos devem se conformar e se adaptar continuamente. Nesse meio tempo eles possuem o pastor como suporte, o qual ainda lhes

pede contribuições financeiras para sua cruzada cristã. Essa simulação de um interesse humano, esse suposto interesse é um meio para se aproximar de seus ouvintes. O que abre caminho para que eles se importem com o conteúdo das falas do agitador, afinal o pobre pastor, dono de sua rádio e igreja, pensa apenas no bem estar de seus ouvintes.

A pobreza de seus ouvintes, instrumentalizada em seus discursos é glorificada como algo moralmente superior, em uma sociedade que manteve a jornada de trabalho inserida no esforço de guerra. Explorando o comportamento presente em seus seguidores de classe baixa, a postura tradicional e conservadora presente nesse grupo pode facilmente resultar em ações contrárias a seus interesses econômicos e sociais.

Com a comunidade fragmentada do capitalismo tardio e as famílias enfraquecidas, em uma sociedade fria sob o julgo de uma economia sem uma direção exata, com a exceção de uma acumulação ilimitada de bens de uma minoria absoluta, existe uma multidão explorada e solitária. O único espaço onde o bem estar dos indivíduos tem prioridade é no caloroso discurso de Thomas em meio aos problemas da dura rotina destes sujeitos. O pastor explora mais uma rachadura social para se aproximar continuamente de seu público e principalmente continuar ganhando sua confiança. Essa falsa proximidade abre caminho para a introdução da propaganda e a radicalização.

Mas mesmo em tal contexto econômico e social, Thomas não deixa de se comportar como muitos evangelistas contemporâneos. Adorno enfatiza que não é raro o pastor pedir dinheiro após discursar sobre suas “qualidades” e sua dedicação, além de realizar o que todos os figurões religiosos fazem; jogar com a associação da ideia de eternidade e as contribuições feitas por seus

seguidores. A exploração comercial da fé não é exclusiva de Thomas, o paraíso como um investimento, só se configura como mais um fator que demonstra que a finalidade de seu movimento é beneficiar a si mesmo de todas as formas possíveis.

Thomas possui discursos que por vezes jogam com a equivalência universal da sociedade burguesa, a lógica que torna tudo igual. Uma das ideias que regem a sociedade administrada e torna tudo um só. Ao mesmo tempo em que se estabelecem equivalências entre tudo. Thomas usa a ideia de eternidade falando de milhões, bilhões até trilhões de anos como recompensa a seus ouvintes na participação e na contribuição financeira no seu movimento cristão que se “espalha pela América”.

Essa associação é uma técnica comum a diversos evangelistas, praticada inclusive por líderes religiosos em todos os novos meios de comunicação que surgem. Porém muitos deles apenas realizam uma cerimônia e discurso religioso adaptado ao meio, não realizando necessariamente toda a agitação política de Thomas. O pastor perdeu o conservadorismo tradicional e isto o diferencia dos outros.

Mas ainda sim essas contribuições não são estranhas ao Nazismo e a outros movimentos antidemocráticos, muitas contribuições eram recolhidas de porta em porta durante a ascensão do autoritarismo na Alemanha e nem mesmo as promessas de eternidade não são elementos exclusivos de religiosos. Hitler prometia que o Terceiro Reich duraria milhares de anos. O que seria possível apenas através de diversas formas de contribuições, principalmente a submissão absoluta dos sujeitos ao movimento em questão. As medidas tomadas durante o Reich e tudo o que dele provém durariam

milhares de anos. A eternidade é um investimento na propaganda e a dominação se aplica até mesmo a esse anseio de muitos.

Essa associação revela uma das essências da propaganda; a sua irracionalidade. Thomas joga com tais associações e desejos, a satisfação de desejos e curiosidades geradas pelo próprio agitador também é um traço da propaganda. Adorno associa a própria existência dessa predisposição a jornais, revistas e colunas inteiras que se dedicam as promessas de “histórias verdadeiras”. Ele enfatiza que essa promessa não é inteiramente cumprida pela indústria, já muito antes de seu texto sobre a Indústria Cultural. Não é inteiramente explorada pela indústria, pois não é a função dela enfim realizar tal desejo. As projeções de como a vida dos outros é “emocionante” e a “grande mentira” que é deliberadamente escondida dos sujeitos são dois lados da mesma moeda. Esse comportamento que provém destes meios sensacionalistas com baixo nível de conteúdo tendo pouco compromisso profissional também possui papel relevante no condicionamento desse comportamento e contribuem para com o mesmo.

Todo esse aparato produz condições para um comportamento irracional, a própria predisposição a estrutura da propaganda antidemocrática liga-se a esse traço. Mas quanto à propaganda, o seu conteúdo muda profundamente quando se compara a tais meios. Não apenas seu conteúdo é irracional, mas a estrutura e sua forma são direcionadas para incendiar os sujeitos. Os discursos de Thomas são essencialmente emotivos. Constantemente a propaganda convida os sujeitos a se entregarem as suas emoções. As emoções que são especificamente produzidas pela narrativa do agitador. Dessa forma até mesmo a espontaneidade é manipulada e dominada.

## A liberação emocional

A dominação de Thomas não enxerga limites. Ele até mesmo, preocupado com a identificação de seus ouvintes, constrói uma narrativa a qual ele se opõe a seu pai, onde este é retratado de forma racional, enquanto ele sempre “ouviu seu coração”. Ele combate o alto controle repetidamente. Adorno classifica esse traço da estrutura da propaganda como o Mecanismo da liberação emocional (Emotional Release Device). Também empregado pelos nazistas e outros grupos, esse aspecto da propaganda é bem recebido pelos sujeitos inseridos em uma sociedade que exige muito de seus indivíduos e os compensa com pouco. Sem sua autonomia em uma estrutura social hierarquizada o discurso de Thomas expressa a vingança desses sujeitos sem voz.

É através dessa hostilidade contra a civilização que movimentos radicais surgem em meio uma crescente impessoalidade, desemprego, rápidas mudanças que resultam em problemas de identidade coletiva e reações conservadoras. As falas de Thomas no rádio se tornam um refúgio que preenche os anseios e os vazios das necessidades que possuímos enquanto seres humanos.

He wants them to cry, to gesticulate, to give way to their feelings.

They should not behave so well and be so civilized. Under the cloak of Christian ecstasy, there is the encouragement to paganism, to the orgiastic release of one's emotional drives, to regression towards inarticulate nature, which worked so successfully in Nazi propaganda.

The ultimate aim of the “emotional release” device is the encouragement and endorsement of excess and violence. (ADORNO, 1975, p.7)

O mecanismo da liberação explora a própria angústia e ressentimento dos sujeitos gerados socialmente pela exploração que enfrentam. Thomas captura muito bem essa insatisfação social e a direciona não para as raízes de tais problemas, mas para seu próprio benefício, para sua própria causa. Adorno ainda argumenta que esse mecanismo corresponde a uma satisfação dos desejos sentidos pelos sujeitos no capitalismo tardio. No entanto a figura de Thomas e outros agitadores direcionam tais impulsos. Contudo, cabe enfatizar que estes fatores não são exclusivamente impostos por Thomas. O agitador captura tais predisposições, além dele se inserir nesse processo, ser produto de seu contexto, desse impulso de escapar da estrutura de alto controle e toda a exigência da civilização contemporânea.

Esse alto controle, produto de um longo processo na civilização, se encaixa na contemporaneidade de uma forma mais delicada. Os sujeitos o desenvolvem perante um contexto onde sua autonomia é continuamente retirada. O processo de esmagamento do indivíduo resulta na constituição de um eu frágil. Esses fatores produzem líderes como Thomas, que praticamente pensa por seus seguidores e que consegue transmitir suas neuroses a seus ouvintes. O que possibilita tal fenômeno não deve ser apenas explicado pela psicanálise, pois não é do indivíduo que Adorno trata. Esse processo claramente possui raízes sociais.

Deborah Cook em Theodor Adorno: Key concepts<sup>20</sup>, discorre sobre tais fenômenos no pensamento do frankfurtiano, que aqui nos interessa. Adorno tinha a convicção de que as raízes de que o próprio radicalismo como um todo não poderia ser explicado exclusivamente por um único campo do conhecimento. As causas desse fenômeno são muito maiores.

According to Adorno, the rise of capitalism had fostered widespread social and psychological pathologies such as authoritarianism, narcissism and paranoia. And, as early as 1927, Adorno argued that these pathologies can be overcome, not by psychoanalysis, but only by completely transforming capitalist society. Since psychopathologies have social roots, often connected to the predominance of exchange relations in human life, they can be dealt with effectively only by abolishing this predominance. (Cook, 2014, p.19)

A recepção e sucesso da propaganda residem na própria dinâmica da sociedade burguesa. Melhorá-la não significa extinguir o constante surgimento de tais indivíduos, sua própria lógica os produz. A propaganda, dessa forma é um mero produto dessa lógica, ela é fruto da dinâmica social presente. Se o agitador consegue inverter o que é socialmente aceitável, através dos mecanismos colocados em prática e se a barbárie é transformada naquilo tido como socialmente correto é por que a própria sociedade já os condicionou anteriormente para tal ato, é nela que os indivíduos se formaram. Adorno não atribui um poder hipnótico exercido sobre as massas. Thomas não tem o poder da hipnose ele apenas conseguiu demonstrar o que reside no interior da sociedade burguesa, ele evidencia os limites do esclarecimento burguês.

Na constante construção de sua imagem para uma idealização cada vez maior de sua figura. Repetidamente ele fala de si quando não está atacando

---

<sup>20</sup> Cook, Deborah; Theodor Adorno: Key concepts; Published by Routledge 2 Park Square, Milton Park, Abingdon, Oxon OX14 4RN 711 Third Avenue, New York, NY 10017, USA. 2014.



minorias ou fazendo promessas. Ao mesmo tempo o pastor deixa claro seu comportamento paranoico e o incentivo deste a seus ouvintes. Os pedidos de auxílio financeiro para sua cruzada são muitas vezes acompanhados por supostos traços de seu “nobre caráter”. O mais recorrente é a sua suposta extrema dedicação ao movimento. Ele diz se dedicar dia e noite, seus cabelos embranqueceram precocemente, devido a seu esforço e sacrifício realizado, afinal, conforme o próprio pastor afirma os bolcheviques nunca estão cansados, drenam o tempo todo, as bases da sociedade americana, provocando todo o sofrimento que sua população enfrenta com desemprego, inflação e baixos salários.

Mas essa técnica que Adorno chama de mecanismo da Infatigabilidade, não evidencia apenas a glorificação da cultura de trabalhar até a exaustão e até mesmo envelhecer precocemente e adoecer devido a esse excesso, nem mesmo se limita a mais um instrumento de identificação ou idealização de seus ouvintes. Thomas evidencia toda sua paranoia, que é muito bem recebida pelos sujeitos, e sua postura de eterna vigilância contra ameaças imaginárias.

Ao mesmo tempo em que ele justifica tal comportamento não apenas pelo ato do trabalho em si ou pede dinheiro, ele também demonstra como ele carrega um conflito dentro de si e o transmite a seus ouvintes, aqui Adorno cita um dos trechos dos discursos de Thomas; “Remember the communists never take a vacation. Remember the devil has a revival all of the time. (Adorno, 1975, p.13). Na obra O Caso Schreber, Freud destaca em uma de suas formulações sobre o funcionamento da paranoia, o fato de que esse processo não se dá apenas no nível consciente. O frágil Eu paranoico retira de si o que o nível consciente não admite, diante do exigente Super Eu e sua obediência as

expectativas da civilização. Ao retirar de si tal traço condenado após escolher o alvo que passa a ter tal traço, este volta com toda a força contra ele, afinal o processo é exclusivamente interno, o que o comunismo ou minorias efetivamente são pouco importa ao paranoico, ele já os definiu de antemão, não há objeto externo de fato, este já fora abandonado no início do processo. O sintoma, o fim desse processo, é essa ameaça onipresente e onisciente que o comunismo constitui no pensamento do pastor. Os bolcheviques nunca descansam pois Thomas, mesmo na sua infatigabilidade, não pode correr de si mesmo. O comunismo, os judeus e outras minorias, não são nada mais que o grave conflito que habita o Id do sujeito. Ao mesmo tempo que o pastor tenta transmitir sua infatigabilidade aos seus seguidores.

É comum o sono, o descanso serem retratados como elementos de fraqueza e aversão em movimento radicais, a tendência a obediência é muito maior em um movimento que não permite descanso algum, em todos os momentos em que podem descansar os sujeitos se sentem fracos ou culpados, quando a Indústria Cultural não torna o seu tempo livre em uma extensão de seu trabalho. Esse eterno estado de alerta, é o id exigente, o rigoroso vigia interno como diria Freud, em conflito com o id.

A execução da barbárie

## O Mensageiro

Chegamos até aqui, falando pouco sobre a religião em si e não sem razão. Adorno trata em diversos momentos, o fato de que a religião está a serviço de Thomas e sua dominação. Um elemento religioso apenas interessa ao agitador na medida em que possa ser convertido em um instrumento para a promoção de sua imagem e o aperfeiçoamento da dominação que ele busca exercer sobre seu público. Com isso é fácil chegar a conclusão de que a religião em si não desempenha um papel tão relevante na propaganda do pastor, ela é mais o meio do que a finalidade. Contudo Thomas utiliza um recurso muito próximo de sua função. O pastor se anuncia como uma espécie de mensageiro, função que dá nome ao mecanismo nomeado por Adorno. Mas o frankfurtiano aponta, enfim, uma diferença com relação a outros agitadores. Nesse mecanismo, Adorno identifica que o próprio Thomas se submete a uma autoridade paterna, a um complexo de autoridade paterna.

Essa figura paterna se relaciona profundamente com a imagem que os sujeitos possuem de autoridade. Essa diferença de Thomas revela que ele é produto de um diferente momento sócio econômico, onde não só indivíduo e famílias se enfraquecem, mas acima de tudo, a figura paterna também passa por uma crise.

A figura do pai que consegue confortavelmente sustentar sua família sai de cena. O declínio da família enquanto uma instituição financeiramente autônoma e sua independência econômica é o próprio enfraquecimento do pai provedor que já não consegue mais realizar tal função. Essa crise da figura

paterna também se reflete na imagem dos próprios agitadores e tudo aquilo que representam. Hitler muitas vezes representa um filho que sempre está em rebelião. Outros líderes preenchem de forma mais tradicional o vazio deixado pela queda da autoridade paterna. O que Hitler e Thomas possuem em comum é a ambivalência da imagem que constroem. Isso desperta o interesse de Adorno.

A metamorfose da imagem do líder e principalmente o que toca a mudança na função que o agitador passa a ter em determinado momento. De uma forma inconsciente o agitador toma o lugar daquele que ele deveria anunciar. Para Adorno essa é a façanha da propaganda e de muitos agitadores. Esse caráter essencialmente contraditório que muitas dessas figuras possuem que é aceito e amado por muitos revela a demanda irracional e o complexo da figura paterna em meio sua íntima relação com a autoridade. Isso é um dos fatores mais presentes na propaganda, o sujeito ao mesmo tempo em que se submete de forma absoluta ao agitador, também se identifica com ele através de seu narcisismo.

Ele se identifica o tempo todo com aquele que exerce a dominação. Há muitas vezes uma glorificação do poder em si, devido essa identificação narcísica. O indivíduo investe sua energia psíquica em um objeto aparentemente externo, pois isso representa parte do narcisismo, mas o objeto representa a si mesmo, ele se identifica com o agitador. Além das bajulações nos discursos de Thomas, o pastor sempre produz uma sensação de que seus ouvintes são superiores apenas por estarem inseridos em seu movimento ou pelo simples fato de estar ali ouvindo constantemente suas falas.

## Pequeno Grande Homem

Mas o mecanismo do mensageiro não passa de detalhe quando se compara a técnica que Adorno chamou de “Great Little Man”, o Pequeno Grande Homem é talvez a técnica mais recorrente na propaganda antidemocrática. O próprio fato de que tratamos tangencialmente varias vezes deste mecanismo até aqui, revela o tamanho de sua importância. Esse pequeno grande homem predomina entre os agitadores o qual Adorno se refere. Ele elabora diversas comparações que deixam claras as semelhanças entre Thomas e Hitler. Devemos lembrar que a imagem do agitador é complexa e parte dela é constituída pelos próprios seguidores. Não se pode deixar de lado a face vaga que o agitador possui. Esta é preenchida pelas projeções de cada seguidor. Além desses fatores ligados a identificação Adorno afirma que as próprias contradições da figura do agitador podem ser propositais. Sua imagem não é racional e muito menos a sua finalidade. Ele busca um alcance cada vez maior.

Adorno aponta alguns fatores que são evidências concretas da aplicação do mecanismo que é um dos pilares da propaganda. As ações de Thomas com relação ao dinheiro teriam um papel central nesses fatores. Boa parte da renda de Thomas tinha origem em seus próprios ouvintes, ele possuía outras fontes, mas a maior parte de seu dinheiro estava de fato em sua rádio. Adorno por vezes se surpreende com a forma a qual Thomas pede dinheiro em seus programas, pois o agitador em questão o faz sem escrúpulos. Adorno chega até mesmo afirmar que havia pouca dignidade nos pedidos do pastor por

dinheiro. Mas o que interessa é enfatizar o encaixe desse fator junto ao processo de construção da imagem de Thomas. Afinal o pastor ao mesmo tempo em que parece tão fraco ao pedir dinheiro de forma aberta e direta também mantém sua imagem de líder onipotente.

A preocupação com a constante identificação com seus seguidores poderia ser uma das razões para esse comportamento, além do dinheiro em si. Porém o contexto econômico e social também contribui para esse processo. A insegurança que os indivíduos possuem em um momento em que a concentração de capital aumenta de forma vertiginosa e se expressa no medo constante do desemprego. Essa fogueira moderna é um elemento de peso na mentalidade de seus seguidores. A sobrevivência é a rotina de muitos, mesmo em uma sociedade que através do progresso técnico superou os problemas da fome e do abrigo, esse progresso não serve ao bem estar de todos, ele serve a lógica que não se libertou do doloroso processo histórico enfrentado outrora, mas que ainda sobrevive e continua dilacerando os sujeitos na contemporaneidade. Thomas finge sofrer como seus seguidores. Ele se coloca em pé de igualdade com seus simpatizantes ao pedir dinheiro, pois demonstra sofrer do mesmo problema que todos.

Thomas explora a consciência de seus ouvintes. Ele conhece seu público nas entrelinhas de seus pedidos. Utilizando-se do velho truque do reino dos céus em meio a seus pedidos de contribuição. Construindo uma imagem de inferioridade financeira, além de falar de suas dificuldades, o pastor deixa claro que o seu sacrifício financeiro é a razão dos pedidos por dinheiro. Ele tenta vender a ideia de que, ele, ao contrário de todos, deixou de lado todo seu egoísmo e sua vida pessoal para trabalhar em sua vaga causa.

I am appealing to the spirit of God to speak to your heart right now that you have a little part in this great movement that is spreading across America. Remember that we must pay our bills, the petty bills, the stamp bills, remote control bills and radio bills and the office bills.  
(ADORNO, 1975. p.20)

Esse pequeno grande homem, que fundamenta a natureza contraditória da imagem do líder, explica em parte a indagação de Freud, em sua obra *A Psicologia das Massas*, quando ao analisar os argumentos de Le Bon, questiona a afirmação de que o ser humano teria seu “instinto de rebanho” como traço marcante de suas ações em massa. Freud problematiza principalmente as limitações dos argumentos de Gustave Le Bon ao explicar a figura do líder.

É preciso que o indivíduo reconheça no agitador sua própria imagem, nem que seja pelo narcisismo incentivado pelo agitador, somado ainda a toda a vacuidade de suas falas, para que cada vez mais os sujeitos enxerguem a si mesmos, esbravejando e atacando os “inimigos” da nação. No discurso o agitador segue se comportando da forma que não lhes é permitida pela civilização. O discurso em si se torna um verdadeiro ritual, onde o líder age de forma incomum. Gesticulando, chorando, gritando, o agitador glorifica a barbárie que já é produzida continuamente na estrutura social por si só. Ele e seu público já são os produtos finais dela. Thomas é apenas o sintoma de um processo que se repete, escondido a vista de todos pela ideologia, mas que ao



mesmo tempo não consegue suprimir e esconder a essência do que rege a sociedade. Em um desespero pela integração, negada na prática pela estrutura econômica, a imagem contraditória do agitador surge quase como uma necessidade: "Representing the psychological integration of his audience as a totality, he is both weak and strong". (ADORNO, 1975, p.19).

## Pânico moral

Abrir caminho para a radicalização é apenas o início dos trabalhos do agitador e seu projeto. Criar todo um culto de personalidade em torno de sua imagem, idolatrar e aceitar a autoridade por si só, algo já presente e naturalizado em seus seguidores, abre espaço para que o agitador radicalize ainda mais sua base que recebe muito bem tais ideias. Thomas atrai aqueles que já simpatizam com seus discursos e sua figura de autoridade religiosa. Líder e seguidores são produtos de seu contexto. Ao se reunirem, mesmo que na dinâmica simples do rádio, o pastor e seus fiéis reforçam mutuamente e aprofundam seu radicalismo, ao projetar entre si, a segurança e aprovação de suas ideias. Mas para que esse movimento continuamente cresça é necessário priorizar o método, ele é mais importante do que o conteúdo. As ideias que Thomas apresenta são vagas, sua crítica é rasa e não reflete sobre a origem efetiva dos problemas existentes; "The plots of the Communists are almost impossible to believe. I am giving you the whole setup. I am giving the names

as i did Sunday night. By the way, i am giving more of this next Sunday night.  
(Adorno, 1975, p.61)

O pastor não fala de problemas políticos reais ou qualquer assunto que de fato tenha grande relevância. As ideias, o conteúdo vem em segundo lugar, pois a prioridade de figuras como Thomas é a forma, a técnica. Permeada por uma irracionalidade calculada e planejada, o que torna sua irracionalidade ainda mais nociva. Assim como o propósito de seus discursos. Transformar e reduzir o outro a um mero instrumento de sua organização é a posição que Thomas quer colocar seus ouvintes. Pouco importa o que é necessário para atingir seus objetivos, o agitador explora os limites daquilo que domina e isto o radicalismo herdou do próprio esclarecimento.

Aqui o termo agitador escolhido por Adorno, não poderia ter sido melhor. Thomas explora todos os limites de suas técnicas para transmitir o gigantesco pânico moral que ele sente e busca compartilhar ou reforçar em seu público. O conjunto de mecanismos que Adorno analisa ao discorrer sobre o método da propaganda liga-se ao terror que o movimento promove. O terror de um suposto pânico moral e de supostas ameaças invertidas e até mesmo criadas, como no caso das minorias, que estão próximas de destruir a sociedade e suas tradicionais instituições como a pátria, a família e a propriedade. Quanto a finalidade do terror, este impede ou no mínimo atrapalha um julgamento mais sensato, não há reflexão na paralisia do medo causada pelo terror ou pela fúria que o agitador promove. Quem deve pensar pelos sujeitos são seus líderes e não eles. Muito do que o agitador coloca repetidamente em seus discursos já está como dado e é bem aceito entre seus seguidores não apenas pela autoridade do líder em si, mas pela predisposição de seu público.

Mas há muitas formas de se incendiar, enfurecer ou promover o terror do pânico moral. Em geral esse traço da propaganda, presente tanto no líder quanto nos seguidores provém de um comportamento emotivo, neurótico que caminha em direção a liberação dos impulsos. É esse o efeito de diversos mecanismos; radicalizar a tendência de um comportamento complicado, já existente em muitos sujeitos. Produzir indivíduos impulsivos é o produto destes mecanismos do terror.

Um desses recursos enfatizados por Adorno é uma espécie de adesão de última hora. O incentivo a impulsividade se apresenta como uma iminente chegada de uma catástrofe. De forma que apenas uma “mudança de última hora”, o apoio cego e sem reflexão ao agitador e seu movimento poderia impedir o colapso de instituições como a família e a religião. Não há tempo para pensar, não há espaço para reflexão. O líder precisa de um suporte e apoio incondicional e apenas com seus poderes emergenciais ilimitados ele pode combater o mau que assola a nação. A adesão deve ser feita naquele exato momento, o indivíduo já está atrasado, o fim está próximo. Essa estratégia se assemelha as promoções feitas no rádio e seu modelo que sobrevive ainda hoje nessas eternas liquidações de estoques que se apresentam como as últimas quedas de preço, “só amanhã, corram”. Um recurso de vendas tão usado no capitalismo tardio que já estamos anestesiados. A inversão da concepção de poupar ao afirmar que economizamos ao comprar um item sob um suposto desconto.

Uma irracionalidade semelhante é aplicada na propaganda radical de Thomas. Ele incentiva essa adesão de ultima hora. Utilizando-se não apenas do pânico, fúria e outras emoções que a propaganda desperta, esse

mecanismo que explora o tempo através do velho anúncio do fim, facilita a legitimação da barbárie em meio a essa falsa atmosfera criada coletivamente e reforçada entre líder e seguidores. Em uma emergência não se reflete, não se pensa. O fato é que muitos de seus ouvintes durante os anos 1930 enfrentam os efeitos da maior crise econômica de seu século e vivem a margem em uma situação sócio econômica ainda mais feroz do que a já enfrentada normalmente onde essa situação é a regra da estrutura econômica e não sua exceção, porém em meio a esse contexto nem mesmo a contínua sobrevivência é garantida para muitos.

Por isso Adorno afirma que uma das maiores façanhas da propaganda e dos próprios movimentos radicais de direita que florescem em meio a estes cenários econômicos é a canalização e captura de tendências de mudanças. Nas crises em que tais radicalismos florescem, as causas das insatisfações e sofrimento são transferidas para o campo da moral, se responsabilizam indivíduos, minorias, alvos que não possuem relação alguma com as causas de uma economia que não para de produzir fraturas sociais. Até mesmo se inverte completamente o significado de conceitos como o de comunismo, constantemente o significado deste termo é alterado, abarcando tudo aquilo que enxergam como negativo, seu uso é tão vulgarizado que seu significado se torna um vago conceito que atrai tudo aquilo que se oponha a barbárie ou até a ciência tradicional. Thomas acusa as escolas e o próprio governo americano de promover o comunismo ao alegar que se ensinava a teoria da evolução em salas de aula pelo país; “Now, listen there was a day when we believed that the Bible was the word of God, but today, we teach evolution and organic evolution.” (ADORNO, 1975, p.84). Thomas segue glorificando figuras

negacionistas de seu contexto e associando evolucionismo ao comunismo e ao “fim” do cristianismo.

Ao inverter tais conceitos a propaganda tenta se blindar de uma contra propaganda. Até mesmo a linguagem em si, se torna um recurso para combater tendências ligadas a mudanças. Usa-se de todos os instrumentos para combater tais tendências, prometendo a revolução dentro da ordem vigente.

Em meio a tantos estímulos, junto a essa adesão emergencial e a iminência da catástrofe, os sujeitos se tornam passivos diante do que se passa. Mas Thomas vende o perigo que ele também acredita. Criando uma atmosfera de ódio contra aquilo que acreditam ser responsável pela situação atual. Anunciando assim que medidas radicais tem que ser tomadas. É preciso criar um verdadeiro inferno para se produzir, a partir disso, o apoio e a aspiração por um salvador, que precisa ter todo o poder do mundo em suas mãos para realizar, nas palavras de Adorno; “uma revolução conservadora”.

Only during the past three years according to the oficial Communist reports, they have enrolled between four and five million of our young people between the age of sixteen and thirty. They are pitting the growing youth of this nation against Christian institutions, against the Church of the nation, against the Constitution... Today freedom of religion prevails everywhere; so it will be only a few years before Christianity will fall to pieces. (Adorno, 1975, p.83)

Os termos vagos ao anunciar o fim ou os números exagerados estão sempre presentes nos discursos de Thomas, o ouvinte não possui uma noção exata daquilo que é apresentado, ele ficar a pensar após o término do vago

discurso. As mudanças que a propaganda destes movimentos promove são sempre vagas, conforme já enfatizamos, mas esse é um traço pertinente e importante. Ninguém sabe de fato o que líder de um movimento radical de direita como o de Thomas fará no poder. Ele repete muitas vezes termos como a moral, os bons costumes, de que a nação é sua prioridade, a família e vários outros elementos vagos, além do fato de que não haveria uma ameaça real contra tais instituições. Adorno reitera que é necessário entender o encaixe específico do pastor norte americano. Pois este agitador se insere em um país que possui um sistema democrático consolidado. Ele não pode atacar abertamente a democracia. Em meio a suas falas Adorno identifica o antissemitismo do pastor e os ataques contra outras minorias. Thomas opera de uma forma diferente quando o comparamos a Hitler e Mussolini. Afinal a democracia presente após a Primeira Guerra Mundial na Alemanha, fora resultado de uma imposição dos países vencedores. Por isso Hitler podia atacá-la abertamente. As visões negativas que muitos alemães possuíam com relação ao sistema político, produto de uma imposição de tratados de guerra tornavam a democracia um alvo mais frágil ainda a agitadores e movimentos radicais.

### Esmagamento da reflexão

O pastor Thomas precisa ser mais cuidadoso, diversos seguidores não admitem um ataque aberto contra a democracia. Disso parte uma das técnicas de Thomas, seus discursos precisam contornar tal fator. Para enfrentar essa barreira, o pastor estrutura suas falas de uma forma aleatória. É obvio que o

fundamentalismo religioso de Thomas já corresponde a um elemento antidemocrático.

O mecanismo Flight of ideas (Voo de ideias), deixa claro que os ataques de agitadores antidemocráticos não possuem nada de concreto. Ele parte de traços muito vagos para retratar desde daquilo que ele considera como problema chegando até a imagem de seus movimentos. De forma que não há um problema real sendo apresentado, não há uma tese em torno de algo, não há um adversário a ser discutido e confrontado.

O “inimigo” que Thomas combate é vago, projetivo, ele reflete o próprio pastor e seus seguidores. Perdido em meio a esse discurso, o ouvinte é incentivado a acreditar que as vagas instituições e valores estariam em risco, principalmente quando Thomas anuncia o fim de instituições e até mesmo de valores tradicionais.

O processo de identificação ligado não apenas a imagem do agitador, ainda mais efetivo com termos vagos somados ao pânico moral possibilita não apenas o fortalecimento da figura da autoridade em si sob diversos aspectos, mas ainda um comportamento infantil e passivo é incentivado nos sujeitos. Para seguir esse voo de ideias, esse difícil “raciocínio” de Thomas é preciso estabelecer ligações aleatórias entre os mais variados assuntos junto a uma visão simplista e infantil do mundo. É preciso um Eu frágil e autoritário para estabelecer tais ligações. Thomas leva a seus ouvintes sua neurose, ao realizar as mais arbitrarias conexões e explicações sobre as mais variadas e diferentes ideias e assuntos tratados em sua rádio. O pastor e seus seguidores, reforçando mutuamente tal mentalidade, se impõem sobre a realidade, através de seu radicalismo e delírio. Associando ideias sem conexão ou relação

alguma entre si. O conceito de comunismo costuma atrair tais associações. Com esse autoritarismo frente ao real, o pastor transita o tempo todo sobre os mais diversos assuntos, promovendo associações irracionais e oportunistas. Eles submetem o real ao seu desejo, eles escolhem o alvo que será o inimigo, nesse infantil imaginário irracional da propaganda. Desde o comunismo até a imagem de Cristo é explorada de forma aleatória nos discursos de Thomas.

Nessa atmosfera de Thomas, o mau e o comunismo tramam o tempo todo, onde existem inimigos na sociedade e os problemas são causados por esses vagos elementos. Mas ainda a infantilidade contribui para que esses “inimigos” adquiram uma face humana. Assim como os gregos ao criarem seus mitos, na tentativa de explicar os fenômenos que testemunhavam, projetavam traços humanos na natureza, dotando seus fenômenos de faces humanas, os sujeitos na contemporaneidade projetam sobre a sociedade e seus fenômenos, os quais não compreendem o antropomorfismo mítico de outrora, que acreditam ter superado, responsabilizando pessoas e grupos por não compreenderem a complexa artificialidade do funcionamento da sociedade em que se inserem. Além de não entender a natureza social desses problemas, não importando se milhões de sujeitos apresentem o mesmo comportamento ou cometam os mesmo desvios, há sempre a responsabilização desses sujeitos, que “culpados” devem ser punidos com severidade. O fato de que muitas vezes faces humanas, grupos, são escolhidas como culpados revela essa mentalidade infantil generalizada. Uma postura onde todo o fenômeno complexo ou sem uma explicação palpável toma uma face humana, uma forma mítica. Não poderíamos afirmar que é um mero retorno a barbárie, mas uma sobrevivência da barbárie que acompanha a civilização.



Mas o agitador não explora apenas um lado do comportamento projetivo ao incitar o terror e o pânico moral que ele sente. Explorar a relação entre a segurança e projeção que os sujeitos possuem quando identificam os mesmos padrões de comportamento em outros é algo que também está presente nos discursos de agitadores. Thomas ao se referir ao seu movimento sempre afirma que este se “espalha pela América” e usa até mesmo o termo “renascimento”. Não era novidade para Adorno, movimentos radicais de direita se promover como algo novo. O mesmo ocorreu frente aos olhos do frankfurtiano na Europa. A finalidade é a adesão constante de novos membros, mas para isso Thomas precisa causar a impressão de que os “outros” estão aderindo massivamente a sua causa. Ele relata supostas cartas que chegam todos os dias, pedidos, doações e diversos outros elementos para causar a impressão de que há uma enorme demanda por seu movimento. Esse mecanismo do movimento em si, legitima seu radicalismo apenas pelo simples fato de que “muitas pessoas não poderiam estar erradas”. Ele legitima sua causa pela suposta enorme quantidade de sujeitos que aderem a ela. É importante causar tal impressão, para assim normalizar o radicalismo e justificar tais traços.

Em *O Futuro de uma ilusão*<sup>21</sup>, Freud descreve um processo similar, onde a segurança no outro, no coletivo, mantém os sistemas religiosos. O que se deseja socialmente, o que se projeta no mundo exterior, se transforma em realidade no nível coletivo, além da própria segurança de que toda a comunidade produz ao compartilharem do mesmo delírio, do mesmo conjunto

---

<sup>21</sup> Freud, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia, *O futuro de uma ilusão e outros textos* (1926-1929); tradução Paulo César de Souza. – 1ªed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014. In: *O futuro de uma ilusão*.

de crenças e interpretações da natureza e do ciclo da vida. Para Freud dificilmente os sujeitos acreditariam sozinhos em seus valores e mitos religiosos. Aqui Thomas parece explorar os mesmos elementos na análise de Adorno. Ao mesmo tempo em que essa “enorme quantidade de indivíduos” não para de apoiar o movimento fundamentalista e assim legitimar seus discursos e aparentemente amenizar as tensões que a propaganda possui com instituições consolidadas.

Thomas joga com a solidão dos sujeitos atomizados da contemporaneidade. Inseridos na sociedade administrada são alvos fáceis para essa técnica. O outro passa a ser uma incógnita a esses sujeitos. Esse outro quase lacaniano é um alvo fácil na propaganda de Thomas. O pastor explora não apenas as falhas dessa sociedade, mas tudo o que é vago. Ele distorce conceitos e os coloca a sua disposição, torna a linguagem uma arma e usa até mesmo a alteridade dos indivíduos como um instrumento de dominação. Convertendo todos os elementos vagos da cultura em armas versáteis, possibilitando o seu uso em diversas direções.

As falas de que seu movimento não para de crescer, as cartas que não param de chegar são uma constante em sua narrativa quando o pastor fala do seu próprio movimento, ele sabe que fala a indivíduos e famílias solitárias em meio a uma crise econômica e velozes mudanças em curso. Mas em meio a esses discursos, algumas velhas justificativas paranoicas entram em ação novamente. O pastor coloca o fato de que o nacionalismo e o próprio cristianismo e a família estariam em grave risco de colapso e que a veracidade deste fato residiria no crescimento de seu movimento, de sua “Cruzada Cristã” que se “espalhava pela América”. “... if this message of the great Christian

American Crusade lifts up to the Son of God, this movement is bound to succeed...” (ADORNO, 1975, p.15)

Os “outros já sabem” desse suposto colapso destas instituições tradicionais, assim como o próprio Thomas. Mas esse mecanismo ainda abre caminho para um precedente muito perigoso. Quando Thomas, nesse mecanismo do “movimento”, tenta legitimar sua propaganda apenas a partir do número de indivíduos que supostamente aderem ao seu movimento, o caminho para se legitimar qualquer ação do líder e sua cruzada fundamentalista até aberto. O que basta é o apoio ou impressão de apoio de uma massa de seguidores. Esse traço da propaganda ainda evidencia como ela glorifica a si mesma e seus vagos objetivos. Thomas glorifica o movimento pela sua suposta extensão, por uma característica que não se liga a nenhuma de suas vagas finalidades. Adorno enfatiza que a propaganda de movimentos radicais é muitas vezes voltada pra si mesma. O objetivo é glorificar elementos vagos e aumentar cada vez mais o número obediente de seguidores que sempre concordam com tudo aquilo colocado e os fazer sentir bem ou superiores apenas por participarem e partilharem do mesmo delírio que constroem e reforçam coletivamente. O que permanece sólido é essa Psicologia das massas perversa.

Os sujeitos esmagados, sob uma dominação que não para de se aperfeiçoar e atribui a isto o nome de progresso, se sentem fortes, se realizam apenas na massa de um agitador. Mesmo que o preço seja se submeter a mais uma instância da dominação e se auto anular. Na verdade, nessa psicologia das massas freudiana perversa, o sujeito se identifica com a imagem onipotente do líder, ao se juntar ao movimento ele acredita realizar aquilo que

tanto lhe foi negado pela sociedade administrada e sua estrutura. Adorno classifica essa psicologia invertida, usada para dominação, como “*bandwagon*”, onde se legitima o movimento baseando-se exclusivamente na quantidade de indivíduos que o aderem.

Mas a outra face do terror é complexa, não se limita a idealização e legitimação do movimento por si só ou pela quantidade de indivíduos que o apoiam. Explorar a visão infantil do social ou a impotência dos sujeitos em compreender o complexo funcionamento da sociedade e as causas dos problemas os quais estão submetidos é apenas uma face da propaganda. A dominação penetra e coloca a sua disposição até mesmo a inversão e o uso totalitário de valores e conceitos. Um conceito exaltado enquanto uma ideia “possível” e posteriormente “necessária” para a nação, as ideias de unidade e união constituem mais um truque da propaganda. Esse apelo da união, essa dolorosa integração, presente em diversos agitadores, legitima a punição do mais sutil desvio ou discordância da narrativa empregada pela propaganda. Ela ainda suprime os conflitos gerados pela estrutura econômica. Qualquer forma de divergência e diversidade é encarada como um problema, qualquer adversário se transforma de antemão em um inimigo. Thomas consegue fazer esse apelo para a “união” através da moral. O que se coloca em prática é suprimir as tensões sociais deslocando todo o problema para o campo da moral.

My friend, you know what Christianity does. Christianity breaks down all race prejudice. Christianity breaks down all class consciousness; Christianity breaks down all economic barriers. Now, i am talking about a spiritual thing. I do not care tonight (!), whether your skin is

dark or white or brown or yellow. If you accept my Father through Jesus Christ my Lord, then you are indeed my brother. Now, that does not mean to say that i believe in inter-marriage. I do not. I believe that black people would be better off marrying their own. I believe the whites would be better off marrying within their race. I believe the yellow people in their race because, God has set it in our boundaries, within the scope of this Earth of ours; but listen, if we can once get Christ across to this world of ours, the whole question of war is going to be settled; the whole question of an economic war is going to be settled; the whole question of Communism in this nation is going to be settled. (ADORNO, 1975. p.49)

No caso a união se coloca como necessária onde qualquer crítica quebra a atmosfera de comunidade, de pertencimento a uma comunidade criada pela propaganda e desejada pelos sujeitos, que se submetem a essa união artificial, mantida mesmo sob uma extrema desigualdade. Não há espaço para debate, a visão negativa que os sujeitos possuem, revela que o debate se transforma em um desvio. Da mesma forma qualquer manifestação de crítica ao governo é digna de punição. Tudo isso revela a lógica totalitária e a legitimação desta pela propaganda através desse ideal de união. Um valor simplista e infantil usado para suprimir tensões e servindo ainda de refúgio aos sujeitos inseridos em uma comunidade fragmentada que acreditam ser possível a paz em meio à injustiça.

No caso mais específico de Thomas, essa unidade se associa a própria moral e ao ideal de uma comunidade religiosa. Thomas abre caminho para o autoritarismo e exclusão, pois a partir disso tem início uma hostilidade aos

“outsiders” como coloca Adorno, baseando-se em Freud, quando este trata da hostilidade nutrida por aqueles que não se encontram no mesmo grupo. Freud ainda reforça que o amor cristão entre seus membros intensifica ainda mais a hostilidade contra aqueles que se encontram fora desse grupo. Na natureza totalitária de Thomas e seu movimento não há espaço para a indiferença, aqueles que não se encontram dentro de seu grupo, são automaticamente inimigos.

Essa mesma unidade que reforça a hostilidade ao diferente, não se limita apenas a critérios de divisão religiosa mesmo na propaganda de Thomas. O pastor ataca “o comunismo” de forma delirante, onde a própria existência daquilo que é diferente coloca em risco a existência e continuidade de sua comunidade. Quando o outro não se encaixa nessa unidade religiosa, seus direitos mais básicos podem ser negados. A condição humana que nem sequer é garantida a todos do “in group” é absolutamente negada a um “outsider”.

Toda essa hostilidade parte do próprio narcisismo coletivo incentivado pelo líder e seu uso prático desta não se limita apenas a deslocar as tensões da própria estrutura social que se inserem os indivíduos. Seja qual for o destino do conflito deslocado, a moral, minorias, instituições, o uso do narcisismo também não se limita a uma mera identificação com a figura contraditória do líder, fraca ou onipotente. A glorificação do movimento por si só ou do número de indivíduos que supostamente o compõem não são os únicos elementos idealizados pelo agitador e muito bem recebidos pelos sujeitos. O que é evidente nestes sujeitos é que uma espécie de fascinação pelo poder e pela figura de autoridade habita o seu imaginário.

## Autoridade e verdade

Glorificar a figura da autoridade em si é mais um mecanismo de Thomas. Ao discursar sobre esse assunto, o pastor pede a seus ouvintes que rezem por seus líderes. Adorno enfatiza que mesmo Thomas sendo um crítico de Rossevelt, o então presidente norte americano progressista, pede que todos obedeçam a seus líderes e que confiem em suas decisões. O que essa técnica revela vai muito além da obediência, mas se relaciona ao conceito de autoridade e o processo de naturalização e legitimação de qualquer função ligada a uma função onde se exerce o poder. Com esse agudo processo de legitimação da autoridade abre-se caminho para se justificar o autoritarismo. As dificuldades não seriam tão intensas, pois o autoritarismo já é uma tendência na sociedade industrial e sua economia cada vez mais verticalizada, estratificada e autoritária.

Apesar da aparente liberdade, a violência da esfera econômica é sentida pelos sujeitos que enxergam na vaga imagem de Thomas, a autoridade para encarar os culpados pela exploração que sofrem no convite a aceitar a autoridade absoluta do pastor. Além da legitimação em si, o pastor buscar transferir a autoridade de elementos religiosos para si como vimos anteriormente e ainda para aquilo que ele acredita ser mais eficiente com a finalidade de exercer sua autoridade de forma cada vez mais absoluta. Esse processo de transferência é comum em agitadores, pois é necessário fortalecer o máximo possível a sua figura, principalmente no caso de Thomas sua

propaganda antidemocrática ocorre em meio a tradicional democracia norte americana.

O que a propaganda faz é criar formas e justificativas até que se inverta a essência do conceito em questão. Quando Thomas se refere aos EUA, ele o faz narrando uma nação exclusivamente cristã, excluindo outros grupos. O pastor transforma lentamente o conceito de democracia em uma tirania da maioria e não onde todos possuem seu espaço. Fortalecer a sua figura de autoridade possibilita efetivar as inversões que a propaganda incentiva nos sujeitos, que a recebem muito bem.

O fetichismo que o agitador constrói em torno de sua autoridade, o culto a figura do líder, como o próprio termo “Duce” (líder) usado por Mussolini que deriva do latim e “Führer” na Alemanha nazista, adotado orgulhosamente por Hitler ainda muito cedo em sua campanha, são elementos comuns a esses agitadores ou qualquer outro termo que expresse a figura de uma autoridade. Quando Hitler assume o cargo, após a morte de Hindenburg, ele não assume usando o termo oficial do cargo, mas passou a se intitular simplesmente de líder. Ele ainda usa a figura do oficial militar para transferir a autoridade daquele que não deve ser questionado mesmo em meio a esfera política. Essa transferência da imagem de um oficial militar na liderança política também é recorrente em outros agitadores que chegam ao poder. Além disso, o termo líder, não é um termo militar, ele possui um peso burguês e não tem relações com a “nobreza”. Ele evoca a ideia do mérito burguês, um dos elementos constituintes da ideologia.

Thomas se coloca de forma distinta, ele se apresenta como um “mensageiro”, sedimentando sua base de legitimação e autoridade na esfera



religiosa, ele se coloca ao lado do divino, onde não se questiona aquilo que um superior decreta. Suas falas se equiparam quase a uma série de dogmas. O que é pertinente nesse panorama é que a política é invadida e se parece cada vez mais com a propaganda. Essas técnicas são aplicadas nesse campo. A transferência das técnicas dos slogans “mágicos” dos produtos industriais para o que poderíamos chamar de venda de ideias na política. A propaganda assim se instaura como uma patologia no campo político, pois ela carrega o que herdou do esclarecimento, não apenas o constante aperfeiçoamento da dominação, mas um fator perigoso, a de tornar a política como uma finalidade em si mesma.

Ao empregar a propaganda, Thomas consegue lentamente vender uma imagem contraditória na concepção de um líder que seria supostamente cristão, pois a compaixão e o amor de Cristo não são elementos centrais na imagem de líder que o pastor constrói. Afinal Thomas tem sua imagem constituída por uma intensa virilidade, por traços de um herói nórdico que não sabe o que é compaixão. Nessa transferência em busca de uma maior autoridade, Thomas sacrifica a própria essência do cristianismo. O que revela muito de suas intenções. O mesmo ocorre com a democracia, pois assim como o cristianismo, Thomas pretende sacrificá-la para assim “salvá-la”.

Mas muitos elementos da propaganda radical foram herdados do esclarecimento, da ciência tradicional que serve para a dominação e não ao bem estar. Ela se aproveita da mentalidade simplista e da extrema objetividade das ciências exatas e as transfere para a análise de fenômenos sociais. Concomitantemente nesse processo a propaganda explora as falhas da sociedade contemporânea e as consequências das características de sua

estrutura. Em meio a uma sociedade permeada por crises, pela falta de descanso, a extrema complexidade e a velocidade das mudanças somadas a sofisticada ideologia burguesa produzem sujeitos com uma compreensão muito limitada das causas e do funcionamento da sociedade administrada. Os sujeitos não entendem completamente os processos os quais estão subjugados. Essa falha de entendimento é preenchida pela moral e pelas projeções que o sujeito possui e que a propaganda incentiva. Dessa forma, a frustração com a violência, com o desemprego ou o constante medo de perder sua fonte de renda ou até mesmo a silenciosa inflação que desvaloriza continuamente o mesmo trabalho que realizara outrora é responsabilizada ou explicada pelo sujeito com os recursos que ele possui ou apenas com a própria propaganda.

O que fica claro é que a extrema irracionalidade econômica da sociedade administrada é praticamente incompreensível para os sujeitos. Em suas frustrações perante aquilo que não entendem a figura de um crítico superficial, vago, um moralista barato passa a conquistar esses indivíduos que pensam como ele. O caloroso discurso deste “crítico” agitador em meio à fria sociedade e suas instituições (vistas com pessimismo), logo se torna a fonte diária de crítica leve, vaga e superficial aos complexos problemas contemporâneos e suas vagas soluções. Não há em momento algum a reflexão sobre as condições as quais todos se submetem ou a própria existência do desemprego. Nessa visão de mundo não há a noção daquilo que é social, há apenas indivíduos seu mérito e conseqüentemente seu fracasso.

Essa revolução dentro da ordem a qual Thomas busca lançar suas bases tem uma boa receptividade nos indivíduos, tanto pela falta de

compreensão e noção do lugar da maioria na estrutura econômica quanto pelo medo que deriva daquilo que desconhecem ou o próprio medo produzido pela propaganda. Os sujeitos temem uma mudança de fato, pois isso representa um risco a eles. A possibilidade de uma mudança efetiva não transmite segurança a esses sujeitos frente ao risco de perderem o pouco que possuem. O pensamento é dominado pela objetividade, há espaço apenas para o imediatismo, que resulta em uma mentalidade simplista que não vai além da noção de fato.

Os indivíduos contemporâneos, enquanto produtos do esclarecimento, da ciência tradicional, possuem por excelência um traço das consequências da razão técnica; a glorificação do existente. A mentalidade simplista do fato, o limitado positivismo. A relação que é comumente estabelecida entre um fato superficial e a verdade impera no pensamento contemporâneo. A ausência de reflexão da objetividade e aceitação imediata do que é dado. Esse peso do fato nessa visão infantil do funcionamento da ciência prejudica o próprio processo de conhecimento em si. O esclarecimento leva a ciência tradicional a não conhecer o objeto por si só. Ela não é autônoma, serve a interesses e busca a melhora da dominação ou a multiplicação de capital.

A verdade na ciência burguesa é fruto de um processo autoritário onde o objeto já é definido de antemão. O pensamento viciado na catalogação que define novos e diferentes objetos baseando-se em seus critérios e classificações anteriores. Essa mentalidade presente enquanto ciência no cotidiano dos indivíduos também se transforma em mais um terreno fértil para a propaganda e a figura de autoridade de Thomas. O que o pastor quer é que se associe a sua autoridade, a sua imagem a verdade. O pensamento factual não

chega a uma negatividade crítica de se desconstruir, ele possui seus dogmas e culmina no fortalecimento de figuras como Thomas. Nessa mentalidade a natureza é usada para legitimar a hierarquização e estrutura dessa sociedade. Projeta-se a dominação que se reproduz no interior da sociedade. Competição é apenas um dos valores projetados em animais e sua vida selvagem sem levarmos em consideração às legitimações ligadas a concepção de natureza sem sentido algum que habitam na propaganda quando esta raramente e superficialmente trata de um tema que de fato é relevante. A propaganda usa todos os limites daquilo que domina, mas esta não se limita ao pensamento infantil e simplista do fato. E é disso que trataremos. Thomas é apenas mais um exemplo disso. O pastor extrapola os limites da distorção dos fatos em nome da sua causa. Ele o faz de forma tão frequente que Adorno o classifica como um mecanismo. Dessa vez voltamos aos mecanismos do terror,

Essa estratégia do terror vai muito além de se explorar o medo. Thomas promove o incentivo a um comportamento projetivo tendo como consequência equiparar tais projeções paranoicas a realidade quando compartilhadas no nível coletivo. Além de fatos distorcidos Thomas explora o oculto, o vago, a antropologia pessimista de ser humano de seus ouvintes com o mecanismo que pode ser traduzido como: “se você soubesse”. Essa expressão é usada no início das frases de efeito que o agitador lança para incendiar sua audiência.

Além de jogar com o medo, Thomas joga com a própria curiosidade. Ele insinua até algo supostamente obsceno. Com esse mecanismo ele extrapola todos os limites, passando a inventar e criar relatos escandalosos. O pastor pede que seus ouvintes acreditem em seus vagos relatos. Pequenas histórias vazias que exploram a antropologia pessimista já presente em seus seguidores

devido as condições sociais precárias e os consequentes conflitos que enfrentam diariamente. Esses relatos promovem o terror e que simultaneamente causam até mesmo um prazer em seus ouvintes.

Thomas promete revelar mais daquilo que aparentemente só ele sabe. Essa alegação de que só ele sabe revela que Thomas promete mais informações exclusivas e evidencia que o narcisismo também atua concomitantemente em meio a esses relatos, pertencer ao grupo por si só torna seus seguidores superiores aos seus semelhantes. De qualquer forma, o pastor realiza tal manobra em uma tentativa de prender a atenção de seus seguidores bem como convidá-los a se juntarem ao seu grupo, caso ainda não pertençam ao movimento. Esse detalhe poderia levar a esses novos ouvintes a desenvolverem o hábito de seguirem os discursos regularmente. Junto a essa técnica o convite de Thomas permanece. É característica de movimentos radicais e antidemocráticos o constante reforço da ideia de que se os ouvintes se juntarem ao grupo se tornarão automaticamente superiores pelo próprio fato de participarem do grupo, passando a enxergar como inferiores àqueles que não acompanham os discursos desse mensageiro. Thomas sempre tenta produzir essa sensação em seus ouvintes, eles serão melhores que outros caso entrarem para o movimento. Um grupo que é por vezes retratado curiosamente como fechado e supostamente seletivo. A própria revelação dos “segredos” ligados aos relatos fantasiosos do velho pastor é um elemento dessa superioridade e do narcisismo coletivo promovido.

Normalmente esses relatos terminam com a frase que Adorno escolheu para classificar o mecanismo; “if only you knew” (se apenas você soubesse) para em seguida o pastor encerrar o relato escandaloso, muitas vezes até

supostamente obsceno para assim deixar seus ouvintes sozinhos com suas projeções. Há de atentar para o fato de esses relatos possuem uma natureza infantil e simplista. Obviamente são histórias simples, onde prevalece a dicotomia tradicional de inimigos, vilões, heróis. Há sempre conflito, há sempre aquilo a ser combatido.

Mais uma vez Adorno quer enfatizar como a propaganda fascista aborda temas que na verdade possuem pouca importância. Não há relevância política alguma em tais relatos. Thomas e seus seguidores atacam os próprios fantasmas do que algo real. Isso denota o caminho que a propaganda precisa percorrer para levar os sujeitos a aderirem a uma causa tão irracional que é necessário recorrer a aquilo que é falso, a fantasia. Levando os indivíduos a um estado extremamente emotivo e irracional frente a essa série de estímulos produzidos pela propaganda. Ela não atinge seus objetivos de forma direta, é preciso contornar diversos elementos para então revelar a barbárie a ser instaurada.

O apelo ao escândalo e a todo o sensacionalismo só revela que não há limite na propaganda. O estranho prazer que muitos sentem ao ouvir histórias infundadas resulta até mesmo em um sentimento de gratificação para com a figura do pastor. Seja uma história comum, real ou um relato estúpido de um suposto ritual com elementos sexuais ou satânicos. No caso de Thomas, o pastor e seu público compartilham os delírios paranoicos contra supostos grupos satânicos e ataques a autoridades cristãs; "... the imminente peril of communism, there we find the clergy being attacked and you find forces being used to discredit the leaders" (ADORNO, 1975, p.57).

Mas isso é um padrão em movimentos radicais e autoritários. Hitler relatava escândalos judaicos e supostos casos de corrupção. Mussolini fantasiava sobre os inimigos da nação. Apontando elementos vagos ou minorias o fato é que o pânico moral, a fúria, incendeiam aqueles que acreditam em tais relatos. Curiosamente Adorno evidencia que escândalos reais de corrupção de conservadores e de toda a direita em geral causam muito menos indignação e acabam sendo até ignorados por muitos cidadãos americanos no contexto.

O terror além de indignação, fúria e outros fatores despertados pelo sensacionalismo da propaganda têm como consequência o surgimento de indivíduos que se encontram em eterna vigilância, prontos para combater o suposto inimigo no interior da nação. Mas o que estes indivíduos realizam na prática é o combate a qualquer desvio interno em meio ao esmagamento que os indivíduos são submetidos em meio a adesão ao movimento. Essa postura de eterna vigilância e combate a um inimigo interno é fruto também dessa própria lógica totalitária onde qualquer desvio é punido. Questionar os estúpidos relatos do líder está fora de questão. A extrema obediência e desaparecimento da individualidade é o preço da uniformidade absoluta e unidade que os movimentos buscam alcançar.

Ao mesmo tempo há um clima de constante desconfiança instaurado entre os membros do movimento. Os membros do grupo internalizam a propaganda de tal forma que iniciam o processo de policiamento interno do grupo. A uniformidade, o ideal de unidade não significa que seus membros não se viram uns contra os outros caso o menor desvio seja demonstrado pelo outro. A uniformidade fruto da disciplina imposta gera uma atmosfera onde uma

mera mudança de opinião pode acarretar em sérias consequências já que nesse ponto qualquer desvio pode ser visto como traição. Não há garantias no interior do movimento. No caso Adorno se refere ao que podemos chamar de forma grosseira de um “estágio mais avançado” do radicalismo. Também é nesse momento em que indivíduos sufocados por essa uniformidade buscam sair do grupo. A todo o momento o radicalismo busca punir os arrependidos. O único que pensa, muda e introduz algo novo é o líder, só ele tem esse direito. A garantia absoluta dos poderes do líder se sedimenta na ausência de qualquer autonomia a seus seguidores.

Esse comportamento de vigilantes e perseguições no interior do grupo leva o nome de “Black hand” por Adorno. A hostilidade não se limita aqueles que estão fora do grupo quando a paranoia atinge o nível social. Inverter os padrões, tornando o desvio a norma a ser seguida, evidencia que a propaganda atingiu seus objetivos. A mentalidade paranoica ganha ares de normalidade e aprovação social de muitos enquanto outros se submetem pelo medo. Os indivíduos enfim reproduzem a barbárie e liberam aquilo que a propaganda tanto os incentivou. Sob essa atmosfera os fenômenos do capitalismo tardio se convertem no mito antropomórfico moderno que impõem aos seus alvos a responsabilidade pela exploração que impera por toda a parte.

### Inversão do cristianismo

O que já sabemos até aqui é que o peso da religião em si é pouco relevante na propaganda e na rotina de agitadores antidemocráticos. Sendo



comum a inversão dos valores religiosos. Principalmente no caso do cristianismo pregado por Thomas. Tida como a “religião do amor” Thomas expressa todos esses valores religiosos na direção contrária de seu significado. O que interessa a Adorno é abordar a manipulação teológica de Thomas, indo muito além da exploração comercial da fé promovida pelo movimento. Da mesma forma que os problemas de outras esferas, a insatisfação religiosa é canalizada para uma obediência quase absoluta onde seus discursos se tornam quase dogmas a seus seguidores. Assim como o esclarecimento transforma a ciência em um instrumento da dominação, figuras como Thomas promovem todo um esvaziamento da religião, transformando o sagrado em apenas um meio para atingir seus objetivos. O mesmo cuidado que muitos agitadores possuem ao falar sobre a democracia em um primeiro momento, antes de se voltarem contra o regime político que os colocou inicialmente no poder. Carregando essa “capa democrática” como Adorno afirma ao se referir a Thomas, processo similar ocorre ao instrumentalizar o cristianismo, sacrificando seus ideais, esvaziando seu conteúdo através do mesmo caminho irracional que a propaganda sempre realiza com aquilo que escolhe como alvo. O conceito de nação, totalitarismos, o papel da religião na contemporaneidade, o apelo à tradição e a idealização do passado são elementos recorrentes na fórmula e estrutura da propaganda, previamente planejada.

Thomas percebe muito bem a ruína da religião na contemporaneidade e seleciona de forma cuidadosa aquilo que ainda resiste na sociedade administrada e pode se tornar um instrumento na propaganda da sua cruzada contra o liberalismo da sociedade estadunidense. Apenas se usando da

religião Thomas consegue efetivamente atacar o liberalismo e tradicionais instituições da democracia individualista.

O ataque às instituições do tradicional liberalismo e sua democracia se dá pelo constante “anúncio do fim” da religião cristã, o pânico moral da desintegração dessa sociedade e suas velozes mudanças. Esse suposto fim do cristianismo é uma das principais armas de adesão que diferenciam o pastor de outros agitadores e da propaganda radical e antidemocrática de seu contexto. Isso é possível devido ao caráter sectário que as religiões possuem nos Estados Unidos. Para Adorno esse fator coloca muitas pequenas seitas a se tornarem muito mais propensas ao autoritarismo do que outros grupos. O comportamento projetivo é muito mais intenso, equiparando-se ao real quando reforçado coletivamente. Essas seitas possuem naturalmente uma série de atritos com a sociedade a sua volta e principalmente tensões com instituições são comuns.

Thomas em sua instrumentalização da religião possui traços peculiares quando expressa as suas interpretações de fenômenos da natureza e de sua própria concepção da natureza em si. Adorno acha peculiar a maneira como o pastor recai em um animismo ao atribuir causas e razões teológicas a terremotos e sua associação a outros problemas. As próprias crises econômicas são naturalizadas pela teologia messiânica do pastor tamanha a naturalização da dominação vigente em seu contexto. O sistema religioso é apenas um meio para o pastor e seus seguidores naturalizarem a artificialidade da sociedade administrada. Resultando em uma postura de conformidade frente a uma crise econômica, desemprego ou a perda de direitos trabalhistas. Esse peso divino nos fenômenos contemporâneos denota a ambiguidade da

religião na modernidade. Outrora se acreditava que a religião não seria compatível ou não sobreviveria na sociedade “racional” em ascensão. Mas a religião ainda desempenha um papel significativo na vida de uma parcela da população. De forma mais intensa a imagem projetiva de natureza também se mostra presente.

A mentalidade dessa sociedade usa a natureza como exemplo enquanto projetam em seus fenômenos a dominação e a justificativa do que impera na organização social. Muitos amam os animais carnívoros e predadores em geral, identificando-se com aqueles não importando a classe social que os sujeitos pertencem. Analogias são constantes, as subjetividades, as diferenças e a complexidade da organização entre os homens não são refletidas em suas concepções, a natureza espelha apenas a dominação e oportunamente as justificativas daquela. A concepção de natureza e seu funcionamento já contém a justificativa das desigualdades. O olhar lançado a natureza já esta contaminado pelo esclarecimento e na propaganda isso não é diferente, apenas os animais mais agressivos são saudados.

Mas até mesmo o conceito de nação da propaganda já anuncia o totalitarismo. Thomas retrata os Estados Unidos como uma nação cristã, excluindo automaticamente a comunidade judaica. Adorno atenta em diversos momentos para o antissemitismo do pastor. Ao construir essa narrativa seu ponto de partida é atribuir o sucesso do modelo da sociedade americana exclusivamente ao cristianismo. Assim dentro da narrativa que envolve todas as outras, essa atmosfera da iminência do fim criada por Thomas, leva o desfecho para onde o pastor deseja. Pois ao combinar tais narrativas, Thomas oferece apenas uma saída ao seu ouvinte, a ressurreição de um cristianismo

fundamentalista totalitário, onde nenhuma instituição escaparia de sua dominação. Construir um clima de conflito incendiando os sujeitos com assuntos toscos e oferecendo a saída desejada é um traço comum na propaganda. O agitador se oferece como a saída ao mesmo tempo em que os próprios ataques da propaganda já revelam a saída que pode ser proposta; “My friend, are you an American? Are you a Christian? If you are, you will take cognizance of the situation facing America, but if you are not, you are a coward”(ADORNO, 1975,p.64)

A instauração de um sistema político que aspira por uma dominação absoluta e o conseqüente esmagamento dos indivíduos é o resultado final desse processo, em uma sociedade onde os indivíduos e as famílias já estão enfraquecidos. Nas constantes comparações que Adorno realiza com relação ao nazismo, o frankfurtiano destaca que constantemente ficam evidentes as inversões dos valores do cristianismo promovidas pelo pastor. O que é significativo é o processo em que a religião é esvaziada e conseqüentemente transformada em um meio para servir a sua causa.

Reduzindo o cristianismo em um instrumento a serviço da figura de Thomas. Gradativamente o pastor se apropria da doutrina cristã. Seja fortalecendo sua figura, seja associando-se ao próprio Cristo, o pastor radicaliza a dominação presente em muitos sistemas religiosos. Thomas é produto da própria razão do Esclarecimento. Seus discursos, suas técnicas, a racionalidade irracional do planejamento e execução de sua propaganda evidenciam o caráter perverso daquilo que comumente se denomina razão. A religião é o único instrumento que Thomas pode de fato colocar a seu serviço. Diferente de Hitler que podia atacar abertamente a democracia imposta após a

derrota na Primeira Guerra, o pastor não pode fazer o mesmo que outros agitadores promoviam na Europa. Por isso Thomas esvazia e inverte o cristianismo.

No entanto o destino traçado pelos mais diferentes agitadores é o mesmo, os mais diferentes caminhos levam muitas vezes ao mesmo destino. Além da religião em si, enquanto aparência, uma psicanálise perversa é colocada em prática como tratamos anteriormente. Mas aqui O Futuro de uma Ilusão de Freud fica evidente, conforme Adorno cita o próprio Thomas: “The book that has united the souls of millions of men and women everywhere”(Adorno, 1975, p.101). Thomas segue apelando à tradição ao falar de seus pais e de seus seguidores que também se “uniram” em torno do cristianismo e que, em sua narrativa, tiveram uma vida melhor do ponto de vista moral, pois eles estariam voltados à vida religiosa. A propaganda oscila entre esses assuntos pessoais, usados para uma aproximação pelo agitador, o ataque aos inimigos criados e assuntos de pouca ou nenhuma relevância política.

Quanto a moral e a laicidade, Thomas não demonstra preocupação alguma com a distância que a moral e o direito precisam ter. Além disso, a propaganda do pastor deixa claro que não há uma esfera externa a religião. Esse caráter totalitário torna esse agitador potencialmente perigoso de qualquer forma. Afinal a religião está claramente submetida ao seu Eu que se impõe de forma autoritária sobre tudo aquilo que é externo. O cristianismo de Thomas está totalmente submetido ao seu impulso de destruição. O texto sagrado já está definido de antemão assim como a própria realidade.

Essa característica de Thomas junto a sua paranoia partilhada entre seus seguidores leva o pastor a colocar inúmeras vezes o cristianismo em uma atmosfera fantasiosa e paranoica de desaparecimento no futuro. Esse pânico moral já anuncia que esse cristianismo perverso se tornará a norma, o todo, caso Thomas chegue ao poder. O pastor parece encarnar facilmente a sobrevivência ou regresso ao teocentrismo. Repetidamente ele fala de uma ressurreição do cristianismo, como se esse não existisse mais. Ele fala sobre o glorioso retorno aos “bons e velhos tempos”. Outra técnica comum em agitadores. O pastor ainda sacraliza a luta contra o fantasma do comunismo, caso essa ressurreição religiosa não ocorra o “comunismo e o fim” estariam próximos. A continuidade da existência do cristianismo dependeria do regresso coletivo a uma pura integração “religiosa”.

Essa integração em meio aos iminentes conflitos produzidos pela estrutura econômica é efetivada não apenas pelo que Thomas tem como religião, mas pela própria figura de um inimigo. Essa integração perversa é ainda mais eficiente ao movimento e sua unidade do que a própria deturpação do cristianismo.

A propaganda de movimentos radicais concentra boa parte de seu conteúdo nesse inimigo imaginário. Através dessa projeção patológica presente no grupo tem início um processo onde todos os traços negativos da moral deturpada dos sujeitos se concentram em alguns alvos escolhidos.

Simultaneamente o grupo através de um narcisismo coletivo se coloca como portador de tudo aquilo que é tido como nobre pelos próprios membros do grupo. Em um determinado momento isso é deslocado para a política principalmente quando os movimentos antidemocráticos já estão conquistando

espaço em meio uma crise econômica por exemplo. E enxergam a possibilidade do horizonte totalitário. Thomas em seus discursos transfere para a política seu fundamentalismo religioso. “Deus e o diabo” são inseridos nas bases de seu discurso para que assim os adversários políticos se tornem inimigos infiéis encontrando-se em uma situação de desvantagem já de antemão. Essa sacralização é um elemento perigoso na propaganda do pastor, pois com isso não há espaço para um debate tradicional.

Na prática a propaganda destrói os debates tradicionais da frágil democracia, um alvo fácil de ataques, sendo ameaçada a cada geração. Ainda no caso de Thomas, ele promove o incentivo a comportamentos incompatíveis com o próprio cristianismo. Sob a atuação de suas técnicas a propaganda do pastor se afasta ironicamente de sua religião e seus valores que ele deveria resguardar. O que desperta o interesse de Adorno é o fato de que não se trata do cristianismo. Nem mesmo se trata apenas de poder financeiro, mas sobre o poder em si, sobre dominação. Quando Thomas promove esse cristianismo perverso fica evidente que ele o transformou em um instrumento através da razão cega do Esclarecimento. A religião transformada em um meio e não na finalidade torna o sagrado interessante apenas enquanto serve determinados propósitos de fortalecimento de sua figura ou legitimação de sua cruzada violenta e autoritária, frente a suposta defesa paranoica que é na prática a violência legitimada frente a fantasia de que o cristianismo estaria ameaçado.

A propaganda do pastor se volta até mesmo contra grandes Instituições religiosas tradicionais. Estas também são alvos frequentes de seus ataques. Essa tensão é relevante para demonstrar o radicalismo de Thomas. Esse fato talvez se deva a natureza totalitária do pastor, pois em um determinado

momento a religião já distorcida e deturpada perderá toda sua autonomia e seu propósito de outrora. Passando a servir seu próprio líder e não sua doutrina. Para Adorno isso seria um processo de liquidação da religião e seu papel na contemporaneidade devido tanto a hostilidade de Thomas a Instituições tanto a forma como ele utiliza seus recursos religiosos a seu favor. O pastor submete os textos sagrados de sua doutrina a sua neurose, produzindo distorções e interpretações duvidosas. O resultado não se resume aos ataques a organizações tradicionais, mas ainda a judeus, a glorificação e saudosismo de um passado criado pela sua própria propaganda, a esse vago “bom e velho tempo” ou o anuncio constante do fim que está próximo. São nesses momentos que Thomas retrata a comunidade judaica como “os assassinos de Cristo” e aleatoriamente chega até a ameaça paranoica comunista, associado ao “fim” que apenas seria impedido com a instauração da “vontade de Deus” na Terra.

As i told you yesterday morning, membership in the Synagogue was synonymous with a certain social rights of the day. Unless you belonged to the Synagogue, you were nobody. You were excluded from society as a whole. You did not have any ecclesiastical rights, no religious rights, no civil rights, and very few moral rights. (ADORNO, 1975, p.90)

Thomas claramente inverte o papel dos judeus no passado, realizando uma espécie de revanchismo contra os judeus ao inverter não apenas o passado, mas também seu papel no presente.

Por outro lado impedir o suposto avanço do comunismo leva a justificativa de uma violência que parece ainda pior devido o seu caráter



prático. A teoria freudiana onde a defesa do paranoico se manifesta nessa agressão justificada se expressa aqui como algo criado pelo grupo, pois é bem recebido entre seus seguidores. Muitos deles já podem ser mais radicais que o próprio líder. Não há questionamento nessa narrativa da iminência do fim e de que a nação cristã americana já não tolera mais esses supostos ataques. Toda forma de violência é legitimada ao criar essa atmosfera catastrófica, recorrendo até mesmo a distorção e criação de falsos relatos de crimes, escândalos que anunciam essa iminência do fim em meio ao pânico moral produzido pela propaganda. No fim desse processo jargões de violência se tornam slogans supostamente cristãos. Enfim a propaganda inverte o cristianismo, colocando-o a seu serviço.

Nada disso surpreende Adorno. O pastor explora os limites do cristianismo, até mesmo a crucificação é usada por Thomas para incentivar e legitimar a violência, especialmente uma espécie de vingança contra a comunidade judaica. Essa atmosfera de vingança já denota a radicalização da propaganda. Um elemento muito bem recebido entre os sujeitos, que hostis a civilização, explorados e insatisfeitos enxergam nesse clima a solução para aquilo que não possuem consciência. Eles se vingam daquilo que a propaganda os condicionou, mas mesmo sem ela eles provavelmente escolheriam os mesmos alvos, essa mentalidade infantil não consegue chegar a uma negatividade ou abstração para compreender os processos os quais estão submetidos. A velocidade dos processos de mudanças na contemporaneidade bem como a complexidade de seu funcionamento não corresponde a fatores simples e palpáveis. Além disso, a dominante ideologia burguesa do mérito do indivíduo e que também o responsabiliza

completamente pela sua “falência” contribui na formação desse mito antropomórfico que evidencia a sobrevivência da barbárie. Essa vingança empreendida no vazio, capturada muito bem pela propaganda, converte o ódio gerado pela dinâmica social e a estrutura econômica, no ódio contra os grupos escolhidos autoritariamente como os responsáveis pelo ressentimento e angústia que sentem, mas que ao mesmo tempo não conseguem identificar de onde emana todo esse sofrimento sob a sombra da irrefreável marcha do interminável progresso técnico que parece não ir a lugar algum. O despertar da barbárie é ainda mais perigoso sob a dominação possibilitada pelo mito do progresso em meio à coexistência dos avanços técnicos e o arcaico que sobrevive na civilização.

## A criação do inimigo

Após a construção da imagem idealizada do agitador, a individualidade e subjetividade dos sujeitos esmagada, conceitos invertidos e alterados e em muitos casos a religião esvaziada de seu sentido, os movimentos autoritários precisam começar a colocar em prática suas “soluções” para seu projeto civilizacional sem saída. Tendo como um elemento de peso em sua estrutura a construção e o combate a “inimigos” normalmente responsabilizados por diversos fatores. Na contramão conceitos complexos e processos de construção de ideias ligadas a temas políticos relevantes são elementos ausentes na propaganda. Os discursos de um agitador antidemocrático e radical de direita não passa de jargões, frases prontas carregadas de ódios fundamentados em preconceitos chegando a máxima complexidade de relatos

falsos e distorcidos, evocando uma moral barata que não é reproduzida nem pelos sujeitos e muito menos pelo líder.

Deslocando suas discussões para o campo da moral onde habita a dominante ideologia burguesa, a propaganda evita temas relevantes. Não apenas pela dificuldade em abordar tais temas de forma satisfatoriamente deturpada, mas principalmente pelo simples fato de que temas irrelevantes podem facilmente incendiar os ânimos dos sujeitos. Seja pela irracionalidade ou por simplificações grosseiras, o agitador tem consciência que é difícil atingir seus objetivos de forma direta. Afinal ele também é produto dessa mentalidade. A irracionalidade do conteúdo da propaganda já evidencia suas finalidades conforme já deixamos claro. No entanto o despertar do lado irracional pode ocorrer por varias vias. Não apenas pelos temas de pouca importância política, mas também pela abordagem distorcida daquilo que é de fato relevante, o que pode ser ainda mais nocivo. Mas os ataques a inimigos imaginários construídos pela própria coletividade paranoica de um movimento autoritário demonstram como a importância dada pela propaganda a temas que não possuem relevância alguma podem ser uma grande fonte de agitação e de adesão ao movimento. Em diversos contextos os alvos escolhidos, pela visão simplista e mítica dos fenômenos sociais que líder e seguidores não conseguem explicar, são minorias e “comunistas”. Estes alvos escolhidos pouco nos interessam efetivamente, pois o que os define é o delírio coletivo do radicalismo.

A propaganda sempre apresenta o “comunismo” como uma ameaça vaga e imediata. Nessa narrativa muitas vezes esse poderoso inimigo da família e da nação é colocado como um fenômeno já em curso na sociedade. Assim voltamos aquela inversão acerca do comunismo, muitas vezes em

momentos de crise esse distinto regime econômico é responsabilizado pelos excessos do capital que encontra refúgio em sua própria radicalização nesses momentos. O maior exemplo disso são os regimes fascistas. Essa ironia se deve a essa inversão da propaganda muita bem aceita entre os sujeitos. Em momentos de uma grave crise econômica a catástrofe do capital como um todo é explorada pela propaganda como resultado da própria ameaça comunista, como produto de pequenos avanços de minorias em meio a concentração telúrica de capital que frequentemente ocorre em tais momentos de crise. Esse radicalismo de direita que emerge em tais contextos evidencia que da crise do liberalismo cresce a sua radicalização e não uma mudança efetiva. É inclusive esse horizonte de um colapso que curiosamente torna a possibilidade efetiva de mudança algo temido entre aqueles que possuem praticamente nada. Através de fatores irracionais o conservadorismo ligado a moral e seu apelo influenciam ainda mais as classes baixas a se portarem de uma forma irracional do ponto de vista de seus interesses sócio econômicos.

Listen, my friend what we may expect when we teach our children that man has no soul, when we teach them such doctrines as Karl Marx's Manifesto. This has prepared the world for the final teaching of Communism, my friends, we are going into hell in this country of ours. We have allowed this teaching, this terrible teaching to saturate this country of ours. It has saturated the whole home (!), it has saturated the school. We have allowed our curriculum to be based upon this hypothesis that man has no soul and that by organic evolution, by some way or another man came and all life came upon the Earth... We must turn quickly from this teaching or we are lost ... that is

teaching the foundation stones of Communism (ADORNO, 1975,  
P.108)

Em determinados momentos a propaganda de Thomas e sua estrutura entre os agitadores como um todo é um pouco mais específica em sua narrativa de responsabilização do comunismo e todo o seu deslocamento dos problemas a moral e a minorias. Mas na maior parte a narrativa coloca instituições tradicionais em risco. Assim a família, a nação e a propriedade são sempre apresentadas em uma situação de risco imediato. Em momento algum a real dimensão dessa ameaça comunista ou suas condições práticas são abordadas. A propaganda se coloca a todo o momento em uma situação confortável em seu debate paranoico, pois se ataca aquilo que eles mesmos constroem, não existe a possibilidade desse pensamento infantil chegar a negatividade do debate. Se é que podemos usar o termo pensamento de forma satisfatória nesse caso. O que se ataca são elementos ligados a moral, associando o fantasma do comunismo a destruição e a maldade. O que evidencia repetitivamente essa visão extremamente infantil e maniqueísta de um mundo governado pelo bem e o mau. O comunismo, assim como o próprio apocalipse cristão é retratado com toda essa atmosfera onde impera a infantilidade. Quando a propaganda constrói sua imagem delirante dos grupos que ataca ela se assemelha muitas vezes a narrativa das fórmulas de filmes clichês de baixo orçamento da indústria. Sua estrutura não difere muito, ambos usam apenas elementos simples, palpáveis e infantis combinando esses elementos de forma aleatória onde qualquer possibilidade efetiva de inovação foi esgotada há muito. Além dos comunistas outro alvo frequente são os judeus. Mas os ataques a estes grupos são ainda mais projetivos, sendo

reflexos dos próprios sujeitos que os odeiam, além do fato de que em muitos momentos ambos são associados, “ricos judeus e comunistas”, o que demonstra ainda mais o autoritarismo da fantasia paranoica dos movimentos antidemocráticos.

Um exemplo da paranoia, mítica e antropomórfica se manifesta no famoso escrito “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, um delírio que relata uma suposta organização de velhos judeus para dominar o mundo inteiro. Sim, o mundo inteiro como os vilões das histórias infantis. Uma teoria delirante e simplista comumente conhecida na contemporaneidade como teoria da conspiração. Esse delírio dos Sábios de Sião e o seu sucesso e boa recepção entre movimentos radicais denota a estrutura paranoica dessa mentalidade. A propaganda é repleta de elementos paranoicos e sem nexos quando empreende seus ataques nos alvos construídos e escolhidos. Ao invés de explicar o que é o comunismo, tudo que é tido como negativo, problemas que são produto do capitalismo tardio, são associados a esse conceito, processo similar ocorre com a comunidade judaica e outras minorias. Isso revela como os alvos são escolhidos de forma arbitrária. Esse comportamento autoritário se manifesta em todos os detalhes da propaganda. Apontar inimigos, realizar relações e associações entre fatores que não possuem relação alguma entre si denotam essa imposição constante sobre o real. Produzir de forma autoritária sua própria realidade esmagando o real é o *modus operandi* da propaganda que assim como o psicótico equipara seu delírio a realidade, os sujeitos encontram segurança nos outros que se juntam a eles na barbárie que querem normalizar. As características efetivas de um judeu, a história de perseguição a sua comunidade, o papel imposto a eles ou qualquer outro dado objetivo de

minorias, regimes políticos distintos não é o bastante para justificar sua suposta ameaça, ataques e responsabilizações impostos a estes grupos e regimes na fantasia da propaganda antidemocrática.

In every nation of the world today, you have that tremendous conflict going on between the Jews with the government and the people that are represented within that nation. There is not a nation in the world today that does not have its Jewish problem, not one. I speak, tonight (!), as a friend on the Jews. I speak, tonight, as one that would take the Gospel of Jesus Christ to them, but I say to you without any fear of contradiction: There is a Jewish problem on at the present hour that will not die throughout the Earth. It is the precursor, it is the forerunner of that day, there, that hour when that people shall be gathered yonder in that great land, going back unbelief; but one of these days they will cry to Jesus Christ to release them and he shall come and claim his ancient people...(ADORNO, 1975,P.124)

A partir disso a transformação da imagem dos alvos escolhidos tem seu início. Essa é a principal razão para explicar o fato de que esses inimigos criados muitas vezes são apresentados em uma atmosfera de conspiração. Com esse clima essas minorias e o próprio comunismo passam a ser dotados de qualquer traço que o agitador e os sujeitos escolherem, assim como no pensamento paranoico freudiano o objeto é aquilo que o paranoico define. Indo muito além da escolha desse objeto, em seu delírio o paranoico o construirá para legitimar seus ataques e sua destruição.

Thomas constrói seus próprios inimigos, os responsabiliza pelos excessos do capital e suas consequências. Simultaneamente aqueles que se opõem ao movimento na medida em que este cresce também passam a habitar esse imaginário infantil e paranoico da propaganda. O suposto ataque que instituições tradicionais sofrem de forma imediata e devido a isso se encontram em “risco” é um dos mecanismos que mais revelam a paranoia na propaganda antidemocrática ao lado de seus ataques aos alvos escolhidos. Não apenas o delírio persecutório de Schreber fica exposto, mas também a desproporção da falsa ameaça de minorias no radicalismo da propaganda. Atribui-se uma enorme importância desproporcional a minorias que não possuem voz ou representação política alguma. Em muitos casos essa representação é inexistente, o que comprova novamente que a propaganda não sequer toca o objeto selecionado como foco. Na paranoia ameaças são criadas, grupos distorcidos por essa lente distorcida de movimentos autoritários e seus líderes. Thomas até mesmo insinua a influência de Stalin sobre membros do Congresso dos Estados Unidos e um plano para destruir essa nação.

I wonder if you people know that Stalin, Joseph Stalin, last year, now get it, last year, he published a plan for the destruction of the United States of America. This information was passed on to all of the Communist destruction organizer and secretaries. Now read it. And then review in your mind what has taken place and what is increasingly taking place all over this nation. You note the action of certain Congressmen. You note the action of certain Senators. You note the action of certain leaders in our country. Then you decide for yourself in the seriousness of the hour... He (Stalin) says in the realm of religion: By philosophy and mysticism by the development of liberal



cults and by the furtherance of atheism, we must destroy all Christian creeds. (ADORNO, 1975, P.107-108)

Qualquer mudança ou fenômeno social novo que não seja aceito pelo conservadorismo ganha a roupagem do comunismo. Mas não é necessário haver fenômeno social algum para que acusações fantasiosas sejam direcionadas a esses fatores, vistos de forma absolutamente desproporcional, tamanha a distorção do radicalismo. O novo, pequenos avanços na integração de minorias, uma maior igualdade são acusados de comunismo, pela moral danificada dos sujeitos fruto da sociedade administrada.

A teoria marxista não é abordada em momento algum. O que ocorre quando se acredita que Thomas pode de fato abordar um dos principais meios de dominação, é a realização de uma completa inversão quando discursa sobre as mudanças ligadas a propriedade e o capital na fantasiosa ameaça comunista que paira sobre os Estados Unidos durante a década de 1930. Uma década atingida pela crise de 1929, a qual é inteiramente invertida por Thomas. A crise econômica, em alguns momentos é apresentada como um elemento da conspiração comunista e em outros como algo natural. Assim como o paranoico transfere seus próprios problemas a um objeto externo, Thomas tem a missão de transferir todos os excessos do capital para um agente externo, mas que ainda pertença ao limitado imaginário social dos sujeitos. A inversão reside na ideia de que o comunismo tiraria o pouco que as classes baixas possuem e a propriedade seria concentrada nas mãos de poucos indivíduos. A própria crise econômica que se inicia em 1929 é narrada como o desfecho de uma conspiração comunista. Mas um fator que desperta o interesse de Adorno é a associação que Thomas realiza entre judeus e banqueiros ao mesmo

tempo em que alega o apoio dos judeus aos bolcheviques. Esse estranho relato de Thomas de que um pequeno grupo de homens ricos, responsabilizados pelo pastor, pela crise de 1929, curiosamente conspiram para a instauração do comunismo na nação americana. Essa responsabilização demonstra a inserção de um elemento antropomórfico completamente responsável por um fenômeno social de dimensão telúrica como fora a maior crise econômica do século XX. Não bastasse essa visão mítica, que tenta dominar aquilo que não compreende, toda a paranoia presente nesse delírio onde homens ricos conspiram, contraditoriamente, pela instauração do comunismo em sua nação, evidencia todo o caráter projetivo da propaganda. Nessa narrativa o pastor novamente inverte todo o conjunto de ideias ligadas ao comunismo. Mas o interessante é a forma como o agitador explora a imagem negativa que a maioria possui do homem de negócios. Porém Thomas distorce ainda mais essa figura identificando esses homens como banqueiros judeus apoiados por bolcheviques, insistindo no ataque gratuito aos judeus e na inversão do comunismo. Essa imagem projetiva e paranoica da comunidade judaica era uma das estruturas da propaganda nazista. O judeu rico e ganancioso, mas que ao mesmo tempo conspira nas sombras contra o povo alemão ao lado dos bolcheviques é um traço marcante da máquina do ódio de Goebbels.

O crescente anonimato daqueles que exercem importantes funções econômicas acaba tornando a figura do judeu o alvo mais próximo no imaginário dessa associação. Tornando a comunidade judaica um alvo fácil da projeção que preenche o vazio da dominação do capitalismo tardio. Devido as proibições e toda a história de perseguição ao judeu onde foi lhe imposta a

esfera da circulação, a troca. Esse peso histórico moldou a imagem da comunidade judaica no imaginário da grande maioria. Thomas leva seu antissemitismo até mesmo as suas tensões com Roosevelt e o New Deal, o qual o pastor acusa de ser um dos passos dos planos dos Sábios de Sião. Na absoluta paranoia de Thomas tanto o comunismo quanto o próprio governo de Roosevelt conspiram para o crescimento do ateísmo, associado ao comunismo, sendo mais um anúncio do fim. Mas a radicalização não tem limites mesmo em meio aos efeitos da maior crise econômica de sua época, Thomas ainda retrata desempregados como preguiçosos de forma aleatória na estrutura autoritária de seu discurso sem sentido que aleatoriamente sem coesão alguma percorre os mais variados assuntos ao tratar da realidade submetida ao seu frágil Eu; “There are millions of people in this country who dont want to work and who would not accept a position if they had that opportunity”.(Adorno, 1975, p. 119).

Na radicalização da ideologia burguesa do mérito, soberana na contemporaneidade, os pobres e desempregados são preguiçosos que recusam oportunidades, sendo inteiramente responsabilizados por sua situação socioeconômica mesmo que ainda estivessem sofrendo os efeitos da mais grave crise econômica de seu contexto. Thomas não deixa de esvaziar continuamente a religião, pois para ele o desemprego também é uma punição divina. O desempregado deve sofrer e ser punido em sua lógica. Além desse radicalismo de direita, a propaganda do pastor naturaliza o desemprego ao aplicar essa sacralização fundamentalista nesse problema contemporâneo, constituindo a origem de boa parte de problemas sociais e da angústia presente nos indivíduos, seja pelo desemprego em si, seja apenas pela sua

ameaça. Os sujeitos devem se calar e aceitar essa suposta vontade divina, as quais eles voltam a agradecer quando conseguem mais um salário de fome novamente. Obviamente minorias e principalmente os judeus não poderiam ser ignorados pelo movimento e sua propaganda ao apontar responsáveis por este quadro social. Os judeus são mais uma vez responsabilizados sob o fundamentalismo do pastor. Thomas insinua que a comunidade judaica até mesmo envenenou o Mar Morto. O pastor não apresenta nenhuma evidência e nem ao menos uma explicação plausível para tal frase. Em outros momentos Thomas afirma que o comunismo é a sinagoga de satã.

O que a propaganda faz é deslocar toda a discussão desses problemas para o seu próprio campo de batalha, que corresponde a uma infinidade de assuntos irrelevantes para a dignidade e o descanso da população. A propaganda não corresponde exatamente a barbárie em si, ao anunciar precocemente seus alvos ela é muito mais que o grito de guerra de outrora. Ela é o anúncio da barbárie.

## Constelações Administradas

Posteriormente a estes estudos Adorno analisa minuciosamente uma coluna de astrologia publicada no jornal *Los Angeles Times*. Este trabalho ficou conhecido como *As estrelas descem à Terra*. Nesta análise fica evidente a influência não apenas da Dialética do Esclarecimento, mas ainda a sua interpretação da psicanálise e a presença de uma forma de dominação semelhante ao que o agitador aplica na propaganda em determinados

aspectos. Acima de tudo fica em evidência o esmagamento dos indivíduos limitados a sua mônada, limitados a sua esfera individual, isolados e vulneráveis a rackets, que exercem o máximo de poder possível visando se promover em meio a uma sociedade constituída por indivíduos atomizados.

A influência da psicanálise também é algo que abordaremos ao longo dessa breve discussão, além de ser necessário ainda se deter ao conceito de indivíduo no pensamento de Adorno. Um conceito essencialmente sociológico conforme será demonstrado mais adiante.

Sobre a coluna do *Los Angeles Times*, Adorno analisa o conteúdo publicado pelo período de aproximadamente três meses, entre novembro de 1952 se estendendo até fevereiro de 1953. As publicações são diárias e a coluna leva o título de *Previsões Astrológicas*. Através do título de tais publicações já sabemos bem o que esperar. Um conteúdo vago que abarca os mais variados aspectos do cotidiano. Explorando desejos, frustrações e problemas enfrentados por seus leitores. Normalmente este tipo de crença ou superstição secundária constrói supostas previsões de curto prazo que em sua narrativa servem para colocar os seus leitores em uma posição privilegiada com relação aqueles que não seguem as 'previsões' da coluna de astrologia.

Adorno estrutura sua análise de forma simples e direta, constituindo um texto acessível do autor. Com uma breve introdução, o primeiro tema de sua análise é evidentemente o uso e aplicação da psicologia como um instrumento de dominação e promoção de interesses na narrativa do colunista Carroll Righter<sup>22</sup>. Após abordar os mecanismos aplicados na coluna, Adorno segue

---

<sup>22</sup> Famoso astrólogo norte americano que foi até capa da revista Time em 21 de março de 1969. Righter (1900-1988) é lembrado mais especificamente como o astrólogo das estrelas de Hollywood. Além disso, ele também auxiliou o próprio presidente norte americano Ronald Reagan. O astrólogo aparece até mesmo na autobiografia do ex-presidente Reagan que simpatizava com a pseudociência de

expondo como o colunista busca criar uma imagem idealizada de seus próprios leitores. Ao longo de suas observações Adorno até mesmo expõe as semelhanças da coluna com a própria Indústria Cultural, demonstrando que além das promessas vagas das estrelas, a separação entre trabalho e prazer expressa profundas relações com a mecanização e dominação do tempo livre que cada vez mais se assemelhava ao trabalho. Além disso, o autor aborda o próprio processo que a coluna tanto parece promover de um profundo ajustamento do indivíduo as tendências sociais, tendo sempre todas as soluções e perspectivas apresentadas nos limites da mônada em que se inserem os indivíduos na sociedade administrada. O que representa mais uma forma de esmagamento dos sujeitos e sua individualidade. Adorno ainda destaca que em meio a esse processo, se promove toda uma visão mecanizada das próprias relações sociais entre os indivíduos em sua mônada. Incentivando posturas uniformes e até mesmo hostis com vizinhos, colegas, amigos e familiares.

De qualquer forma, de maneira semelhante à própria propaganda que discutimos, a coluna de astrologia explora os problemas recorrentes da sociedade administrada, problemas presentes na rotina da grande maioria de seus membros. Esse é o cuidado que o colunista precisa ter. Além de recorrer a elementos vagos, o que é característica das colunas de astrologia, explorar os problemas enfrentados pelos leitores, seus anseios, seus desejos, o futuro e suas perspectivas são elementos importantes para se entender o que ocorre aqui. A sociedade administrada não se ausenta nem mesmo das estrelas. O capitalismo tardio decola em direção aos astros para esmagar os indivíduos

---

Righter. O astrólogo escreveu ao todo para mais de 166 jornais ao redor do mundo.

atomizados que criou. Fabricando socialmente os anseios dos sujeitos por mudanças em meio a uma sociedade que muitas vezes busca negar sua estratificação social.

Entre os discursos e toda a estrutura da propaganda antidemocrática e as previsões astrológicas, encontram-se não apenas a tentativa de se explorar e controlar os seguidores, mas o próprio fato de que ambos se promovem explorando as falhas de uma sociedade que se apresenta como ideal, responsabilizando os indivíduos por suas condições. Definir a esses indivíduos o que é considerado normal e socialmente aceitável é uma tarefa fácil diante de sujeitos isolados e completamente atomizados. Ambos produzem um discurso vago buscando a identificação e o maior alcance de sua narrativa. O fato é que enquanto a astrologia estimula uma postura apática através de uma vaga esperança promovida por estrelas mortas, mantendo uma perspectiva ilusória a cada publicação, a propaganda direciona toda a perspectiva e os desejos de mudança nutridos pelos indivíduos para uma postura mais 'ativa' de abandono do conservadorismo tradicional. No caso da propaganda essa vaga perspectiva é representada sob a figura do líder, a esperança, a mudança mágica das estrelas é depositada na eventual ascensão da figura autoritária do líder. Em ambas a dominação e o uso de recursos provenientes da psicologia são aplicados. Em uma forma de dominação os anseios são depositados em elementos antropomórficos enquanto na outra; astros decadentes e até seus 'alinhamentos' com planetas poderiam libertar o sujeito do destino reservado a eles no capitalismo tardio.

Assim como o agitador promove um narcisismo em seus discursos, recorrendo até mesmo a uma espécie de sistema de gratificações a seus

seguidores, a coluna de astrologia realiza um processo semelhante com seus leitores. No caso das gratificações imaginárias da astrologia, Adorno enfatiza o abuso realizado contra os leitores. A coluna joga com a perspectiva de seu público. A monotonia enfrentada pelo trabalho repetitivo e os anseios de seus leitores é instrumentalizada através das vagas promessas dos astros e sua estranha autoridade mágica. Aplicando a psicanálise freudiana em um nível social Adorno deixa claro que a coluna é bem recebida, pois ela se constitui como uma espécie de defesa para os sujeitos. No caso o olhar irracional lançado em direção às estrelas expressa muito bem essa tentativa de defesa do sujeito esmagado onde a estratificação social é tamanha que possibilita a ideia de que um futuro já definido se encontra pronto de antemão e completamente definido.

Nas linhas da coluna de astrologia o esclarecimento não deixa de se manifestar ao colocar as descobertas e avanços da psicanálise a serviço da dominação. O colunista tem a seu dispor o inconsciente e os anseios daqueles que buscam respostas e depositam suas fichas nos astros. Cabe esclarecer que para Adorno, o famoso colunista Righter não exerce uma simples manipulação sobre seus leitores, além dos fatores sociais que citamos até o momento, há ainda uma grande disposição de seus leitores para acreditar nessa pseudociência e todo o seu ocultismo; “As pessoas que têm alguma afinidade com o ocultismo geralmente estão preparadas para reagir à informação que esperam receber, de tal modo a encaixa-la a qualquer custo em seu próprio sistema<sup>23</sup>”.

---

<sup>23</sup> ADORNO, Theodor W. As estrelas descem à Terra: a coluna de Astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre superstição secundária. Tradução Pedro Rocha de Oliveira – São Paulo: Editora UNESP, 2008. Página 64.



Assim como na propaganda o narcisismo aparece como um instrumento, Adorno busca deixar isso claro já no início de sua análise ao fazer referência ao conceito freudiano em questão. Seja nas gratificações imaginárias apenas pelo fato de acompanhar as publicações seja na aproximação do colunista com seus leitores. Adorno enfatiza que a coluna tem uma relação ambígua com seus leitores. Ao mesmo tempo em que esse narcisismo entra em ação com previsões positivas a coluna ainda explora o medo do desemprego em seus leitores.

Mas este processo não é simples. Apesar de se explorar esse contínuo medo em uma sociedade marcada pelas incertezas econômicas, o colunista nunca se refere diretamente ou abertamente a esses problemas. Explorar essa angústia sempre de forma indireta e velada mantém os indivíduos em um estado de vigilância. Incentivando ainda mais que se acompanhe a coluna com cada vez mais frequência; “O termo ‘demissão’ não é utilizado nem uma única vez<sup>24</sup>”. Ao longo de mais de três meses de publicações diárias isso evidencia como a coluna é afinal de contas parte do tempo livre dos leitores. É preciso o mesmo cuidado da Indústria Cultural possui em seu recorte e sempre recorrer a insinuações, abordando estes fenômenos de forma a naturaliza-los. As estrelas estão aqui pra isso, através de suas constelações se retrata todas as dificuldades, crises econômicas e o fantasma do desemprego de uma forma natural, oferecendo respostas e concomitantemente lembrando seus leitores sobre as punições e ameaças abstratas, oniscientes e onipresentes na sociedade administrada.

---

<sup>24</sup> Adorno. 2008. Página 66.

Um comportamento paranoico é incentivado através não apenas desse tipo de abordagem, mas do próprio fato de que o colunista destaca em suas vagas previsões a possibilidade de acidentes. Explorar o medo constante do desemprego não basta, explora-se até mesmo o medo da morte e sua relação com o acaso. Uma das formas em que o medo do desemprego parece se manifestar na coluna é o acaso. Acidentes de trânsito e diversas outras formas de ameaças aleatórias são maneiras de se explorar medos irracionais em agentes sociais já vulneráveis como os leitores da coluna. Uma tarefa fácil para o colunista, através dos mais diversos ângulos o esmagamento sofrido pelos sujeitos é instrumentalizado contra esses mesmos indivíduos. Criando problemas ou explorando problemas persistentes cria-se uma demanda ou se explora uma potencial dependência nesses sujeitos, lucrando com problemas sem oferecer uma solução ou mostrar suas raízes.

De qualquer forma o que está em curso nesse processo é a tentativa de se criar uma dependência nos leitores da coluna. O cuidado do colunista com elementos vagos que facilitam a identificação ao mesmo tempo em que a coluna busca cultivar o sentimento de que a situação e os problemas irão se resolver de alguma forma mágica no futuro esvaziado da coluna. Se a propaganda de agitadores explora determinados problemas visando se promover com interesses políticos, o colunista busca se auto promover com interesses econômicos e manter seus leitores presos ao seu conteúdo. Em ambas o que impera é explorar o inconsciente e o incentivo a comportamentos irracionais. Lucrar de alguma forma com problemas existentes e com dificuldades enfrentadas pela maioria colocando esses fatores para seu próprio benefício.

Essa tentativa de dominação e controle presente tanto na coluna quanto na propaganda só revela que há uma negação de uma mudança real. Gradativamente o problema tende a girar no seu próprio eixo, o que evidencia a natureza contrária a um processo dialético. A coluna mimetiza a Indústria Cultural e sua fórmula exaustiva. Por ser diária e vaga ela é essencialmente repetitiva, retratando um cotidiano fictício para seus leitores, o colunista mimetiza a fórmula da Indústria de “entrar e sair de um aperto” nas palavras de Adorno. Porém assim como os finais felizes dominam as novelas o mesmo ocorre na coluna. Depois da paranoia, das ameaças do acaso, cabe a coluna produzir uma sensação de segurança nos seus leitores, principalmente vinculando essa ideia ao acompanhamento contínuo de suas ‘previsões’; “Um tom confortador permeia toda a coluna: ela parece assegurar o leitor de que ‘tudo ficará bem’<sup>25</sup>”. Essa ambiguidade fica clara nesses momentos e seu papel se assemelha ao da Indústria, transmitindo tranquilidade e conforto depois de gerar tensões. Qualquer postura racional diante de dificuldades enfrentadas parece ser combatida, os problemas simplesmente irão desaparecer. Quanto a isso apenas acompanhar a coluna bastaria. Ela expressa a falta de controle que os sujeitos possuem sobre suas vidas na sociedade administrada e inverte os valores para se promover.

É acompanhando a coluna que a promessa de possuir um maior controle parece surgir. É justamente diante de uma sociedade que esmagou o indivíduo, sua formação, a autonomia da família e os anulou economicamente que mais um agente surge se fortalecendo na demanda criada pelo esmagamento sofrido. Não se acreditava inicialmente em uma modernidade

---

<sup>25</sup> ADORNO. 2008. Página 70.

encantada, até mesmo se projetava um futuro onde a modernidade seria incompatível com a 'irracionalidade' da religião e outros fragmentos irracionais na cultura como a pseudociência da astrologia. O próprio surgimento e fortalecimento desse tipo de crença, foi e ainda é motivo de muita discussão.

No caso da astrologia a ideia irracional de destino é um dos pilares aqui colocados na coluna. Um futuro já definido, colocado como uma espécie de poder metafísico, essa ideia parece ser a forma irracional que a coluna manifesta sobre as forças sociais do capitalismo tardio, cada vez mais anônimas e abstratas. A forte crença no destino pode ser vista como um reflexo desse esmagamento econômico e a incapacidade do sujeito de conduzir e controlar sua própria vida, em uma sociedade que retira cada vez mais sua autonomia, as promessas e toda a atmosfera produzida pela coluna colabora para produzir esse sentimento de gratificação e segurança nessa verdadeira fuga e distorção da realidade que parece ocorrer em um nível social na coluna.

Até aqui oferecemos um panorama de como a ideologia da sociedade administrada aparece na coluna, o que não surpreende nenhum cientista social ou historiador que analise o mesmo objeto. O olhar lançado na direção das estrelas possui as lentes obtusas do capitalismo tardio e todos os valores e detalhes do contexto. O esclarecimento inverte a finalidade de descobertas e avanços e ao invés de libertar os sujeitos ele empreende uma dominação ainda maior sobre eles. Inicialmente fica claro que as conclusões de Adorno acerca da coluna demonstra o quão destruidor algo tão sutil pode se tornar.

Mas ainda não chegamos ao ponto mais crítico que é justamente a *responsabilização* imposta aos indivíduos. Muito além de um mero passatempo ou entretenimento as estrelas quando analisadas com uma maior atenção

estão ordenadas 'coincidentalmente' de acordo com a ideologia burguesa e suas especificidades no capitalismo tardio. Na coluna o indivíduo é responsabilizado por tudo. O determinismo das estrelas o responsabiliza por tudo, sejam os problemas pessoais indo até suas dificuldades econômicas. Qualquer problema enfrentado pode ser resolvido com uma mera mudança de atitude. Ao retratar a resolução de problemas dessa forma a coluna causa um enorme sofrimento nos indivíduos, que são incentivados a se responsabilizarem por suas próprias condições. Ao mesmo tempo em que o indivíduo tem seu 'destino' já determinado pelos astros tudo ainda depende de suas ações e pequenas mudanças em seu comportamento individual. As estrelas responsabilizam completamente o indivíduo pelo seu suposto destino. O que ocorre nas entrelinhas é a promoção de uma conformidade com tendências sociais, a ideia de destino e ação são incompatíveis; "Ele implica que todos os problemas devidos a circunstâncias objetivas, tais como, sobretudo, dificuldades econômicas, podem ser resolvidos em termos de comportamento privado individual ou de um insight psicológico<sup>26</sup>". A coluna abandona a realidade ao retratar tais problemas de uma forma ainda mais distorcida do que a propaganda antidemocrática, as estrelas não tem nada a dizer sobre determinados problemas. Silenciosamente a coluna responsabiliza o indivíduo por seus 'fracassos', enquanto mantém sua perspectiva sobre um vago futuro já definido. O fato é que 'coincidentalmente' a ideologia do capitalismo encontra-se escrita nos astros; "As estrelas parecem concordar completamente com o modo de vida estabelecido e com os hábitos e

---

<sup>26</sup> ADORNO. 2008. Página 73.

instituições circunscritos por nossa época<sup>27</sup>”. Discutimos rapidamente aqui esse estudo de Adorno para expor como a lógica da propaganda antidemocrática e a sua estrutura possui semelhanças com diversas outras formas de discursos na sociedade administrada. A mesma sociedade que possibilitou e permitiu a ascensão do fascismo e convive constantemente com agitadores como o pastor M. Luther Thomas, permite também que uma pseudociência realize uma forma de discurso semelhante, porém de uma maneira mais sutil, o que não a torna menos nociva, principalmente quando as estrelas naturalizam toda a artificialidade e os graves problemas políticos e econômicos da sociedade administrada, responsabilizando inteiramente os indivíduos pela sua situação e problemas, construindo uma narrativa onde uma mera mudança de comportamento individual seria a solução para tais problemas. Através da astrologia, a ideologia do capitalismo tardio ascende em direção às estrelas. Se a propaganda antidemocrática distorce o real, a coluna dos astros nem sequer aborda as forças sociais que esmagam os indivíduos, mas ela não consegue ocultar a projeção da barbárie sobre as estrelas.

## O fim do indivíduo

Uma das primeiras indagações que pode surgir seria a de que haveria um indivíduo ‘in natura’ que não consegue vir à tona. O que de fato fica evidente. Mas é necessário enfatizar que um indivíduo autônomo e

---

<sup>27</sup> ADORNO, 2008. Página 74.

emancipado não surgiria naturalmente, mesmo na ausência de forças sociais cada vez mais poderosas e sofisticadas. Com lentes limitadas e distorcidas que muitas vezes nem mesmo lhes pertencem, os indivíduos reagem aos problemas e mudanças sociais de uma forma tida como irracional por Adorno. Mas ele nem mesmo não constrói com exatidão o que um indivíduo ideal seria não é essa sua tarefa, Adorno raramente esboça conclusões nessa direção.

Essa responsabilização dos indivíduos por seus problemas, tendo principalmente como foco suas dificuldades econômicas vai de encontro ao seu conceito de indivíduo. A concepção de indivíduo de Adorno não se limita as discussões filosóficas que o antecedem. Afinal para ele não é possível pensar de forma isolada nenhum fator social. Sua visão dialética não se limita a uma abordagem estática ou a conceitos acabados e muito menos isolados. O indivíduo para Adorno é mediado socialmente, principalmente dentro da sociedade administrada que o esmagou sob diversas formas. Mas cabe aqui um último esclarecimento sobre o que é o indivíduo para Adorno.

Mesmo que o sujeito tenha se libertado do rígido código moral medieval durante o longo processo de separação entre o Estado e a religião no Ocidente, sua liberdade não foi mantida. A rígida dominação moral exercida também sobre seus corpos dá lugar a uma rígida e abstrata dominação econômica de difícil apreensão, ainda mais quando auxiliada pela ideologia<sup>28</sup>. A queda dos rígidos códigos morais dá origem a fatores que liquidam ainda mais sua autonomia. Nesse vazio deixado pela religião, superstições como a astrologia ganham espaço apenas para se voltar contra os sujeitos.

---

<sup>28</sup> Dias, Michel Aires de Souza. O conceito de indivíduo em Theodor W. Adorno. Revista Sociologias Plurais. V.5, N.2, página 171-193, dez. 2009. Página 176.

A própria constituição dos indivíduos e sua existência ocorrem na medida em que ele exerce um papel ou função social determinada já pela sociedade, na medida em que a própria sociedade produz as condições para a existência de tal função. O que discutimos aqui é o que os indivíduos são influenciados pelas funções que desempenham, internalizando e defendendo valores que em diversos casos contrariam seus interesses econômicos. Porém essas funções e papéis são definidos pelo capital, essas funções sociais existem apenas na medida em que a lógica do mercado as permite existir. Distanciados desse processo, as relações de mercado, as quais não são definidas pelos indivíduos, determinam suas concepções e moral. Uma vez que os indivíduos absorvem e reproduzem seus papéis eles também reproduzem concomitantemente as normas morais que acompanham tais funções. Se estes papéis existem na medida em que as leis de mercado possibilitam sua existência, os indivíduos ao se submeterem às práticas que as acompanham defendem e legitimam aquilo que foi definido externamente e contrariamente a seus interesses racionais<sup>29</sup>. Sua individualidade é moldada pelas regras e dinâmica do mercado. Dessa forma o indivíduo é completamente liquidado. A mentalidade do *ticket*<sup>30</sup>, os rackets, a Indústria Cultural e sua fórmula exaustiva, os agitadores políticos, a própria estrutura social e divisão do trabalho e nem mesmo as 'estrelas' deixam de se voltar contra os indivíduos atomizados em suas mônadas da sociedade administrada. O esclarecimento empreende o mesmo processo de dominação da natureza contra o sujeito e seu corpo, buscando transformar aquilo que vive em algo morto. Em meio a todos esses fatores a sociedade e sua falha integração renova constantemente sua

---

<sup>29</sup> MUSSE, Ricardo. 2016. A Administração do tempo livre. Lua Nova. São Paulo, Nº99, p.107-134.

<sup>30</sup> COHN, Gabriel. Esclarecimento e Ofuscação: Adorno e Horkheimer hoje. Lua Nova. São Paulo. nº 43-97. 1-24. Páginas 1-24. Página 15.



legitimidade se apoiando em sua ideologia que se resume a uma mera aparência socialmente necessária.

## Bibliografia

ADORNO, T.W, The psychological technique of Martin Luther Thomas' Radio Addresses. Gesammelte Schriften, 9.II. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1975.

ADORNO, Theodor W. As estrelas descem à Terra: a coluna de Astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre superstição secundária. Tradução Pedro Rocha de Oliveira – São Paulo: Editora UNESP, 2008.

ADORNO, Theodor W. Aspectos do novo radicalismo de direita; traduzido por Felipe Catalani. – São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação; tradução Wolfgang Leo Maar. 2ª edição revista – São Paulo: Paz e Terra, 2020.

ADORNO, Theodor W. Ensaio sobre psicologia social e psicanálise ; tradução Verlaine Freitas. – 1.ed – São Paulo: Editora Unesp,2015.

ADORNO, Theodor W. Estudos sobre a Personalidade Autoritária ; Organizado por Virginia Helena Ferreira da Costa ; traduzido por Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa, Carlos Henrique Pissardo. Apresentação à edição brasileira e resumo de The Authoritarian Personality por Virginia Helena Ferreira da Costa – São Paulo – Editora Unesp , 2019.

ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade; seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida; traduzido por Julia Elisabeth Levy...[et al.]. – 10ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2016.

ADORNO, Theodor W. Introdução à Sociologia; tradução Wolfgang Leo Maar. – São Paulo: Editora Unesp, 2008.

ADORNO, Theodor W. Minima Moralia: reflexões a partir da vida lesada;

tradução Gabriel Cohn. – Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

ADORNO, Theodor W., Max Horkheimer; *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*; tradução, Guido Antonio de Almeida. —Rio de Janeiro: Zahar, 1985

Alves, Júnior, Douglas, Garcia. *Depois de Auschwitz: a questão do antissemitismo em Theodor Adorno* – São Paulo: Annablume: Belo Horizonte: Fumec, 2003

Apostolidis, Paul. *Stations of the Cross; Adorno and Christian Right Wing Radio*;DUKE UNIVERSITY PRESS, Durham and London, 2000.

ANTUNES. Deborah Christina. *Por um conhecimento sincero no mundo falso: teoria crítica, pesquisa social empírica e The Authoritarian Personality*. 2012. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2012

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas volume 1.3ª edição. Tradução Sergio Paulo Rouanet*. São Paulo. Editora Braziliense. 1987

Carone, Iray; *Fascism on the air: Estudos frankfurtianos sobre o agitador fascista*, Lua Nova nº 55.56—2002

CHAVES, Ernani, *O Fascismo como um “sistema paranoico”:a “psicanálise do anti-semitismo” na Dialética do esclarecimento*. Pulsional > Revista de Psicanálise > Artigos > p. 25-33 ano XVI, n.176, dezembro/2003.

CONNELL, Matt F. *Body, Mimesis and Childhood in Adorno, Kafka and Freud*. *Body & Society* © 1998 SAGE Publications (London, Thousand Oaks and New Delhi), Vol.4(4): 67-90.

Cook, Deborah. *Adorno on Mass Societies*, JOURNAL of SOCIAL

PHILOSOPHY, Vol. 32 No. 1, Spring 2001, 35-52. 2001 Blackwell Publishers

Cook, Deborah; Adorno on late capitalism. Totalitarianism and the welfare state. University of Essex. *Radical Philosophy* 89 (May/June 1998)

Cook, Deborah; Theodor Adorno: Key concepts; Published by Routledge 2 Park Square, Milton Park, Abingdon, Oxon OX14 4RN 711 Third Avenue, New York, NY 10017, USA. 2014.

COHN, Gabriel. Esclarecimento e Ofuscação: Adorno e Horkheimer hoje. *Lua Nova*. São Paulo. nº 43--97. 1-24. Páginas 1-24.

COSTA, Virginia Helena Ferreira. "A Personalidade Autoritária": Antropologia Crítica e Psicanálise. 2019. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2019.

Crochík, José Leon, T. W. Adorno e a Psicologia social, *Psicologia & Sociedade*; 20 (2): 297-305, 2008.

Dias, Michel Aires de Souza. O conceito de indivíduo em Theodor W. Adorno. *Revista Sociologias Plurais*. V.5, N.2, página 171-193, dez. 2009.

FREITAS, Bruno Carvalho Rodrigues de. *Psicanálise e crítica social em Adorno*. 2016. Dissertação de mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Freud S. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Freud, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*, São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

Freud, Sigmund. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber")*: artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913) — São Paulo: Companhia das Letras, 2010

Freud, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros*

textos (1926-1929); tradução Paulo César de Souza. – 1ªed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Freud, Sigmund. Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916); tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FROMM, Erich. *The Working class in Weimar Germany. A psychological and Sociological Study.* Translated by Barbara Weinberger.. Royal Leamington Spa Warwickshire. 1984

Gagnebin, Jeanne-Marie. Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin—Perspectivas, São Paulo, n16: p.67-86, 1993.

GRAMSCI, Antonio. *Contro la legge sulle associazioni segrete*, 1997, Manifestolibri; Translated: by Michael Carley for marxists.org 2006. Speech to the italian parliament on 16 May 1925. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/gramsci/1925/05/speech.htm>. Acesso em: 18 de novembro de 2022.

HORKHEIMER, Max. *Selected Essays.* Translated by Matthew J. O'connel and others. New York. The Continuum Publishing Company. 2002.

Jarvis, Simon. *Adorno, a critical introduction;* Polity Press in association with Blackwell publishers ltd. 29 West 35th St, New York, 1998.

Jay, Martin. *The dialectical imagination: a history of the Frankfurt School and the Institute of Social Research. 1923-1950.* Berkeley and Los Angeles, California. University of California Press. 1996.

LOWY, Michael. VARIKAS, Eleni. A crítica do progresso em Adorno. **Lua Nova.** Nº27–92.201/215.1992. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/CWwhHNknyrMyb78fn5XsRwF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

MUSSE, Ricardo. 2016. A Administração do tempo livre. Lua Nova. São Paulo, N°99, p.107-134.

POLLOCK, Friedrich. State Capitalism its possibilities and limitations. In: Arato. Andrew and Gebhardt.Eike. The Essential Frankfurt School Reader. New York. Urizen Books. 1978

Tarelho, Luiz Carlos, Projeção e Sofrimento Psíquico na Paranoia; *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 3, p. 463-473, jul./set. 2012.

Wheeler Brett R. Antisemitism as distorted politics: Adorno on the public sphere, *Jewish Social Studies*, 2001, p.114-148.

Wiggershaus, Rolf; *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*/tradução do alemão por Lilyane Deroche-Gurgel; tradução do francês por Vera de Azambuja Harvey; revisão técnica por Jorge Coelho Soares.— Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.